UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ RODRIGUES JAMBA SEGUNDA

JUVENTUDE E VULNERABILIDADES SOCIAIS EM LUANDA-ANGOLA

NATAL/RN

2024

JOSÉ RODRIGUES JAMBA SEGUNDA

JUVENTUDE E VULNERABILIDADES SOCIAIS EM LUANDA-ANGOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Estado, Governo e Sociedade**.**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Freitas Morais.

NATAL/RN

2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Segunda, José Rodrigues Jamba.
Juventude e vulnerabilidades sociais em Luanda-Angola / José Rodrigues Jamba Segunda. - Natal, 2024.
156 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, RN, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Carlos Eduardo Freitas Morais.

1. Estado e Sociedade - Dissertação. 2. Dramas e Sofrimentos - Dissertação. 3. Desigualdades sociais - Dissertação. 4. Vulnerabilidades - Angola - Dissertação. I. Morais, Carlos Eduardo Freitas. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA CDU 304(673)

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

JOSÉ RODRIGUES JAMBA SEGUNDA

JUVENTUDE E VULNERABILIDADES SOCIAIS EM LUANDA-ANGOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Natal/RN, **18** de **março** de 202**4**.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Carlos Eduardo Freitas Morais

(Orientador – PPGCS-UFRN)

_____

Prof. Dr. Lucas Trindade Da Silva

(Professor Examinador Interno ao programa – PPGCS-UFRN)

_____

Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz

(Professor Examinador Externo à instituição – UNILAB - BAHIA)

Aos Jovens e Famílias Angolanas Marginalizados/as na Sociedade Angolana!

Aos meus pais, Rodrina Ndenbele, e Valente Tchicomo Segunda, por sempre acreditarem em mim. Dedico também ao meu filho Valente Biete Segunda (Beldris), e especialmente ao meu filho Rodrinaldo Loth Segunda, que partiu para casa do pai celestial em dezembro de 2022, no período do mestrado!

Que Futuro a Gente Traça – Uma Poesia À Juventude Angolana

De futuro de amanhã ao futuro que nos passa;

Da esperança para alcançar; ao presente que se escassa;

Que futuro a gente traça?

O que se traça aqui? Aqui, na amargura da paciência; na beleza do desespero;

Do desejo sem desejo ao desprezo sem sujeito;

Que futuro a gente traça?

Da escassez de tudo à abundância de nada;

Do nada daqui. Daqui, da sanzala de nzala;

Onde o que era vida, hoje são dados.

De desemprego, fome e insegurança;

Que futuro a gente traça?

Era para não falarmos hoje. E se falarem por nós?

Nós, os sem oportunidades, os violentados com descrença.

Aliás, quem devia falar por nós?

Somos a voz da zungueira, a voz do barbeiro.

Somos a voz da pambaleira, a voz do pedreiro.

Se há um futuro que nos traçam, que conheçam o nosso, porque é nossa.

É nossa, a dor, a dor do cobrador, cobrador da dor, da dor da moça, que vende e não almoça; E da corrida perde as coisas, coisas do futuro, do futuro que a gente traça.

Mas que futuro a gente traça?

Autor: **Kambata Kindala "**Dumilde Artur**"**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, da sabedoria, da perseverança e do amor, porque sem Ele nada seria possível graças ao pai celestial que conseguimos terminar o mestrado em ciências sociais.

Agradeço aos meus pais, Rodrina Ndenbele, e Valente Tchicomo Segunda, por sempre acreditarem em mim. Aos meus irmãos, Paula Kassova, Zacarias Pedro, Teresa Augusta, Tiago Rodrigues, e Severino Jamba, por estarem sempre ao meu lado. E ao meu filho Beldris, saudades de vocês, vos amo família. As minhas tias, Luzia e Maria, o meu muito obrigado por tudo que já fizeram por mim. A minha prima, Júlia Simão, por estar sempre ao meu lado independentemente dessa distância. Para minha prima Madalena Cassinda, a sua chegada ao Brasil foi importante para mim. Agradeço também a minha ex-companheira Bela, por cuidar do nosso filho durante esse tempo todo.

Ao meu querido orientador Professor Dr. Carlos Eduardo Freitas, por me acolher desde o primeiro momento que aceitou me orientar e estar disponível a todo momento quando eu precisei de alguma coisa, estava sempre pronto para me auxiliar, e peço perdão por algumas orientações que deixei passar.

Aos Professores, Lucas Trindade Da Silva e Paulo Gomes Vaz, por aceitarem fazerem parte da qualificação e da defesa de dissertação de mestrado, e que jamais serão esquecidas as vossas sugestões e críticas que fizeram para a contribuição do desenvolvimento da minha pesquisa. Gratidão por tudo!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-PPGCS, em nome do Professor Orivaldo Lopes, e Professor Lucas da Silva, sem vocês também nada seria concretizado, vós fostes peças fundamentais para a concretização da finalização do Mestrado. Meus votos de agradecimentos vai também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES e ao PPGS-UFRN, pelo apoio financeiro que me deram durante todo o período da minha formação de mestrado em ciências sociais.

Ao secretário do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais-PPGCS-UFRN, Otânio Costa, pelo auxílio e pela disponibilidade que sempre se manifestou a me ajudar. Também aos meus amigos e colegas feito durante ao mestrado, especialmente aos colegas do Grupo de Pesquisa-GPS, Mateus, Ademar, Anne Caroline, Socorro, Diógenes, Gabrielle, agradeço a vocês por compartilharem os vossos conhecimentos comigo. E a todos os colegas

da minha turma de Mestrado do semestre 2022.1. De modo geral, muito obrigado Universidade Federal do Rio Grande do Norte pela recepção e acolhimento.

A minha companheira, Belina Loth Nahana, pela dedicação e paciência. Por me apoiar no processo da minha escrita da dissertação e pelos momentos que me encontrava em Natal-RN, na alegria e na tristeza, sobretudo pelo que se passou durante o período da gravidez que foi tão difícil para gente pela a perda do nosso filho, só tenho agradecer a você pela mulher que és e que tanto à respeito. Você me ajudou a superar desafios e alcançar meus objetivos. Graças ao seu apoio, sou uma pessoa mais confiante e seguro. Receba, os meus sinceros agradecimentos!

Ao, Bartolomeu Agostinho, Dumilde Artur, Pedro Quessongo, Cristiano José, Francisco Kiosa, Faustino Pedro, Eugénio Evandeco, Divua Catenda, e Sansão, por compartilharem comigo ideias construtivas e também bons momentos que já passamos. Gratidão também a toda comunidade angolana da Bahia-SFC, em relação ao pessoal do grupo do WhatsApp da Casa da Mãe, pelos momentos bons e maus compartilhados entre nós no grupo e fora do grupo. A Vivian, Esmeralda, Carol, e Margareth. A todos vós gratidão pelas vossas amizades.

Aos amigos que criei em Natal-RN nesse processo da minha formação, sobretudo a comunidade africana, em particular Flávia Gaieta e Christie Jennifer, por compartilharem comigo a vossa casa sempre que eu fosse ao Rio Grande do Norte, vós sempre mostrastes disponíveis a me acolherem, sem vocês não sei o que seria de mim, quando cheguei pela primeira vez em Natal, sem ter um teto para estar. Os meus sinceros agradecimentos!

Por fim, minha profunda gratidão ao Victor Capingala, Abel Ndala, Júlia João dos Santos, Cristina Pedro, Paulo Kalepe, e Zacarias Segunda, por me auxiliarem e indicarem alguns indivíduos para entrevistas, e aos participantes envolvidos diretamente e indiretamente, vós sois a peça fundamental para conclusão desse ciclo porque sem cada um/uma de vocês não seria concretizado a pesquisa de campo.

Tuapandula Tchalua (**Muito obrigado**).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as desigualdades sociais em Luanda (Angola), com um recorte específico nos dramas e sofrimentos vividos por jovens angolanos que vivem em situação de vulnerabilidade social. Para alcançarmos os nossos objetivos e o problema da pesquisa apresentada na investigação, foi realizado o uso do método qualitativo através tanto de pesquisas bibliográficas, e de campo, como também de entrevistas face a face. Além disso, a abordagem metodológica se apoiou no método compreensivo a fim de analisar os significados subjetivos de experiências vividas de jovens angolanos em situação de desigualdade social. A investigação empírica dos dramas e sofrimentos dos jovens angolanos, realizou-se por base de entrevistas, estudos integrantes e observação de documentos relevantes. Foram escolhidos jovens de diferentes situações sociais e econômicas para se fazerem presentes na pesquisa. Os interlocutores no decorrer das entrevistas foram convidados a exprimirem a respeito dos desafios, dificuldades, vivências e de suas histórias. No qual foram levantadas temáticas relacionadas ao desemprego, falta de oportunidades, carências de faltas de formação profissional, criminalidade, rejeição e a questão da pressão social. Pontua-se que um dos principais resultados encontrados do estudo empírico é o aumento da taxa de desemprego, e extrema pobreza entre os jovens angolanos na capital-Luanda, principalmente das zonas periféricas, na falta de acesso à educação, saúde, serviços essenciais, marginalização, exclusão social e violências. No qual vários desses jovens participantes evidenciam encontrar-se em situação de abandono, desiludidos, imotivados e excluídos na sociedade e que não se revejam diante as políticas públicas e sociais implementados pelo governo angolano para melhoria de vida, especialmente para os jovens angolanos, que reivindicam sobre as insuficiências de programas sociais e projetos que atendessem os adolescentes e os jovens. Entende-se que é necessário implementação de políticas públicas adequadas, a fim de diminuir ou combater as assimetrias sociais e proporcionando a inserção dos jovens na comunidade. E é necessário que essas políticas sejam aplicadas para que os jovens consigam demonstrar ou lidar com os seus dramas e sofrimentos.

Palavras-chave: Estado e Sociedade; Dramas e Sofrimentos, Desigualdades sociais; Juventude; Vulnerabilidades; Angola.

ABSTRACT

The present work aims to understand social inequalities in Luanda (Angola), with a specific focus on the dramas and suffering experienced by young Angolans who live in situations of social vulnerability. To achieve our objectives and the research problem presented in the investigation, the qualitative method was used through both bibliographical and field research, as well as face-to-face interviews. Furthermore, the methodological approach was based on the comprehensive method in order to analyze the subjective meanings of the lived experiences of young Angolans in situations of social inequality. The empirical investigation of the dramas and sufferings of young Angolans was carried out based on interviews, comprehensive studies and observation of relevant documents. Young people from different social and economic situations were chosen to participate in the research. The interlocutors during the interviews were invited to express their challenges, difficulties, experiences and their stories. In which themes related to unemployment, lack of opportunities, lack of professional training, crime, rejection and the issue of social pressure were raised. It is noted that one of the main results found in the empirical study is the increase in the unemployment rate, and extreme poverty among young Angolans in the capital-Luanda, mainly in peripheral areas, in the lack of access to education, health, essential services, marginalization , social exclusion and violence. In which several of these young participants show that they find themselves in a situation of abandonment, disillusioned, unmotivated and excluded in society and that they do not recognize the public and social policies implemented by the Angolan government to improve their lives, especially for young Angolans, who demand about the insufficiencies of social programs and projects that serve adolescents and young people. It is understood that it is necessary to implement appropriate public policies in order to reduce or combat social asymmetries and providing the integration of young people into the community. And it is necessary that these policies are applied so that young people are able to demonstrate or deal with their dramas and suffering.

Keywords: State and Society; Dramas and Suffering, Social inequalities; Youth; Vulnerabilities; Angola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa geral de Angola **10**

Figura 2 – Mapa da província de Luanda **27**

Figura 3 – Mapa do município de Viana **27**

Imagem 1 – Jovens angolanos clamam pelo desemprego em Luanda **39**

Imagem 2 – Abordagem da Polícia Nacional de Angola aos jovens **48**

Imagem 3 – Serviço de Investigação Criminal **49**

Imagem 4 – Polícia Nacional de Angola **51**

Imagem 5 – Marcha contra o racismo em Angola **69**

Imagem 6 – Manifestação em Luanda sobre a miséria **101**

Imagem 7 – Manifestação em Luanda sobre o desemprego **102**

Gráfico 1 – Representação da evolução do emprego em Angola **95**

Gráfico 2 – Variação da taxa de emprego em 2019-2022 **96**

Gráfico 3 – Taxa sobre o desemprego juvenil em Angola **97**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AS – Assistente Social

BMA – Banco Mundial em Angola

BNA – Banco Nacional de Angola

BRICS – Países Emergentes

CRA – Constituição da República de Angola

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

IDS – Inquérito sobre Despesas e Receitas

IEA – Inquérito ao Emprego em Angola

IHD – Índice de Desenvolvimento Humano

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISSC – Conselho Internacional de Ciências Sociais

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

KZ – Kwanza

MPDN – Ministério do Planejamento e Desenvolvimento Territorial

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONGS – Organizações Não Governamentais

OPEC – Operações Comerciais

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PDN – Plano de Desenvolvimento Nacional

PIB – Produto Interno Bruto

PNA – Polícia Nacional de Angola

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RDH – Relatório de Desenvolvimento Humano

UERSS – União Soviética

UN – Nações Unidas

UNICEF – Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

UNESCO – Organização das Nações Unidas, a Ciência e Cultura

UNITA – União Nacional Para a Independência Total de Angola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL **10**

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO GERAL DA JUVENTUDE, TRABALHO, VIOLÊNCIA: e caraterização dos sentimentos morais dos jovens em Angola **29**

1.1 Conceitos de juventude(es) **29**

1.2 Política Nacional da Juventude Angolana: Visão, Missão, Princípios e Valores **35**

1.3 Inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho **38**

1.4 Jovens em situação de violência **43**

1.5 Jovens angolanos inseridos na prática da delinquência juvenil **45**

CAPÍTULO II – DESIGUALDADE, RAÇA, POBREZA E (DES)EMPREGO: Uma revisão da literatura **53**

2.1 Desigualdades Sociais **54**

2.2 Desigualdades sociais no contexto das periferias **61**

2.4 FENÔMENO DA POBREZA: E DIFERENCIAÇÃO ECONÔMICA DE ANGOLA **76**

2.4.1 Pobreza e Vulnerabilidade social **76**

2.4.2 Dimensões das desigualdades sociais e pobreza em Angola **83**

2.4.3 Análise das Taxas de desemprego e emprego em Angola **90**

CAPÍTULO III – PESQUISA EMPÍRICA **98**

3.1 Trajetórias e modo de vida dos jovens participantes na pesquisa **99**

Batista – História, trajetórias e modo de vida **104**

Vícios e Práticas ilícitas **105**

Mateus – História, trajetórias e modo de vida **107**

Vícios e Práticas ilícitas **108**

Madalena – História, trajetórias e modo de vida **109**

Vícios e Práticas ilícitas **111**

Levi – História, trajetórias e modo de vida **112**

Filipe – História, trajetórias e modo de vida **113**

Vícios e Práticas ilícitas **115**

Zelote – História, trajetórias e modo de vida **116**

Judas – História, trajetórias e modo de vida **117**

Sara – História, trajetórias e modo de vida **118**

Vícios e Práticas ilícitas **119**

Tadeu – História, trajetórias e modo de vida **120**

Davi – História, trajetórias e modo de vida **122**

João – História, trajetórias e modo de vida **123**

3.2 O Papel das Famílias, Escolas na Formação dos Jovens **126**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **130**

REFERÊNCIAS **134**

Fonte: https://www.publico.pt/2015/04/19/mundo/noticia/entre-o-lixo--e-o-luxo-angola-sobrevive-a-crise-1692713

INTRODUÇÃO GERAL

Apresentação da Pesquisa

Angola situa-se na África Austral, localizada na região central do continente africano, formada por 18 províncias: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Cunene, Huíla, Huambo, Malanje, Moxico, Namibe, Luanda, Lunda Norte, Lunda Sul, Uíge e Zaire. Sua capital, Luanda, apresenta a população estimada em 9.079.811 milhões e a cidade é banhada pelo oceano Atlântico. De clima tropical, Angola tem uma extensão territorial 1.246.700 km², assim sendo, é o 7° maior país do continente africano, contendo 18 províncias, até ao momento, sendo uma das províncias a Cabinda que faz fronteira com o Congo Democrático do Congo. Em que ao Norte e a Leste fica a República Democrática do Congo, e a leste a Zâmbia, e a sudeste a Botsuana, e ao Sul faz fronteira com a Namíbia. E a sua moeda nacional é o Kwanza[1]. Segundo as Organizações das Nações Unidas, a sua população estima-se que são 33.934.000 habitantes, ocupando a 12ª maior população de África, em relação à taxa de natalidade o país ocupa a em segundo lugar do mundo, assim como também uma das populações mais jovens do mundo[2].

Figura 1 – Mapa geral de Angola

Fonte: https://www.coladaweb.com/geografia/paises/angola

[1] O Kwanza é a moeda nacional de Angola, que foi instituído no país no ano de 1999. O nome da moeda, é relacionado ao maior rio de Angola, que é chamado de rio Kwanza.
[2] Instituto Nacional de Estatística (INE) – 2022.

Angola tem diferentes variedades de recursos naturais, que na qual se englobam especificamente o petróleo, diamantes, minério de ferro, jazidas de cobre, fosfatos, manganês, mica, estanho, sal, chumbo, prata, ouro, e platina, que predominam desde o período dos anos 90. Que além desses elementos mencionados o país também conta as suas indústrias locais, de diversas áreas. Nguluve (2016) afirma que em meados de 2000, a produção de petróleo chegou a produzir mais 750.000 mil barris por dia, que acabou alavancar Angola e lhe colocando em um ótimo posicionamento ocupando segundo a nível do continente africano, ficando apenas atrás da Nigéria, sendo que os analistas econômicos apontam num crescimento da produção do petróleo numa escala maior de 1.000.000 de barris por dia. Colocando o petróleo mas em um nível mais destacado internacional, sendo que representa 90%, das exportações mais procuradas do país. E que a maior receita do estado angolano é proveniente do petróleo contendo 80% das receitas, de igual modo 42% do PIB angolano. Salientando que essas riquezas não refletem na vida dos jovens angolanos, e que a situação do desemprego até aos dias atuais vem crescendo, onde várias famílias e jovens estão vulneráveis.

Em relação ao alto índice elevado de pobreza na sociedade angolana[3], especificamente na cidade de Luanda, está diretamente ligado à desigualdade social presente no país, partindo, das injustiças da má distribuição de renda e na escassez de inexistentes oportunidades de inclusão social e econômica. Dito isso, é fundamental trazer temáticas sociológicas para nos ajudar a compreender os desdobramentos, as trajetórias e perspectivas dessa área uma vez que estão, diretamente imbricados a sociedade, independentemente das categorias raça, étnicas, gênero e sexualidade, religião (ou espiritualidade) ou escolaridade. As desigualdades sociais compõem-se nos principais fatores de vulnerabilidades sociais em que se encontram os grupos de minorias, em situações de extrema pobreza e socialmente marginalizadas, abrangendo assim um conjunto de fatos sociais (situações) em diversos bairros periféricos da Capital de Luanda. As desigualdades sociais na cidade de Luanda são reflexos de diversos fatores, como já mencionado, que é desigualdade na distribuição de riqueza e renda, o desemprego, a pobreza,

[3] O IPM-A complementa os resultados sobre pobreza monetária publicados recentemente pelo INE, calculados a partir do Inquérito de Despesas e Receitas em Angola (IDR) 2018-2019, que centrou se na pobreza medida em termos de consumo de bens e serviços. Os resultados sobre pobreza monetária indicam que a incidência da pobreza em Angola é de 40,6%, o que significa que cerca de 41, em cada 100, os angolanos têm um nível de consumo abaixo da linha da pobreza, estimada em Kz. 12.181 por mês. A incidência da pobreza é maior nas áreas rurais, representando quase o dobro comparativamente às áreas urbanas. Estes dados são importantes com uma abordagem puramente monetária, mas o IPMA os complementa e fornece uma visão mais ampla das necessidades que a população angolana enfrenta na sua vida quotidiana. Considerando a pobreza em todas as suas formas, as políticas públicas alcançarão uma melhoria considerável e permanente na vida da população do País. INE (2020, p. 15).

violência, como na falta de acesso a serviços básicos, em relação à saúde, educação e moradia. Situação de exclusão social e falta de oportunidades de empregos e formações profissionais, pode levar várias pessoas a problemas de saúde como mental e física, e no crescimento da delinquência juvenil. A juventude é o grupo mais vulnerável na capital de Luanda, especialmente aqueles (as) de camada baixa que moram em bairros periféricos, onde enfrentam diversas dificuldades como a falta de oportunidades de uma educação de qualidade, de trabalho, saúde, falta de segurança, e de infraestrutura básica.

Ferreira e Latorre (2012, p. 25) afirmam que "desigualdade social é uma condição inerente ao próprio sistema capitalista, onde um pequeno grupo de pessoas detém os meios de produção e o capital financeiro, enquanto a grande maioria da população é possuidora apenas de sua força de trabalho". Silva (2010, p. 156) compreende que a "pobreza decorre em grande parte, de um quadro de extrema desigualdade, marcado por profunda concentração de renda". De acordo com Carvalho (2004a, 2004b), a qualidade de vida da população angolana, até aos dias atuais é extremamente muito baixo, e que existe uma visibilidade quanto em zonas rurais, como nas áreas urbanas, que há uma suficiência de quase tudo numa sociedade angolana, o que impede o indivíduo a sua sobrevivência. A grande parcela da população não usufrui os direitos essenciais, como no acesso dos programas de assistências sociais. Sendo que existe um índice menor no acesso de assistências básicas sanitárias, habitação digna, e saneamento adequado. Em Angola, é notável o tipo de qualidade de vida de cada cidadão, ao redor dos centros das cidades, e nas periferias, a falta de acesso de água potável, energia elétrica, escolas e a falta de hospitais. Entretanto, todos os pontos aqui apresentados, podem influenciar os sentimentos morais experimentados pela juventude de Luanda.

> A busca de condições de segurança e de bem-estar direcionou para a cidade capital um grande número de indivíduos, oriundos dos mais diversos pontos do país, sobretudo jovens, com aspirações de inserção no mercado de trabalho e na vida economicamente ativa. O crescimento acelerado da população de Luanda e a fraca resposta institucional de acompanhamento a esta lógica, constituíram um dos principais fatores para o surgimento de grupos e famílias vivendo em situação de risco, aumentando a probabilidade de ocorrência de problemas sociais de vária ordem. Com o objetivo de contornar a situação de vulnerabilidade a que estão sujeitos, muitos jovens procuram formas de subsistência e de fugir à pobreza, ingressando num ramo de atividade económica, geralmente, sem limitações burocráticas e que cujo controle escapa, muitas vezes, às instituições vocacionadas para o efeito. Referimo-nos às atividades que englobam a chamada economia informal e que a sua dimensão e forma de organização constitui motivo de indagação sociológica (De Sousa, 2014, p. 9).

A falta de política pública de qualidade que responda os problemas e os desafios que os jovens enfrentam, faz com que esses indivíduos procurem meios de subsistência para sua

permanência, com objetivo de solucionar as instabilidades financeiras e amenizar a situação da vulnerabilidade socioeconômica a fim de fugir da pobreza extrema. Para Novaes (2007), uma sociedade que é marcada por enormes exclusões sociais, é caracteristicamente desigual, onde apresenta diversas maneiras de sobrevivência dos jovens como "moratória social", e que os leva a um processo de preparação. A forma que a juventude se encontra é vivenciada de maneira diferente, tendo como a condição elevada de renda, da diversidade socioeconômica, quer seja em zonas rurais ou nas urbanas, sendo que os aspetos relevantes, fundamentais e cenários que demonstram as instabilidades sociais e competências dos jovens. Já Esteves e Abramovay (2007) afirmam que não se tem simplesmente uma caraterística de jovens, mas que existem vários grupos de juventudes que constituem diretamente a um conjunto heterogêneo, que acarretam oportunidades diferentes em conseguir determinadas coisas nas sociedades que estão inseridos.

De acordo com Veronese e Costa (2006), as desigualdades sociais, econômicas, apresentam situações problemáticas que na maior parte afligem as comunidades, na compreensão sobretudo em assuntos ligados à cidadania, e aos indivíduos que usufruem de direitos. Entende-se que o elevado índice da extrema pobreza em Angola ilustra-nos com o excesso indício de exclusão, de diversas pessoas que estão em situação de exclusão social e vulneráveis na sociedade, onde muitos desses acabam sendo abandonados pelas suas próprias famílias, no seio familiar. A exclusão social evidência intensos riscos de violências, principalmente em crianças, adolescentes, e jovens que acabam se envolvendo com essas práticas de criminalidade, especialmente quando está diretamente relacionado ao desemprego, miséria, e a pobreza em questão, bem como em demais fenômenos sociais que afligem toda sociedade luandense.

De ordem social são várias problemáticas que perpassam na cidade de Luanda, sendo eles: o alcoolismo, o desemprego, o desequilíbrio econômico e sociopolítico na sociedade angolana, como também a própria criminalidade. A desigualdade, pobreza e a falta de oportunidades de empregos, no mercado formal em Angola, se justifica pela escassez de programas de políticas públicas, capazes de colmatar os desafios enfrentados pela população. É necessário frisarmos que a falta de posto de trabalho formal, sobretudo na capital Luanda, que acarreta diversos problemas sociais, dentre elas: o alcoolismo, delinquência juvenil, gravidez precoce, prostituição, a pobreza entre outros. Devido à escassez, as famílias angolanas procuram várias alternativas de sobrevivência, com principal objetivo em solucionar parcialmente a vulnerabilidade e a pobreza.

> A pobreza é parte de nossa experiência diária. Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, o desemprego, os empregados de modo precário e intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a revolta, a tensão e o medo são sinais que muitas vezes anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade (Yazbek, 2012, p. 290).

Em qualquer sociedade o fenômeno da pobreza é um dos grandes males que acaba impactando o processo de vida de quaisquer indivíduos causando vários impactos no desenvolvido desse grupo que vivencia de perto, provocando o desemprego, vulnerabilidade, fome, miséria e deixando várias pessoas em situação de extrema pobreza. Oliveira (2012, p. 29) afirma que "as dificuldades de acesso às necessidades básicas como alimentação, educação, emprego, água potável, saneamento básico, entre outras, colocam a maioria da população africana, no geral, e angolana, em particular, a viver em condições desumanas". A proliferação da desigualdade social na sociedade angolana, especificamente em Luanda (capital de Angola) vem se desenvolvendo em maior proporção e de maneira crítica. Partindo do que é observado muitas famílias passam por diversas dificuldades gerando assim um movimento migratório interno, uma locomoção na procura de melhores condições e estabilidade social. E este fenômeno social vem afetando os jovens de uma forma desastrosa e requer uma observação minuciosa e que outrora requer de uma explicação que carregue ao entendimento a esse fenômeno e plausíveis resoluções. Embora seja uma situação vigorosamente presente e visível em nossa comunidade, ele não recebe a devida e cuidadosa atenção, e observamos isso no movimento de surgimento e execução das políticas públicas e sociais para o combate desses fenômenos, debates e capacidades de liberação onde o estado deixa a desejar pelo não comprimento nesta esfera social. Partindo desta premissa apresentada, este trabalho levanta a seguinte questão de pesquisa: quais são os sentimentos morais vivenciados por jovens angolanos em situação de vulnerabilidade social?

Os motivos que levaram na escolha do tema a ser abordado sobre a desigualdade social, e a reflexão diante a realidade social dos jovens em Luanda (Capital), se deu concretamente a partir de uma observação minuciosa sobre a realidade social dos jovens em Luanda, especialmente em suas periferias, onde o índice de desenvolvimento humano[4] é muito baixo,

[4] Angola voltou a cair pela terceira vez consecutiva no Índice de Desenvolvimento Humano. O medidor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2021/2022 apesar de ter mantido o País na posição 148 entre os 191 países avaliados pelo índice, revela que os angolanos estão mais pobres e perderam oito meses em esperança média de vida desde 2019, altura que o índice começou a cair. Relatório do IDH, sinaliza que desde 2019 a esperança de vida de cada angolano tem vindo a cair. Neste ano a média de idade era de 62,4

esses que estão cada vez mais inclinados ao mundo da marginalização, por acharem que uma vida mais fácil, e estando em contato direto ao uso de drogas pesadas e assaltos à mão armada. O que acaba gerando uma rejeição e na sua comunidade e uma discriminação direta da própria sociedade, comunidade no qual estão adentrados e suas famílias, obrigados a não auto-reconhecimento. É de grande relevância mencionarmos o fato de que estamos falando de jovens, apesar de que temos um leque da camada adolescente envolvida nessas práticas e sujeitos a se submeterem a esse mundo, são estes jovens e adolescentes que, assim como Dayrell (2003), estamos entendendo a juventude como a fase em que o indivíduo precisa construir a sua identidade, se encontrar no mundo e se sentir pertencente a um determinado grupo. Por isso, apontamos a massiva aderência dessa camada jovem a delinquência bastante preocupante e precisa ser tratada com tamanha delicadeza.

Sendo então, o meio social um elemento determinante nessa construção do indivíduo, o Estado deveria ter esse cuidado de fornecer condições que possibilitassem uma estabilidade e bem-estar social para esses jovens Porém, infelizmente, o governo angolano não cria programas sociais de caráter público, implantados pelo Estado em elaborar medidas de prevenção para acolher os mesmos. Na verdade, percebe-se que existem poucas produções acadêmicas em Angola, sobre a temática em estudo a desigualdade social, em relação aos sentimentos morais de jovens em situações de vulnerabilidades sociais em Luanda, embora por mais que seja um debate que vem preocupando em geral a sociedade civil. Muitos desses jovens que realizam atos ilegítimos (ilícitos), que várias vezes têm praticados essas práticas sem dar-se conta, o que muito acontece, e acabam recebendo discriminação e o desprezo da própria sociedade em geral e das suas famílias, como já foi dito antes, estes que deveriam ser o pilar central aconselhadora e norteadora, em cooperação com as instituições escolares, as igrejas e exclusivamente próprio Estado em si, bem como Silva e Lopes (2009, p. 90), afirmam que a "família e a escola são legitimadas, cientificamente e socialmente, como espaços privilegiados das ações preventivas das mazelas associadas aos jovens", no entanto, de acordo os especialistas há possibilidade de serem estes "os principais causadores das periculosidades juvenis". Tudo isso sem nos esquecermos, que as juventudes são elementos primordiais, para edificação de uma comunidade independente, íntegra e benevolente, são as forças motrizes e os mobilizadores sociais.

anos, em 2020 caiu para 62,3 e 2021/2022 cada angolano passou a ter uma esperança de vida inferior em sete meses, para 61,6 anos. Os três últimos anos contrariam a tendência sempre a subir que tinha sido mantida no índice desde 2002, altura em que se colocou fim à guerra civil. José Gonga (2022, p. 01).

Baseado na nossa proposta de trabalho e com a devida metodologia para alcançarmos os nossos objetivos, aponto que a pesquisa será de extrema relevância para a comunidade em geral, sendo que será uma contribuição na temática acerca de questões sociais, relativamente ao combate das desigualdades sociais e da delinquência juvenil, a pobreza, miséria, a violência, exclusão social, ao consumo de drogas como já citado acima e, posteriormente, em criar-se diversos grupos (que normalmente são denominados de Gangues[5]); de igual modo como na busca e na criação de recursos com o fim de refletir-se acerca destas condutas que imensamente vêm desestruturando diversas famílias angolanas.

É de extrema relevância essa temática dentro da academia, portanto, sendo assim, nos tem levado a "compreendermos sobretudo em saber quais fatores são influenciadores no desenvolvimento dos jovens a enveredar por essas práticas". Possibilitando também que outros jovens estejam diretamente em comunicação com essas temáticas em estudo e abordagens, prestando-os assim como influenciador de um enxergar distinto em seus grupos sociais ou suas comunidades sobre essa questão. E vale lembrar que todo e qualquer trabalho de caráter científico, carece de justificativas que mostre a sua relevância, pois, neste sentido cremos que a nossa pesquisa auxiliará em termos acadêmicos a compreender, especificamente bastante concernentemente às temáticas sociais no âmbito da cognição social, partindo de contexto social de Luanda - Angola e não só isso, acreditamos que vai ajudar de alguma maneira a entender as privilégios ou vantagens que são concedidos para a comunidade por intermédio de certos programas.

É importante também mencionarmos que não foi fácil o desenvolvimento da nossa pesquisa, e que uma delas são as escassez de trabalhos publicados por autores/autoras angolanos que pesquisam temáticas do gênero em causa, embora já tenha pesquisas idênticas e mesmo com todos esses desafios encontrados desde o início da escrita da nossa dissertação acreditamos que conseguimos alcançar os nossos objetivos em apresentamos autores nacionais e internacionais que discutem sobre os assuntos abordadas no trabalho. Outro ponto de extrema relevância é que o interesse em estudar temáticas relacionadas com os jovens angolanos se deu desde a minha primeira graduação em Humanidades, onde busquei trabalhar as causas e consequências da delinquência juvenil em Luanda – Angola, e desde então foi se criando um interesse enorme até aos dias de hoje, através da crescente exclusão que os jovens têm sofrido

[5] As gangues são organizações sociais excluídas. Geralmente se iniciam como grupos de pares adolescentes não supervisionados, mas muitos outros se institucionalizam nos bairros, favelas, guetos e prisões. Hagedorn, 2007b: 309, apud Lima, s/d.

no mercado de emprego e bem como na comunidade que está presente. A busca em aprofundar mais questões que dizem respeito ao contexto social dos jovens em Luanda, se estabeleceu pelo fato que na época tive poucas experiências na graduação, é a partir desse momento que me levou a dar seguimento da pesquisa em causa, embora com vieses diferentes.

A pesquisa apresenta como objetivo geral analisar as principais decorrências da desigualdade social e vulnerabilidade socioeconômica, em relação aos sentimentos morais vivenciados por jovens angolanos em situação de vulnerabilidade social na cidade de Luanda-Angola. Já em relação aos objetivos específicos para o desenvolvimento deste trabalho procuramos reconstruir as trajetórias sociobiográficas de jovens angolanos em situação de vulnerabilidade social. Apreender os dramas e aflições dos jovens que vivem em situação de vulnerabilidade na cidade de Luanda e mapear os valores, crenças e ideias dos jovens angolanos em situação de vulnerabilidade.

No Capítulo I, procuramos desenvolver concretamente sobre a juventude: emprego e a caracterização dos jovens, já que é o foco principal da nossa pesquisa, buscamos definir o processo juventude sociologicamente na sociedade, e os impasses que esse que grupo acaba enfrentado, a partir da construção que lhe foi construído; sendo que a fase da juventude não é uma fase fácil de acordo alguns autores que iremos desenvolver ao longo da nossa revisão de literatura; também buscamos compreender o processo de categorização dos jovens que se encontram em situação de violência e de igual modo, no mundo da delinquência; e também desenvolvemos sobre a inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho e a participação da família, escola no desenvolvimento dos mesmos.

No Capítulo II foi desenvolvido a partir das temáticas sobre a desigualdade social em diversas esferas. Quanto aos primeiros títulos da revisão de literatura, do segundo capítulo, a gente busca trabalhar questões que dizem respeito aos conceitos das desigualdades sociais, a partir das ciências sociais, a fim de entendermos os seus efeitos, desafios e impactos na sociedade, a fim de compreendermos a vida dos sujeitos sociais, na construção do seu dia-a-dia; e posteriormente sobre as desigualdades periféricas, e desigualdades raciais na sociedade angolana, a fim de realizarmos um estudo dos grupos subalternizados e oprimidos na sociedade pela elite. Portanto, na segunda parte deste capítulo, buscamos desenvolver mais sobre temáticas de pobrezas e a diferenciação econômica na sociedade angolana, especificamente assuntos que tratam diretamente sobre a conceituação da pobreza; da vulnerabilidade social dos indivíduos que passam por exclusão e marginalização a partir das pautas governamentais diante as políticas públicas e sociais; também procuramos discutir as dimensões das desigualdades

sociais e pobreza em Angola, onde tratamos sobre vários assuntos relacionado à pobreza no continente africano, especificamente na comunidade angolana, trazendo à tona o baixo ou alto índice elevado da extrema pobreza em Angola; temáticas também sobre o emprego e desemprego formal e informal em Angola, e sobre a visão panorâmica da economia angolana, em diversas esferas, tendo como base o Plano de Desenvolvimento Nacional de Angola.

Finalmente, em relação ao Capítulo III e último da nossa dissertação, abordamos especificamente sobre a pesquisa empírica das entrevistas que foram realizadas aos jovens a fim de compreendermos as suas trajetórias de vida e o sentimento dos mesmos, com objetivo de entendermos de como se estabelece na vida desses jovens participantes da nossa pesquisa onde buscamos entender a partir deles. A fim de respondermos a pergunta de partida e os objetivos apresentados para o enquadramento da construção da metodologia e os resultados esperados da nossa pesquisa. E por último apresentamos de forma resumidamente as considerações finais da dissertação.

Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

A metodologia utilizada no nosso estudo se deu a partir da pesquisa qualitativa, e o método de técnica tipológica, para o desenvolvimento deste trabalho, bem como a pesquisa empírica. Segundo Pires (1993, p. 157), a pesquisa qualitativa "constituem as suas próprias características e métodos: objetivos, estruturação, e dedução, e de uma forma não probabilística, e que é uma das caraterísticas mais visível nesse tipo de pesquisa". É o tipo de amostra que utiliza a pesquisa empírica referente ao contexto social dos jovens que permanecem em circunstâncias de vulnerabilidade social na cidade de Luanda, a partir da coleta de dados. Segundo Paugam (2015), o método de técnica tipológica diz respeito aos laços sociais que autorizam analisar a normativa de cada sociedade a partir dos entrecruzados específico com objetivo estruturação da vida social, que é estabelecida em dois sentidos a integração e regulação, e também por retratar as experiências de vidas de pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade, como também podem ser utilizadas na construção de tipos ideais.

> O objetivo central é o de fornecer ao(à) pesquisador(a) social um panorama histórico ou sociopolítico o mais amplo possível que contextualizar e situar as experiências de vida do sujeito biografado no tempo e espaço, considerando-se que a qualidade da análise social dos dados biográficos dependerá do acesso a outras fontes de informação, além dos relatos biográficos com que se operacionaliza esse situar espaço e tempo da fala. Esse procedimento é necessário não só para evitar possíveis equívocos derivados de conclusões precipitadas fundamentadas em auto-

> interpretações ou auto-apresentações intrínsecas aos relatos biográficos, como também para a superação das noções prévias do entrevistador em relação ao universo social que envolve sua pesquisa. Em sentido heurístico, trata-se de propor um constante exercício entre reflexão (teoria) e prática de pesquisa, de modo a possibilitar a interpretação dos trajetos sociais dos indivíduos em sociedade (Marinho, 2017, p. 41).

A escolha das *entrevistas face a face*, se estabelece de forma aceitável, onde os entrevistados e entrevistadas possam sentir-se à vontade nas suas argumentações e seus pontos de vista Para Wood e Haber (2001), nas entrevistas face a face as questões são compreendidas de forma dissertativa, esse tipo de pesquisa é realizada para se obter mais informações do seu grupo focal em estudo. Segundo Pires (1993), a noção de profundidade é relativa, é uma entrevista de duas visões diferentes que permite fazer uma descrição "mais em profundidade" e menos extensa, do que um questionário; porém, uma pesquisa por caso único de ator com, digamos 100 horas de entrevistas atinge um grau mais alto de descrição em profundidade. (1993, p. 190). Partindo dessas perspectivas que esses autores apresentam em relação às entrevistas nas pesquisas qualitativas para Bauer e Gaskell (2002, p. 28), "a pesquisa qualitativa é muitas vezes vista como uma maneira de dar poder ou dar voz às pessoas em vez de tratá-las como objetos cujo comportamento deve ser quantificado e estatisticamente modelado". Entende-se que o método qualitativo é quando nos propomos a estudar temas que remetem aos estudos de fenômenos sociais. Sendo que refere-se a uma menção de caráter transversal a um contexto histórico, onde se conhece de perto a vida dos sujeitos sociais, na construção do seu cotidiano.

> Os métodos expandem e ampliam a nossa perspectiva da vida estudada e, assim, estendem e aprofundam aquilo que aprendemos sobre ela. Por meio de nossos métodos, primeiro devemos ver esse mundo da forma como os nossos participantes de pesquisa o fazem, a partir de uma perspectiva pessoal. Embora não possamos pretender a reprodução das suas perspectivas, podemos tentar entrar em seus ambientes e em circunstâncias o máximo possível. Perceber as vidas dos participantes de pesquisa de uma perspectiva pessoal normalmente fornece ao pesquisador visões impossíveis de serem obtidas de outra maneira. Você pode vir a aprender que o que as pessoas estranhas ao mundo que você estuda pressupõem a respeito dele pode ser limitado, impreciso, equivocado ou notadamente errado. Os pesquisadores qualitativos têm uma grande vantagem sobre os nossos colegas quantitativos. Podemos acrescentar novas peças ao quebra-cabeça da pesquisa ou criarmos quebra-cabeças inteiramente novos – enquanto coletamos os dados, e isso pode ocorrer até mesmo posteriormente, durante a análise. A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite ao pesquisador seguir as indicações que vão surgindo (Charmaz, 2009, p. 31).

Entende-se que as pesquisas qualitativas permitem a passagem de vida dos sujeitos participantes no estudo. Segundo Ludke e André (1986), afirmam que a pesquisa qualitativa

fornece ao entrevistador uma relação direta com os integrantes da pesquisa, bem como o fenômeno que está sendo aprofundado. Por esse motivo, quando se tem interesse em desenvolver um trabalho com o método qualitativo deve se ter muita atenção com os acontecimentos contemporâneos aos propósitos da investigação se agregam visto que as coletas de dados são fundamentalmente descritivas. No entanto, para Charmaz (2009), em relação a participação dos participantes em uma pesquisa deve se compreender que em primeiro pela forma que nós realizamos a nossa pesquisa empírica:

> O nosso respeito para com os participantes da pesquisa permeia a forma como coletamos os dados e como moldamos o conteúdo dos nossos dados. Demonstramos o nosso respeito ao realizarmos esforços em conjunto para aprender sobre as suas opiniões e ações, na tentativa de entender a vida dos participantes a partir de suas próprias perspectivas. Essa abordagem determina que devemos testar as nossas suposições em relação às esferas de vida que estudamos, e não reproduzir inconscientemente essas suposições. Ela pretende descobrir aquilo que os nossos participantes de pesquisa não declaram por considerarem óbvio, assim como o que eles dizem e fazem. À medida que tentamos ver o mundo deles por meio dos seus próprios olhos, oferecemos aos participantes o nosso respeito e a compreensão com toda a habilidade possível, embora possamos não concordar com eles (Charmaz, 2009, p. 37).

É fundamental que se respeite a perspectiva dos participantes na pesquisa. Se o pesquisador não criar ou estabelecer uma afinidade com os participantes corre o risco de perder a oportunidade de realizar as entrevistas de campo. É importante que o entrevistador procure manter um contato direto também com as demais pessoas da comunidade, para que a sua presença nesse local não seja vista como uma ameaça para a população ou mesmo para os indivíduos entrevistados.

> Na pesquisa qualitativa, por sua natureza, o processo é bem mais indutivo. Há uma exploração do tema de forma muito mais livre e aberta. O pesquisador está muito menos escravizado por seu instrumento. Na pesquisa qualitativa, há menos decisões irreversíveis, pois se trata de uma exploração permanente em que as dúvidas, as respostas, as pistas e os novos territórios de indagação permanecem abertos até o final. O método não se fecha sobre o pesquisador (Castro, 2006, p. 107-108).

Em contrapartida referente a esse ponto de vista desenvolvido por Castro, no que toca o pesquisador na pesquisa qualitativa em que afirma que o pesquisador não fica muito sobrecarregado com a sua pesquisa. Segundo Minayo (2010), a relação intersubjetiva do pesquisador e do sujeito é entendida como um elemento principal da pesquisa qualitativa, pelo fato de em fornecer novas perspectivas sobre o contexto real da realidade do indivíduo

participante, sobretudo da sua vivência no que concerne à sua trajetória de vida em relação a sua dinâmica social.

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 1993, p.21).

Segundo Lalanda (1998), em planos qualitativos verifica-se que o foco principal é análise compreensiva, onde a entrevista busca colocar em pauta o modo de vida como os sujeitos vivenciam o seu dia-a-dia, em particular as mudanças em sua vida que vai ocorrendo no seu quotidiano. Mendes (1999) salienta que a entrevista é de grande importância para qualquer pesquisa, e que é uma excelente técnica para compreendermos um determinado grupo de indivíduos ou determinadas categorias sociais. Para Coutinho (2011), dentro de uma entrevista deve-se sempre procurar explicitar a concepção dos integrantes, de que maneira estes analisam ou entendem diante a sua conduta a um momento natural.

Realçando que uma das primeiras etapas a serem realizadas na nossa pesquisa foi a escolha do tema e o levantamento de pesquisas bibliográfica para construirmos a teoria levantada, sendo que as pesquisas bibliográficas são fundamentais para qualquer pesquisa que está a ser desenvolvida, em que diante ao levantamento da revisão foi necessário nos baseamos em artigos publicados, livros, dissertações e teses a fim de termos conhecimentos do estudo que está sendo realizado. De acordo Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é a principal etapa de um trabalho em toda pesquisa científica que acaba influenciando todos os passos de uma investigação, a partir do momento se vai construindo a parte teórica da pesquisa. No entanto, em relação à pesquisa bibliográfica, Macedo (1994, p. 13) argumenta que “trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar no tema de estudo ou experimentação”.

A pesquisa bibliográfica é de extrema relevância, isso desde o princípio de uma determinada pesquisa científica, onde é a partir dela que adquirimos mais conhecimento sobre a tese a ser investigado, em que o pesquisador o seu foco é em realizar uma pesquisa a partir de trabalhos ou obras científicas já divulgadas.

> A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao

> pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica compreende-se por outros autores, em que essas pesquisas são publicadas que torne fundamental ao pesquisador na discussão das temáticas a serem desenvolvidas e tendo as leituras elaboradas para o exercício da sua pesquisa em pauta. O pesquisador nessa etapa deve procurar ler, analisar e escrever concernente o tema que foi estudado para que sirva para o seu embasamento teórico no desenvolvimento do seu trabalho e progredir com a sua revisão de literatura. Ao passo que se foi empregado a revisão de literatura relacionado às pesquisas já existentes concernente à temática em estudo, sendo assim, foram levantadas e examinadas, colocando-as em discussões, em relação às produções atuais acerca das desigualdades sociais, pobreza, exclusão social, e a vulnerabilidade social, e, em especial os experimentos subjetivos dos jovens em situações de desigualdade e violência. O contato com outros autores foi de grande relevância, para mantermos um equilíbrio e resistência no planejamento do estudo e das discussões dos resultados. Depois desse argumento teórico apresentado, trabalhamos com a levantamentos de coletas de dados de pessoas que se encontram implicados/as na problemática em causa, onde entrevistamos jovens em condições precárias ou vulneráveis, desempregados e da mesma forma pra os indivíduos que exercem serviços terceirizados, olhando a partir dos percursos de vida e dos sentimentos morais desses jovens na sociedade angolana, a fim de compreendermos a partir dos mesmos a realidade de vida que os mesmos vivenciam, e as suas trajetórias, a partir de dentro e da experimentação desse grupo específico.

Caracterização dos jovens participantes na pesquisa

Foram cerca de 30 entrevistas, conforme mencionado na entrevista, na qual foram distribuídas da seguinte forma: 30 entrevistas a jovens da cidade de Luanda, de diversas periferias ou zonas da capital, do sexo masculino e feminino trabalhadores/trabalhadoras informais, desempregados/desempregadas, estudantes e não estudantes e delinquentes, com idades compreendidas dos 15 e 25 anos; dos quais 9 indivíduos são estudantes e trabalhadores,

9 são desempregados, 4 têm participação direta com o crime, 8 são biscateiros[6]. Mais na maior parte têm alguém em sua família que tem o vício de drogas, consumos excessivos de bebidas alcóolicas e que também fazem o uso de liamba (maconha), tabacos, e cigarros. Consoante aos entrevistados alguns fazem o uso dessas práticas que acaba prejudicando o mesmo. As outras entrevistas foram feitas com duas jovens do sexo feminino, as entrevistadas exercem atividades informais, atualmente já não estudam mais que têm o ensino médio concluídos. E que alguns dos entrevistados e entrevistadas têm cursos profissionais e outros têm o ensino médio completo, alguns estão no ensino fundamental e outros não têm formação escolar, embora tenham qualificações não conseguem ingressar no mercado de trabalho.

É importante realçar que a renda média dos participantes varia, em que para os homens a renda média está em torno de 500,00 kz a 50.000,00 kz[7], sendo assim o valor mais alto na escala. E já para as mulheres a renda média das mesmas está em torno de 2000,00 kz a 10.000,00[8] kz, sendo a renda mais alta que elas produzem do que ganham. Mesmo muitos desses jovens estarem em situações de vulnerabilidade socioeconômico é visível a disparidade orçamentaria entre o sexo feminino e o masculino e que faz com que as mesmas encarem diversos obstáculos. Embora haja indivíduos que exercem uma determinada atividade remunerada, também nos deparamos com jovens que não exercem nenhuma atividade que possam tirar algum benefício. Frisando que muitos desses jovens também são os responsáveis de suas famílias, são eles que acabam colocando alimentação em casa e não só contribuem em diversas tarefas. E que na sua maioria dos jovens passam por situações críticos, encarando vários obstáculos no seu dia-a-dia uma por se encontrar em situação de desempregado e que mesmo aquele realizam um negócio que lhes gera um dinheiro também enfrentam diversos problemas, outro mesmo é pelo salário que é muito baixo e que não conseguem satisfazer as suas necessidades. Conforme os nossos participantes argumentaram sobre esses impedimentos que têm passado na sociedade angolana, em particular em Angola em geral, onde a falta de um emprego estável acaba colocando vários jovens em situações precárias, por não conseguirem resolver as suas demandas que enfrentam no seu cotidiano. E que muitos vêm de famílias muito alargadas, onde o pai ou amanhã acabam não conseguindo pagar a formação dos seus filhos.

[6] Geralmente biscateiros são designadas para as pessoas que realizam normalmente trabalhos de caráter informal ou serviços ocasionais, que não têm um emprego fixo ou formal, de baixa remuneração, não tendo garantias das leis trabalhistas.

[7] A moeda de 500,00 kz a 50.000,00 kz, de acordo com a conversão do câmbio do Banco Central do Brasil realizada no dia 7 de dezembro, equivale a moeda brasileira a R$2,87, a R$287,90.

[8] A moeda de 2000,00 kz a 10.000,00 kz, de acordo com a conversão do câmbio do Banco Central do Brasil realizada no dia 7 de dezembro, equivale a moeda brasileira a R$11, 51, a R$57,58.

A maior parte das entrevistas (pesquisa de campo) foram executadas especificamente nos distritos ou especialmente nos bairros do município de Viana. Concretamente nos distritos da (Estalagem, e Zango) lugares onde percorremos pelas suas ruas. Esses perímetros são caracterizados por indicadores elevados de índices de situações de desigualdades sociais, pobreza, miséria e situações de criminalidade. A nossa pesquisa empírica começou no dia 04 de setembro e foi encerrada no dia 28 de novembro do ano de 2023, nos bairros das periferias da capital de Luanda.[9] As entrevistas realizadas tiveram como base uma composição conceitual, das propostas apresentadas aos entrevistados e as entrevistadas em relação ao assunto da nossa pesquisa. Foi elaborado um guião que usamos no momento das entrevistas, mas nem todas as questões foram abordadas pelo fato da conversa ser mais informal e não formal, também por realizarmos uma entrevista aberta e não fechada, em que os participantes tinham o direito de opinar e abordarem de forma livremente. Deixando assim os entrevistados e as entrevistadas livres nas suas argumentações, como pontuado.

No entanto, no caso do governo angolano, a nossa pesquisa empírica se empregou a partir de documentos, arquivos do governo, sites e das leis que tratam sobre assuntos de desigualdades sociais, violências, como de outros programas sociais. Quanto à minha presença no local da pesquisa isso na cidade de Luanda propriamente no município de Viana, onde estava ocorrendo as entrevistas procurei entrar em comunicação com a Polícia Nacional de Angola ([10]esquadra local) a fim de fazer uma entrevista concernente ao elevado índice de casos de criminalidade na capital de Luanda. Onde esperei um sinal por parte da polícia, mas não obtive nenhuma resposta pela entidade solicitada, em relação ao assunto colado. Mas creio que é pelas burocracias que tem nesses espaços, mas que também seria de extrema relevância compreendermos por parte da força policial e não só em recorrermos em discursos ou em notícias informativas.

Portanto, o desenvolvimento da pesquisa empírica foi trabalhado minuciosamente no seu todo no Capítulo III, onde destacamos os principais pontos das histórias e trajetórias e modo de vida dos jovens e em particular a análise das entrevistas dos próprios sujeitos participantes em causa em relação aos dramas e sofrimentos dos mesmos. Mais concretamente apresentando relatos de experiências e histórias de vida dos jovens entrevistados e entrevistadas de cada um e uma na pesquisa em questão. Frisando que a nossa pesquisa empírica procuramos manter em

[9] Foram quase três meses mais que simplesmente perfazem em dois meses e meio, e mesmo sendo pouco tempo acreditamos que foi produtivo, porque não só entrevistei mas que vivenciei cada momento das entrevistas.
[10] Esquadra policial é o que é chamado no Brasil de Delegacia.

anonimato os nomes dos entrevistados e entrevistadas, adotando assim nomes fictícios, respeitando assim a ética do anonimato das entrevistas de acordo a constituição de Angola, que proíbe a publicação dos nomes dos sujeitos entrevistados, mesmo alguns entrevistados permitam o uso da mesma que se faça o uso de seus dados preferimos em continuarmos no anonimato, para não irmos contra as regras da ética da pesquisa.

Dificuldades encontrados no campo de estudo

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas e escritas, sob a autorização dos indivíduos entrevistados e entrevistadas, mas pelo fato que me encontrava há muito tempo fora de Angola, encontrei algumas dificuldades, em um primeiro momento foi um pouco difícil, porque tinha lugares que necessitava entrar com alguém local. E precisei de ajuda de algumas pessoas para estar no campo de estudo, pela a situação que alguns bairros periféricos de Viana se encontram por serem de difíceis acessos, através dos índices elevados de casos de delinquências juvenis e roubos nesses espaços. E tivemos momentos que a pesquisa de campo tinha que se começar mais cedo, isso pela manhã, que habitualmente começava umas 10horas ou 10h30min e terminamos geralmente às 15 horas ou 16 horas, para que as entrevistas fossem realizadas perfeitamente sem nenhum impedimento, e não só por as vezes me encontrar em lugares distantes da localidade que estava residindo em que tinha que pegar o táxi para ir ao meu destino. Realçar que houve situações que as entrevistas tinham que ser canceladas ou agendadas para um outro dia que o entrevistado tivesse disponibilidade, pelo fato de estar em encontrar em zonas que são controlados por grupos rivais nessa região, em que você for é daquele determinado bairro ou rua que têm intriga não podes passar ou cruzar para outra comunidade.

Ressaltando, que alguns dos entrevistados e entrevistadas ficavam com medo de darem entrevistas, outros (as) pensavam que eu fosse um policial ou um investigador do SIC[11] e que queria pegar informações desta zona e informar para polícia no intuito de entregar alguns jovens que realizam práticas ilícitas, sendo que o meu objetivo nesse local não se baseava simplesmente em poder saber sobre casos de criminalidade, mais sim ter um panorama mais amplo dos sentimentos morais que os mesmos vivenciam no seu dia-a-dia em relação ao desemprego, a desigualdade social, entre outros fatores que estão sendo argumentadas. Embora,

[11] SIC significa: Serviço de Investigação Criminal de Angola.

por eu ter passado por esses acontecimentos não foi algo surpreendente e nem fácil para mim porque já tive noção que deveria me deparar com esses casos e dizendo que já passei medo e se falasse que não passei estaria a mentir porque falar com jovens não é uma tarefa fácil ainda quando o foco central é falar com os jovens vulneráveis e o único sentimento que nos vem às vezes é de querer encerrar as entrevistas, mas procurei realizar com precauções para que não me acontecesse nada e de igual modo para com os entrevistados e entrevistadas. Onde foi necessário criar e recriar várias alternativas para poder realizar as pesquisas de campo com os sujeitos participantes da pesquisa quer diretamente ou indiretamente.

Enfatizando que as conversas informais aconteceram de forma compreensível, aos estudos esperados no enquadramento da nossa pesquisa. Foi bom estar no terreno porque tive o privilégio de ouvir as experiências, histórias e narrativas de vida desses sujeitos (as) e que me motivaram bastante enquanto um ser social e pesquisador. Nem tudo foi um mar de rosas, como esperávamos que deveria ser, enfrentamos o trânsito, dificuldades de cooperação com os entrevistados para que as entrevistas pudessem decorrer, como se não fosse confiável, e que em algumas circunstâncias foi necessário a imprimir um dos meus documentos no sistema Sigaa[12] para assim apresentar aos mesmos que sou estudante de mestrado que é a declaração de vínculo e alguns documentos que tenho em minha posse. Portanto, foi de grande importância realizar a pesquisa de campo, foi satisfatório onde aprendi bastante sobre muitos assuntos que só estava desenvolvendo de forma teórica, e manter um contato direto com os mesmos foi a melhor sensação que tive em minha vida, e me senti como parte do meio social dos jovens entrevistados independentemente de eu ter hoje em dia uma visão diferente deles.

Área geográfica da realização da pesquisa de campo

A pesquisa de campo ocorreu em Luanda (capital de Angola) como argumentado, está situado especificamente na região centro-norte do país. E é a capital nacional de Angola. De acordo com as projeções populacionais de 2022, a província de Luanda estima-se com uma população de 9.079.811 de habitantes, sendo Luanda a província mais populosa do país. Tem como área territorial de 18.826 km². É a província mais rica e desenvolvida em todo Estado nacional. A província contém 9 municípios a seguir: Cacuaco, Cazenga, Belas, Quissama, Icolo e Bengo, Kilamba Kiaxi, Luanda, Viana e Talatona. E Luanda agora conta com 8 distritos

[12] Sigaa é um sistema brasileiro e significa: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

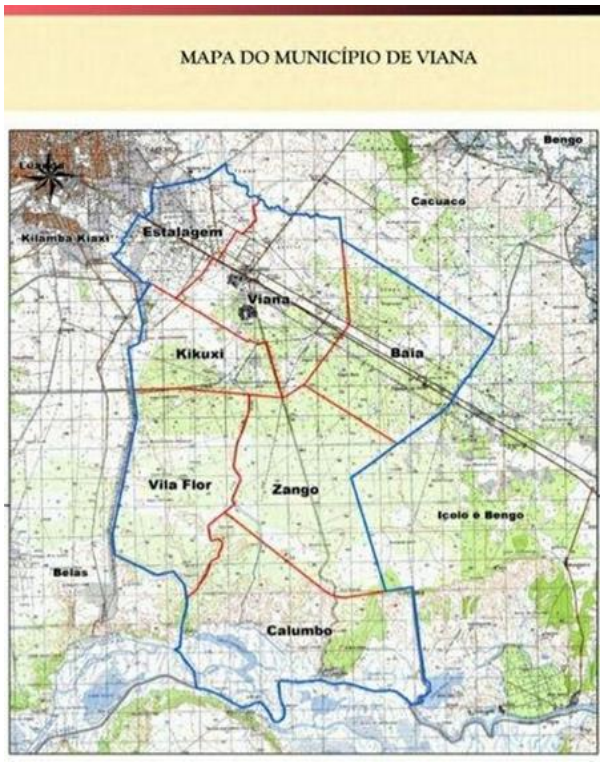
urbanos principais: Camama; Kilamba; Benfica; Ramiro; Mussulo; Samba; Sambizanga e Rangel. (Instituto Nacional de Estatística, 2022).

A província de Luanda por ser tão vasta, procuramos realizar a nossa pesquisa empírica em particular no município de Viana, tendo como escolha três distritos urbanos do município para a nossa pesquisa, que são os distritos da Estalagem, Zango, e assim percorrendo os seus bairros para a fim de compreendermos as trajetórias de vida dos mesmos e o modo de vida. O município de Viana foi fundado em 1963 e está situado a 18 km da capital de Luanda. Segundo o Instituto Nacional de Estatística-INE (2018), o município conta uma população de 1.838.291 habitantes, e extensão territorial de 1 343 km 2 e a Nordeste da Província de Luanda, sendo o segundo maior município, ficando atrás do município de Luanda Capital. A Norte de Viana temos o município de Cacuaco, a Sul o município da Quissama, a Leste o município de Icolo e Bengo, e a Oeste o município de Belas. O município de Viana é um dos municípios mais populoso da capital e industrializado. E enfrenta também grandes desafios de melhoria de condições de vida dos seus habitantes.

Figura 2 – Mapa da Província de Luanda

Fonte: Gabriel-Blog de Geografia

Figura 3 – Mapa do Munícipio de Viana



Fonte: Facebook – Viana Luanda

O distrito urbano da Estalagem, a sua população é estimada em 1.290.450 habitantes, e está distribuído em 9 bairros que são, Estalagem km 12A, Mulenvos de Cima, Grafanil Km 9 A, Mbanza Km 12B, Boa Fé, Baixa de Cassanje, Incutal Km 14A, Ndolela Km 9B, Cambiri Km 14B. E já o distrito do Zango, se limita entre a via expressa e o Quilômetro 45, fazendo assim fronteira com Bela Vista e o município do Icolo e Bengo. A sua população é estimada em mais de 700 mil habitantes. Essas regiões que percorremos a situação social das famílias angolanas a cada dia que passa vem sendo alarmante para essas famílias, e que é visível pessoas morando em situações lastimáveis, onde vários grupos dependem de um contentor de lixo para poderem se alimentar. Tendo problemas de primeiras necessidades, falta de escolas, educação, saúde e empregos, entre outros fatores que os impede para o desenvolvimento sustentável de Angola.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO GERAL DA JUVENTUDE, TRABALHO, VIOLÊNCIA: e caraterização dos sentimentos morais dos jovens em Angola

A sociedade africana é maioritariamente jovem, os jovens em África perfazem quase 75% de toda população do continente, e sendo Angola um país africano a realidade é similar, onde cerca de 60% da população são jovens com menos de 25 anos. Ora, Angola é um país em vias de desenvolvimento e com desafios importantes. Estes desafios demonstram claramente qual deve ser o papel da juventude angolana na prossecução do interesse nacional. A estabilidade de qualquer país dependerá da vontade e da disposição dos jovens, isso para dizer que, os jovens angolanos têm um papel vital e incontornável na sociedade, ou seja, devem ser parte da solução dos problemas sociais que a sociedade vive hoje, trilhando, deste modo, os caminhos da paz e do desenvolvimento. Esse estudo é de extrema relevância, porque objetiva a contribuir bastante em discussões sobre os fenômenos sociais, de igual modo das desigualdades existente no país, possibilitando assim, o bem-estar de todos os cidadãos, principalmente aos que experimentam a exclusão social na sociedade, particularmente a juventude que são a força motora de um país, e ainda mais no caso de Angola, que maior parte da população são jovens.

1.1 Conceitos de juventude(es)

A sociologia da juventude busca compreender os impactos que os jovens passam a ter nas sociedades contemporâneas, nessa relevância a fase juvenil tendem a começarem a ter nas estruturas e nas organizações dessas comunidades modernas, nas pautas de âmbito político, econômico e social das sociedades que a sua estruturação é ocidental, daí acaba encarando vários desafios na formação de uma nova categoria, a juventude. Diante dessa reflexão, percebe-se que a juventude é compreendida como a linha central, que permite uma investigação que reproduz os efeitos da mudança social (Evans, 2002).

> A juventude, enquanto categoria social, precisa de uma educação de qualidade para assegurar o seu futuro e de oportunidades na vida, pois que, ela é possuidora de representações simbólicas e situações sociais fabricadas pelos grupos sociais ou mesmo pelos próprios jovens para "significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídas", operando no imaginário social, mas também é uma situação concreta real "vivida em comum por certos indivíduos" (Groppo, 2000, p.8).

São esses fatores que demonstram que a juventude começa a ser encarada como uma ameaça à sociedade, sendo que para que haja uma desconstrução e no entendimento das referidas causas só funcionam principalmente como objetos e objetivos, para os estudos da sociologia. Os jovens como uma ameaça é um anátema concreto que perpetua na contemporaneidade, onde vemos inúmeras teses sobre a juventude, que são um dos fatores possíveis inseparáveis das relações entre a juventude e o futuro, como se as mesmas dependesse dela, para mudar os seus atos. Porque se a juventude é vista como uma ameaça independentemente do futuro continuará ser vista como um problema. Como afirma Griffin (1997), a juventude diversas vezes é vista, e categorizada como sendo os causadores dos problemas sociais existentes numa determinada sociedade ou comunidade.

Relacionado à conduta dos jovens na sociedade em que estão inseridos Adrados (1961), aborda que:

> A conduta normal dos jovens caracteriza-se, entre outras coisas, pelo autodomínio e pela aceitação das normas e diretrizes da sociedade em que vivem. Assim, os jovens têm imensas necessidades de afirmação e projeção, na satisfação das quais desenvolvem pautas de conduta que se caracterizam por oposicionismo e agressividade. Isso é natural e necessário e, nesse processo de afirmação, os jovens normais respeitam e levam em consideração o bem-estar da coletividade (Adrados, 1967, p. 39).

No entanto, a fase juvenil é extremamente preocupante através diversas alterações para esse processo para fase adulta, e que as instituições de controle social de âmbito formal ou informal devem ter maiores controles e cuidados a fim de proporcionar aos jovens um bem-estar, para evitar para que esses se desviem, sendo, que na fase juvenil a insegurança para os jovens e a desordem social, acabam colocando os jovens em situações de extrema vulnerabilidade e afetivo, onde percebe-se que essa insegura pode lhes colocar diretamente ao consumo de drogas e posterior para delinquência. Segundo Taylor (1989), existem diversas dimensões associadas à juventude, onde na qual existem discursos que demonstram que o jovem é um ser inacabado diante a sua construção na sociedade. Sendo que essa fase é relacionada uma ação incontornável de caráter transitório e ambíguo. Desde sempre a análise sobre juventude é muito complexa. E que a camada juvenil experimenta as diversas mudanças socioculturais, de forma individualista que acaba afetando outros sujeitos.

> A sociedade contemporânea gera demandas amplas e complexas, não meios para inserção dos jovens, que fazem parte, das práticas culturais, formas de expressão, convivência, excluindo-os dessa forma do seu seio. As redes interativas juvenis diversificam-se cada vez mais, com grande dispersão das identidades e projetos.

> Assim, muito se tem para questionar sobre os jovens e os estudos têm mostrado grandes problemas na compreensão da condição juvenil na sociedade contemporânea (Vargas & Souza, 2004, p.47).

A estudos que demonstram que a sociologia é mais propícia para estudar a juventude, e que veio se confrontando inevitavelmente com a sua complexidade, fragmentação das trajetórias de vida nos tempos contemporâneos, a fim que consiga dar conta do desenvolvimento singulares de indivíduos jovens, em regime de idealização o de si próprio, na consolidação das estruturas sociais, que dizem respeito ao contexto labirínticas (Pais, 2005). Groppo (2000) afirma que a juventude é como configuração social, que nos põe a compreendermos de que os jovens são como se fossem máquinas reprodutores, que lhes impeça a praticarem ações morais, a fim de que acabam ficando condicionados ao discernir sobre no que é correto ou errado, a partir de seus atos apresentadas na sociedade em si. Em que para o autor os jovens são possuidores de várias representações simbólicas, e em situações que são produzidas por eles próprios ou por um determinado grupo social. Que refletem nos diversos comportamentos e caracteres atribuídos a esses sujeitos, averiguando a conduta do imaginário social.

> É neste contexto que ocorre a formação da identidade e dos valores dos jovens, bem como sua luta pela independência. Como os jovens não constituem uma massa amorfa, há a recusa, a crítica e a contestação sob as mais variadas formas. O processo de ressocialização, sendo repressivo e uma antecâmara do modo de vida adulto, é negado, bem como a dependência é negada, mas de forma ambígua, pois sua superação significará a inserção no trabalho alienado e no mundo das obrigações sociais também realizadas sob o signo da alienação, em instituições burocráticas e mediadas pela competição e mercantilização de tudo (Viana, 2004, p. 48).

Se compreende que a fase da construção da identidade dos valores morais e princípios dos jovens, tal como a sua emancipação. Os jovens têm procurado a independência, liberdade desde os longínquos mais que lhes são negadas pela a sociedade o seu posicionamento crítico de diversos aspetos. De acordo Bourdieu (1983), a juventude está sujeita a todo tipo de manipulação, enquanto esse indivíduo na busca de construir-se como identidade que proporciona de se ver jovem, que lhe incorpora uma irresponsabilidade provisório dos seus atos. E que os jovens partilham entre si os mesmos sentimentos, interesses, hábitos e valores. Pais (1990) salienta que ao analisarmos a camada juvenil é necessário que não devemos ver esses jovens como conjunto de ação social, sendo que a principal peculiaridade é pelo fato de ser um grupo constituído por sujeitos que estão presente a um determinado ciclo de vida, de igual modo por agregação social com atributos que diferem deles mesmos.

> O jovem é um ser em formação, cujo destino depende de um jogo incerto de fatores. Tanto quanto possível, a família coordena esse jogo, incubando, no presente, condições que só se configuraram no futuro. Os fatores que definem as condições de ajustamento do jovem ao adulto não se esgotam na esfera das relações interpessoais, mas são produzidos pela dinâmica da constituição do sistema global. Sob a forma de relação de manutenção, a situação de classe torna propícia uma modalidade de ajustamento entre jovens e adultos, que envolve o modo pelo qual ambos são socialmente categorizados (Moretin, 2019, p.20).

Em relação ao processo de formação dos jovens, acredita que os jovens estão em preparação cuja a sua instrução para circular na comunidade depende dos agentes sociais, e de suas famílias para que tenha um futuro pautado de princípios, normas e valores para inserção da fase juvenil para a idade adulta e que é umas condições fundamentais para o seu discernimento. Novaes (2011), os jovens são marcados pelo ciclo de vida de inseguranças. Onde torna-se jovem é estar diante a uma contradição de convivência no que tange a subordinação da família e da sociedade no momento, partindo das grandes expectativas de emancipatória. Na juventude está centrada a moratória social, onde os jovens são vistos como processo de preparação da fase adulta. Na qual a juventude processa a sua inclusão nos diversos processos da vida como categoria social. No entanto, a construção do indivíduo deve estar ligada intrinsecamente ligados na responsabilidade familiar da sua própria família, como também sua inclusão no mercado de trabalho. A condição da vida social dos jovens é refletida de forma desigual, e nas várias ações sociais, na disparidade de renda e socioeconômico.

De acordo Abramovay (2006), a juventude é um ser autônomo, que está saindo de uma fase de ser criança para fase adulto, onde a mesma define a juventude: como um processo da vida no qual o sujeito deixa a condição de criança e passa para fase adulta, onde nesse período acontecem várias modificações biológicas, psique, sociais e culturais, diante as sociedades na qual o mesmo está inserido, a partir das diversas subjetividades para com aqueles que a vivenciam.

> O período da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual produzem mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que se realizam em condições diferenciadas, segundo as sociedades, as culturas, as etnias -raça, as classes sociais e o gênero, bem como outras referências objetivas e subjetivamente relevantes para os que a vivenciam (Abramovay, 2006, p. 3).

A fase juvenil enquanto ciclo de transição e de desenvolvimento como um ser sociável, segundo Bock (2007):

> É da natureza do e de seu desenvolvimento passar por uma fase como a juventude. As características desta fase, tanto biológicas, quanto psicológicas são naturais. Rebeldia,

> desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios tendências à oposição, crescimento, desenvolvimento de raciocínio lógico, busca da identidade, busca de independência, enfim todas as caraterísticas são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana (Bock, 2007, p. 72).

Ainda para Bock (2007), o comportamento que os jovens demonstram no seu dia-a-dia faz parte da natureza do ser humano, em particular a fase que os mesmos se encontram é algo muito normal porque é nesse período que o jovem vai indo se descobrindo biologicamente, emocionalmente, para que o sua a participação na comunidade que está inserido seja respeitado. Para Gonçalves (2005), a juventude como um processo da vida problemático, isso nos demonstra que grande parte dos problemas sociais são atribuídos aos jovens, diante aos seus desejos de identificação, criando a partir do imaginário social em conexão por meio dos jovens e as circunstâncias de cada momento. Período do século XIX, referente ao egocêntrico intensificando a marginalidade na época, era dito de que "o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana" (Gonçalves, 2005, p. 208). Indo nessa mesma perspectiva de Gonçalves, para Leontiev (1978), a juventude assume uma determinada caraterística pelo fato de lhe transmitir uma capacidade de poder assumir representações, situações diferentes que são interpretadas pelas as pessoas que estão inseridas na sociedade contemporânea.

> Tomar os jovens como sujeitos de direitos significa, portanto, em primeiro lugar, reconhecer a especificidade de sua condição e a singularidade da sua experiência geracional; significa também olhar suas demandas como relevantes e pertinentes ao debate público. Exige, como aconteceu no caso das crianças e adolescentes, que se vá além da ótica que apreende os jovens como risco ou problema social, assim como da perspectiva que os situa apenas como sujeitos voltados para o futuro, negligenciando a sua vida e necessidades no presente. Implica, necessariamente, incorporar a participação de seus interlocutores (aqueles que expressam esta experiência e condição singular) nas disputas que definem as formulações sobre os direitos e sobre as políticas. Ou seja, significa abrir um debate público democrático sobre tal pauta de demandas e sobre o modo como podem e devem ser respondidas pelo estado e pela sociedade (Abramo, 2006, s/p).

A juventude não pode ser vista como uma ameaça ou sujeitos causadores dos problemas sociais, mas que sejam vistos como sujeitos participativos das demandas que as sociedades apresentam e sendo assim que seja aceito o seu envolvimento nas demais resoluções dos problemas que a sociedade ultrapassa quer seja em questões políticas, econômicas, sociais e culturais. De acordo com Sposito e Carrano (2003), conceituar a juventude não é uma tarefa fácil, porque se dá por diversas dificuldades em poder disjuntor o indivíduo concreto pela condição que os jovens apresentam. A situação dos jovens se aplica pela forma que a sociedade

constitui essa fase da vida. Na qual a posição dos jovens traduz-se nos diferentes percursos que essa fase experimental das diferentes formas. E os autores compreendem que:

> Tem sido recorrente a importância de se tomar a ideia de juventude em seu plural – juventudes – em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos. No entanto, parte dessa imprecisão parece decorrer da superposição indevida entre fase da vida e sujeitos concretos, aspectos que, por exemplo, para os estudiosos não se superpõem, como afirma Attias - Donfut (1996). Infância e crianças são noções que exprimem estatutos teóricos diferentes, operação ainda não delimitada claramente pelos estudiosos da juventude, pois consideram jovens – sujeitos- e fase de vida-juventude como categorias semelhantes (Sposito & Carrano, 2003b, p. 17).

No interior da complexidade de subjetividades e da conjuntura que permeiam a fase juvenil, a elementos socioculturais e políticos, como categorias que têm grandes relevâncias nas esferas públicas. Segundo Hall (2002, p. 13), a identidade se forma através de um processo histórico, e não biológico. Segundo o autor, "o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente". Para Agostinho (2018), o termo juventude especificamente de maneira nenhuma existe simplesmente um conceito que afirma que é certo ou errado, para o autor, a juventude também entendida como um processo, que busquem formas de se construir uma nova identidade de si próprio, para que consiga se encontrar na sociedade. Que nos leva a pensar na complexidade que essa fase carrega, pelas más perspectivas que são atribuídas a eles, que realmente é preocupante e que nos propõe analisarmos as problemáticas que atingem esses indivíduos. No entanto, independentemente que essa seja uma fase passageira como muitos vejam, mas não é apenas só uma fase, ela é marcada e determinante em seu processo como indivíduo, na qual é influenciado muitas vezes pela a conduta social da comunidade em que está presente, a procura pelo crescimento e desenvolvimento.

> Não existe um único jovem: na cidade moderna os jovens são múltiplos, variando em relação às características da classe, o onde vivem e a geração a que pertencem e, ainda, a diversidade, pluralismo, a explosão cultural dos últimos anos é manifesta-se privilegiadamente entre os jovens que oferecem um panorama extremamente variado e móvel que abrange a seus comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de sociabilidade (Margulis, 2001, p.42, tradução nossa).

Os jovens são diferenciados concernente às suas regiões onde moram e o meio que estão inseridos, não se pode contextualizar os jovens são diversificados como um todo. Para Foracchi (1972), e Augusto (2005), afirmam que a juventude é a preparação histórica-social, em que não é permitido delimitar a faixa etária, como se estivesse a reduzir a juventude. Pois, os jovens representam também categoria histórico-social como já frisado, essas categorias que são

geradas através das tensões a respeito à paralisação do sistema. Aplicando em um contexto sociológico a juventude representa um modo do desenvolvimento da pessoa. Ao longo da história, os jovens eram excluídos a participarem nas discussões de âmbitos sociais, sendo que os ocidentais eram considerados como conservadores. Onde associavam os jovens com a imaturidade, iletrado, que dependia totalmente de sua família.

1.2 Política Nacional da Juventude Angolana: Visão, Missão, Princípios e Valores

De acordo o Diário da República de Angola (2019), aborda que desde o momento que se deu a independência em Angola em 1975, o governo angolano desde sempre privilegiou o progresso dos jovens visto que são como principais geradores da produção econômica de Angola. E que depois desse período da independência no ano de 1989 o Estado criou o Ministério da Juventude e Desportos (MJD), como a principal repartição que se responsabiliza pela criação de novas políticas públicas e sociais juvenis. Realçando que desde então Angola tem criado e implementado em relação às políticas públicas inclusão dos jovens na vida ativa. Políticas essas que têm sido estabelecidas desde que o país ganhou a paz, isso em 2002, que tem como foco central o desenvolvimento de melhores condições de vida da juventude angolana. A Constituição da República de Angola (2010), no seu artigo 81° estabelece que as juventudes angolanas usufruem de proteção peculiar para a efetivação dos seus privilégios ou benefícios econômicos, políticos, sociais e culturais. Para efetivação desses direitos a Constituição da República de Angola orienta o quanto é importante que se crie uma política nacional da juventude que responda os seus direitos e pautas na sociedade angolana.

> A concepção de uma Política Nacional da Juventude é justificada pela especificidade da sua condição natural requerer proteção e orientação, como também, pelo facto de a juventude constituir-se na maioria da população angolana, para além de obviamente, ela configurar o principal fator de desenvolvimento do país. Com efeito, dos 28 milhões de habitantes que perfazem a população de Angola, 65% por cento deste total é constituído por jovens com idade média de 24 anos. Estes dados permitem afirmar que a população angolana é bastante jovem, exigindo para o efeito investimentos adicionais, mediante a concepção de políticas públicas multi e intersetoriais susceptíveis de atender os mais variados domínios de interesse da juventude. Acresce a este facto a prevalência de elevadas taxas de desemprego cerca de 31% por cento, à escala nacional de acordo com dados 2014 no seio da população jovem, bem assim o facto de cerca de 17% por cento nunca ter frequentado a escola, no momento do período (Angola, 2019, p. 5558).

Ora, a sociedade angolana, a maior parte dos habitantes é composta por jovens com idades compreendidas entre 15 a 24 anos. No entanto, em relação à situação da juventude

angolana emitem cuidados redobrados, sendo que nos deparamos com indivíduos que várias vezes são confrontados pelos diversos problemas que são frutos das suas próprias caraterísticas. No período de 2009 o governo angolano chegou a ratificar a carta africana da juventude, que foi adotado diante a Conferência dos Chefes de Estado e de Governo em março de 2006, que compreendia na inserção dos jovens africanos no ápice da produção do continente africano que são membros da União Africana, em que consiste na materialização da juventude na educação, no profissionalismo da área prática concernente a ciência e da tecnologia, como também em oportunidades de criações de trabalho ou emprego. Sendo que a Carta Africana da Juventude orienta aos Estados Partes que adotem na aplicação de políticas nacionais, como foi recomendado pela Constituição de Angola de 2010, que tenha objetivo em cobrir as necessidades apresentadas por esses jovens, na questão da saúde, educação, habitação, emprego, políticas juvenis e no desenvolvimento sustentável, centros profissionais, segurança social.

> De certa maneira, o quadro macroeconômico que o País vive desde 2014 instalou um ambiente desfavorável para a inserção econômica da juventude, em consequência da crise que o País vive. O Plano de Desenvolvimento Nacional PDN-2018/2022, prioriza o investimento no sector não petrolífero em vista à diversificação da economia do país para, deste modo, inverter esta tendência negativa. No que tange à juventude, vale realçar que no PDN-2018/2022 os jovens são considerados como protagonistas da modernização, da mudança de mentalidades e como apresentando o maior potencial para o desenvolvimento do país. Ademais, merece destaque neste PDN, a importância do "Programa de Desenvolvimento Integral da Juventude" que vista a promoção de soluções para os principais problemas da juventude, envolvê-los nos grandes objetivos de consolidação da democracia participativa e desenvolvimento social, bem como promover a qualificação e formação profissional dos jovens e adolescentes, de modo a assegurar a sua inserção no mercado de trabalho e na vida econômica (Angola, 2019, p. 5558).

De acordo com o Diário da República (2019), compreende-se que o Plano de Desenvolvimento Nacional-PND 2018/2022, havia estabelecido algumas normas que objetivavam incorporar negócios favoráveis a fim que os jovens angolanos pudessem desenvolver as suas competências em diversos aspectos, sobretudo na área do empreendedorismo. E que esse programa na jurisdição dos jovens angolanos, com plano estratégico de longo prazo Angola 2025, tem como o centro na promoção do desenvolvimento integral dos jovens angolanos na esfera pública ou privados em demais setores da sociedade. Para a Constituição da República de Angola (2010), "a política de juventude deve ter como objetivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, a criação de condições para a sua efetiva integração na vida ativa, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à

comunidade". Concernente o Estado Angolano todo qualquer indivíduo no país tem direitos a melhor condição de vida e habitação, etc. Ressalta-se que no período de 2005 a 2013 houve a intervenção do Estado no que toca a camada juvenil que foi promovida pelo Plano Executivo do Governo de Apoio à Juventude-PEGAJ, em conexão com demais entidades ou empresas públicas ou privadas, grupos empresariais e a sociedade civil, que tinha como foco na redução do desemprego dos jovens que se estendia em vários cantos do país, em fornecer melhores oportunidades de vida e a sua participação de forma ativa no desenvolvimento de Angola e bem como de África. De acordo com o Diário da República de Angola (2019), nos apresenta os Direitos e Deveres da Juventude no capítulo III.

Nos termos do presente Política e da Lei, os Jovens angolanos gozam dos seguintes direitos:

> a) Acesso à saúde, educação, formação profissional e à cultura; b) Acesso ao primeiro emprego, ao trabalho e à segurança social; c) Acesso à habitação; d) Acesso a serviços jurídico-legais, assistência médica e medicamentosa; e) Prática de educação física, desporto e aproveitamento dos tempos livres; f) Proteção contra a exploração laborai, violência, crime, abuso sexual e consumo de drogas; g) Participação nos processos de tomada de decisão, em particular, nos assuntos de interesse da juventude; h) Liberdade de expressão, de reunião e de associação; i) Liberdade de afiliação em partidos políticos; j) Acesso à informação adequada e de qualidade; (Angola, 2019, p. 5559-5560).

Embora o governo angolano nos apresenta os seguintes direitos da juventude angolana ainda é um assunto que está muito longe do seio desses jovens, porque muitos dos jovens não usufruem desses direitos que o governo pontua e nem sequer são contemplados, onde percebe-se que muitas das pautas só estão no papel mais adiante noutros capítulos veremos os desafios que os jovens angolanos desde a situação de exclusão até ao desemprego. Mas salientando que essas pautas apresentadas são de caráter importante só necessita de mais fiscalização por parte do Estado.

De acordo o Diário da República de Angola (2019), a política nacional dos jovens angolanos é uma estratégia de intervenção de caráter multi e intersetorial, como já argumentado no enquadramento, que tem como objetivos de forma especial proteger os direitos e deveres da juventude angolana. Busca-se que a política nacional da juventude contribua diretamente na inserção e na participação da juventude no processo de organização e sobretudo no crescimento econômico, político, social e cultural da sociedade angolana. No entanto, essa política nacional que também podemos chamar de política estratégica visa a responsabilizar-se com os demais desafios que vêm sendo enfrentados por jovens que estão em situação de instabilidade social e

econômica. É necessário que os jovens angolanos tenham acesso à saúde, formação, qualificação e de domínio acadêmico que lhes dê oportunidades de inserção no mercado de trabalho, quer seja, empregos de domínio formal ou informal com contrato assinado e que seja valorizado e respeitado pela entidade empregadora e dos demais membros da instituição.

1.3 Inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho

Existem desigualdades sociais que estão diretamente relacionados entre a esfera econômica e o trabalho, onde vê-se uma enorme presença dos fenômenos de exclusões sociais na qual são compreendidas como inclusão social pleno, em que muitos grupos sociais são excluídos dos processos de desenvolvimento a participarem nos bens públicos, sobretudo no mercado de trabalho que é um dos grandes dilemas. Situações essas que acabam afligir as vidas de diversas famílias e a comunidade no seu cotidiano, que contribui diretamente na desigualdade social e na pobreza. Sendo que os processos da exploração impactam diretamente a sociabilidade no seio das famílias. E que as desigualdades sociais concernem em situação de discriminação e exclusão social, que vigoram diversas vezes em um domínio estrutural, tendem a resultar no mundo do trabalho, para às várias formas de violência, quer seja, cultural, estrutural e física. E que os jovens acabam sendo os mais atingidos.

> Sem deixar de ser o complexo através do qual a sociedade se reproduz materialmente, o ato de trabalho passa a ser também (mas não apenas) uma relação de poder entre os homens. E, quando isso ocorre, é imprescindível uma série de complexos sociais que são portadores práticos desse poder de alguns indivíduos sobre outros. É por isso que surgem, se desenvolvem e se tornam cada vez mais importantes para reprodução social, complexos como o Estado, a política, o direito (Lessa, 1999, p.25).

De acordo Arcoverde (2008, p. 116), a "síntese reflexiva do aprofundamento das desigualdades acumuladas e expressas ao longo dos diferentes modos de produção e inerente à sociabilidade capitalista". Boschetti (2018), os processos de espoliação de direitos elas modificam não apenas na sua essência ou na significação do Estado social, mas que também acaba colocando a classe trabalhadora em uma situação desumana na contemporaneidade de inclusão do trabalho ao capital. E que os planejamentos de redistribuição por transferências de capitais, tendem a ser a política fundamental de garantia a inserção a um mínimo de remuneração. Em relação às desigualdades, produzidas na base do capital e trabalho, que intrinsecamente a exploração entre outrem, é fundamental na construção da questão social, e que depois advém dos estados de privatização, tendo em conta o posicionamento do

contratualista. Percebe-se que a desigualdade social não é da responsabilidade desse grupo, mas segundo Piketty (2014 p. 12), é "justo que o Estado tente melhorar de forma mais eficaz possível a sorte das pessoas mais desfavorecidas". Compreende-se que existe um enorme desafio por parte dos governos em convalescer mais condições de vida aos grupos minorias, quer seja, pela implementação da justiça social ou pela expansão dos direitos a todos indivíduos. A fim que se faça uma redistribuição mais justa e eficaz a todos.

Imagens 1 – Jovens Angolanos Clamam Pelo Desemprego em Luanda

Fonte: Plataforma Média – 2021.

Percebe-se que o processo de inclusão de jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica no mercado de trabalho é uma problemática muito frisada por pesquisadores das ciências sociais, devido a sua complexidade de olhares e enfoques. Em analisar quais têm sido as propostas pontuadas pelas diversas empresas na sociedade que os mesmos estão inseridos, concernente à inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho. Sendo que majoritariamente a preocupação desses jovens é a ausência de oportunidades de trabalho. Para Andrade (2008), a inclusão de jovens no mercado de trabalho, consiste na garantia de ter um emprego de qualidade para sua permanência ou sobrevivência, tem seus impactos no desenvolvimento do país. E que é necessário que haja propostas de aplicação a formação e cursos de qualificação é fundamental no ingresso dos jovens ao mercado formal.

> Referência que, os desafios para o desenvolvimento de Angola, no contexto de globalização e mobilidade internacional da força de trabalho, impõem medidas nas políticas públicas, que proporcionem aos angolanos um papel chave no desenvolvimento do país, abarcando a melhoria na qualidade de vida dos cidadãos, a inserção da juventude no mercado de trabalho, catalisando o desenvolvimento do empresariado nacional, assim como a inserção competitiva de Angola no Contexto internacional. Neste contexto deverão ser desenvolvidas as seguintes medidas nas políticas públicas prioritárias: incentivo à criação de emprego produtivo, qualificado e remunerado condigno para todos os angolanos em idade atual, elaboração e implementação da estratégia nacional de desenvolvimento de recursos humanos, implementação do plano nacional de formação de quadros, como instrumento de execução da estratégia Nacional de Formação de quadros e parte da estratégia Nacional de Desenvolvimento de recursos Humanos, preparando os angolanos para concorrer pelos postos de trabalho que exijam as mais qualificações.[...] O desenvolvimento de Angola, está em sentido crescente, no entanto, deve-se realizar melhorias em várias políticas públicas, fundamentais na melhoria da vida dos angolanos e afirmação do país a nível interno e externo. Portanto o governo deve executar políticas que promovam emprego, saúde, educação, desenvolvimento empresarial, protejam os direitos fundamentais dos angolanos (Teixeira, 2015, p. 25; e Evangelista, 2022, p. 18)

É importante que o governo angolano crie incentivo de criação de novos empregos, qualificações profissionais e valorização da remuneração, e que se deve abrir concursos públicos para mitigar essa procura de empregos deixando vários indivíduos na pobreza e no desemprego. No entanto, é necessário que o governo desenvolva políticas públicas de inserção da juventude nas mais diversas áreas de ofertas de emprego remunerado condigno em todo Estado. Para Scott (2016, p. 602), os jovens em situação de vulnerabilidade carregam em si, o olhar da ideia do mais frágil, diante aos critérios de distribuição de renda, serviços de melhores qualidades de vida, educação e a saúde, na qual são as principais pautas da consolidação das políticas públicas, que busca em garantir direitos de sobrevivência a todos os indivíduos. De acordo Cardoso (2015), os grandes centros na contemporaneidade, são as principais cidades que produzem a exclusão social, das suas diferentes formas de se compreender a reflexão da desigualdade. No entanto com a expansão das cidades acabou afetando diretamente os indivíduos que estão na linha da pobreza "renda baixa", na qual esse grupo sentiu-se obrigados a viverem em periferias, estando assim longe dos centros urbanos.

> O direcionamento da análise do processo de vulnerabilidade para essa parcela da população é justificado pelo reconhecimento dos inúmeros riscos expostos a esse grupo e das consequências que essa exposição pode acarretar na vida adulta dos mesmos. Outra questão que não pode ser descartada é a influência exercida pelo ambiente social na capacidade ou incapacidade dos jovens se adaptarem a uma situação de risco (Schumann, 2014, p. 6).

Os jovens quando são excluídos acabam ficando à margem da sociedade em geral, impedidos os mesmos em conseguirem acessar os bens produzidos socialmente, sobretudo os

seus direitos de caráter mais básicos como, alimentação, saúde e a educação, tornando-as socialmente vulneráveis. Todo qualquer processo de exclusão social e vulnerabilidade, como ato de violência acabam impactando na subjetividade dos indivíduos, provocando assim diversos problemas, quer seja emocional ou psíquico. Wickert (2006), a vulnerabilidade social apresenta diversos fatores que refletem na inserção de drogas ilícitas e violência entre os jovens e o Estado, e na ausência de orientação sexual na fase da adolescência, que contribui diretamente nos comportamentos negativos para o desenvolvimento subsequente. Diferente das outras faixas etárias esses fatores fundamentais, para se pensar o comportamento dos indivíduos, na busca de auto se conhecer em diversas formas de apoio. E que diante a esses impactos não se pode simplesmente em olhar o mercado de trabalho como um dos vieses para se resolver esses fenômenos, como abordado acima, e que se deve também em pautar outros valores e trabalhos informais.

De acordo com Castro e Abramovay (2002, p. 154), afirmam que a exclusão social dos jovens, referente à inserção da classe trabalhadora e nos setores populares, dizem também respeito ao valor da escolaridade. Sendo que foram atribuídos valores aos jovens que fazem parte de outras gerações, que acabou-se construindo por cima da camada juvenil. Mas que até aos dias atuais o trabalho continua sendo um dos fatores mais importante para as suas vidas, no que toca ao seu desenvolvimento profissional. E percebe-se uma ansiedade enorme a esse grupo em se em querer fazer uma mudança imediata para a fase adulta, diante a sociedade em geral. Segundo Winefield (2002), os jovens que se encontram em condição de desempregados acabam tendo várias dificuldades na criação de uma família, pela a situação que se encontram por não ter meios financeiros para os sustentar enquanto uma família. E que alguns teóricos afirmam que o desemprego na fase juvenil atrasa o desenvolvimento psicossocial estável. Ainda mais quando estamos diante de jovens que estão na busca do primeiro emprego, o desânimo é maior.

> Os jovens que tentam ingressar no mercado de emprego sonham realizar os seus projetos profissionais ou de vida, constituir família e ter independência económica. Porém, seu sonho, na maioria das vezes, se converte em pesadelo, quando vivem um itinerário descontínuo, ao longo de vários anos. As dificuldades para encontrar o primeiro emprego, são cada vez maiores, devido à falta de experiência profissional e de mecanismos eficazes que facilitem a transição da escola para a vida ativa, exigindo maior escolarização, critérios seletivos e conhecimentos profissionalizantes. Contrariamente, uma inserção bem sucedida do jovem no mercado de trabalho contribui para a satisfação com a vida, o estabelecimento das relações sociais, dos processos de identificação, valorização e do reconhecimento de pertinência a uma sociedade (Augusto, 2015, P. 37).

Muitos desses jovens que procuram ingressar no mercado de trabalho, para a projeção de sua vida pessoal e profissional e também em constituírem uma família, as dificuldades aumentam cada vez mais quando não se tem formações acadêmicas ou cursos técnicos profissionais, e também na falta de experiências profissionais tem sido um dos desafios para encontrar um emprego de qualidade.

> Entre os fatores geradores de emprego juvenil ilustram-se como primeiro ponto, o investimento na sua qualificação, e o primeiro passo são as unidades escolares, completar o ensino médio é um ponto importante para a contratação de novos empregados. A qualificação escolar não é tudo, o jovem deve considerar sua capacidade de se adaptar às situações inusitadas que sempre acontecem num ambiente de grandes empresas, aprimorar a criatividade e o tamanho de produtividade são outros pontos que devem ser considerados. É claro que o desemprego não está ligado apenas aos indivíduos em si, mas o Estado deve estar atento à macroeconomia do país e também deve existir uma relação entre o governo e o mercado financeiro aplicando-se investimentos no bem-estar dos trabalhadores, sejam eles jovens ou não (Martins, 2017, p.12).

Para que haja a redução desse fenômeno desemprego na camada juvenil é importante também que se dê oportunidade aos jovens que se encontram nessa situação, com oportunidades de ingresso na educação já que muitos não têm qualificação e que se crie centros de formação profissional para que os jovens se qualifiquem a fim de entrarem no mercado de trabalho, em relação a uma política integrativa e valorizar a mão-de-obra da juventude e a isenção desses mercado formal, já que o mercado informal não condiz ao um emprego digno e estável.

> E os caminhos dessa discussão não são difíceis de delinear: dever-se-á procurar promover políticas e estratégias que estimulem a plena inserção e um papel protagônico para os jovens, que se articulem esforços e iniciativas do setor público, seja federal, estadual ou municipal, da esfera privada, das organizações não governamentais e das dos próprios jovens. Estratégias que promovam o conhecimento, a revalorização e o fortalecimento de identidade juvenil e sua participação, como setor ativo e consciente, na construção da cidadania e no desenvolvimento do país (Waiselfisz, 2004, p. 166).

Nessa perspectiva Waiselfisz, é necessário que os governos criem políticas públicas que atendam as demandas apresentadas pelos jovens na sociedade, e que os jovens sejam integrados nas políticas estratégicas de desenvolvimento de um país, e que as pautas implementadas devem se discutir com a juventude. Rocha (2020), a vulnerabilidade social detém um grupo focal, quer seja na sociedade que o jovem está inserido, de igual modo o seu vínculo familiar, de tal forma a instituição de ensino que o mesmo se encontra, e que concernente, a partir desses grupos compreende-se que em muitas das ocasiões existem grande fragilidade referente no apoio desses jovens vulneráveis. Sendo que um dos impactos dessa

fragilidade está na fase juvenil, diante a vulnerabilidade e falta de emprego. Percebe que os indivíduos moram nessa situação, são pessoas que acabam sofrendo com as infraestruturas do centro urbano, com ausência de recursos essenciais, e uma enorme precariedade na educação e na saúde.

1.4 Jovens em situação de violência

Martins e Telarolli (2004) abordam que é necessário que haja uma política social mais oportuna, que busca levar em conta um determinado planejamento de médio a longo prazo de reorganização de progressos de âmbito educacional, técnico e profissionalizante para os jovens que estão na condição de vulnerável o país. Independentemente que essas autoras estão falando sobre a questão dos jovens brasileiros que se encontram no mundo da criminalidade ou seja, violência, mas que são situações que não difere muito da realidade social dos jovens angolanos que se encontram nessas situações, sobretudo na marginalização. As autoras compreendem que é necessário que haja uma reforma no ensino fundamental, técnico, profissional e universitário, sendo que essas políticas públicas devem atender o infanto-juvenil. Afonso (2019), ressalta que a violência está presente em várias dimensões da esfera social em qualquer sociedade, particularmente em escolas e em campos de futebol, locais onde encontram-se variadíssimas práticas ilícitas relacionadas a ofensas ou atitudes de integridade física, participação em grupos rivais ou intimidação.

De acordo com Longhi (2011), à experiência dos jovens quanto ao olhar daqueles que se encontram na condição de rua, em que muitos desses jovens não tiveram as mesmas oportunidades, daqueles que se encontram em locais urbanos. Onde vê-se que existe um déficit de oportunidades para a juventude: um ensino de educação formal péssimo, e uma estigmatização dos jovens que foram retirados do seu habitat desde muito cedo, muitas das vezes são esses acabam se envolvendo com drogas. Outra situação é a busca de um aconchego afetivo. Para Carvalho (2018), não podemos dizer que existe simplesmente de vermos a violência é necessário entendermos que existem diferentes tipos de violências e na qual podem ser a violência doméstica-física ou verbal, violência política ou ideológica e violência juvenil e criminal e que esses determinados fatos estão relacionados violências contra as (mulheres, crianças, jovens e aos idosos, e homicídios), isso a partir dos maus tratos, e que no tempo atual nos centros urbanos tem ocorridos várias situações de violências e que atinge diversos estratos sociais.

Segundo Abramo (1997), os jovens por se configurarem em uma construção social, por durante muitos também foram vistas de diferentes formas, consoante as sociedades que os mesmos foram examinados. Para o autor, a juventude sempre foi considerada como objeto principal como agentes de ruptura social, a atos violentos como degradação de si mesmo e da sociedade que está inserida. Abramo (1997, p. 89), afirma que "a acentuação da atenção nas dimensões de vitimização e heteronímia frente às lógicas do sistema, acaba por manter invisível, e impensável, qualquer tipo de positividade das figuras juvenis". Os jovens muitas vezes são vistos como infratores, e que não são dignos em resolverem os seus problemas, e que essa perspectiva predomina até hoje em dia, na qual essa fase é excluída e marginalizada pelo olhar que foi construído por esse grupo, e que essa invisibilidade acaba apagando as ações positivas por eles construído na sociedade.

Em muitas das sociedades os jovens sempre foram caracterizados como ameaça à integridade social, na qual a imagem dos jovens é associada como agressores, e não como agentes reais dos seus atos. E de que umas das dificuldades que lhes são impostas é de não serem vistos como transformadores sociais, sobretudo em problemas sociais. Em que na qual a juventude acaba significando negatividade, e riscos, ou mesmo aqueles a quem se refere sempre, quando se aborda de questões de violências. A violência é, pois, manifestação do poder, expressão de como as relações sociais aqui organizadas, de como o capitalismo se engendrou e se perpetua no país. De acordo Sales (2007, p. 59), "é exploração, opressão e dominação, mas não é somente força pura, é também ideologia e sutileza". Sales (2007), afirma que os jovens pobres estão no centro de debates contemporâneos, que dizem respeito a violência, quer seja no âmbito cultural, civilidade e da justiça e dos direitos humanos. Em que impactando os fenômenos sociais de nossa realidade a juventude, é construindo estereótipos e conceitos na área dos estudos sobre a juventude.

Salles (2007, p. 316), afirma que "essa atitude desresponsabiliza o mundo adulto da necessidade de compreender a complexidade do fenômeno da violência e as determinações da criminalidade, cujas respostas devem ser organizadas pela construção de projetos de futuro para as novas gerações". Percebe que para colmatarmos esses problemas sociais o que deve ser feito é criar-se projetos sociais que acuda às demandas vivenciadas pelos jovens em situações de vulnerabilidade social. "A violência é, pois, manifestação do poder, expressão de como as relações sociais aqui organizadas, de como o capitalismo se engendrou e se perpetua no país. É exploração, opressão e dominação, mas não é somente força pura, é também ideologia e sutileza" (Sales, 2007, p. 59). Compreende-se que a situação violência no seio da sociedade se

manifesta de diferentes formas, diante a dinâmica social da sociedade que os mesmos fazem parte.

Diante a essa abordagem da autora vemos que a violência se configura em um contexto de poder, pensado assim a partir do capitalismo, e que acabou contribuindo na desigualdade social, desemprego, miséria e na exploração e a falta de políticas públicas e políticas sociais sobretudo aquelas que se enquadram na educação e saúde, onde na qual nos anos de 1970, eram caracterizadas como violências estruturas. Mas que Sales, demonstra que não podemos relativizarmos, mas que é necessário historicizá-la para assim compreendermos na contemporaneidade. Segundo Takeuti (2002), Martins (1993), Gajop (1993), Viana (1997), Costa (1998), Diógenes (2002), Sposito (1993-2010), Koury (2006, 2008, 2010 e 2010ª), Sá (2011), e Vieira (2011), abordam que existe uma incerteza no que toca a insuficiência de políticas públicas inclusivas, na qual é perceptível que a exclusão social, acaba excluindo os jovens pobres, lhes tornando assim como se fossem marginais perigosos, olhares que em muitas das ocasiões são recaídas aos jovens pobres, que cada vez mais sentem-se excluídos. Segundo Zaluar (1999), quanto a relação entre violência e pobreza, facilitou para que surgissem programas sociais que têm como fim principal ao combate à violência, referente aos programas de direitos humanos para o bem-estar da sua população, e que dizem respeito às políticas sociais, segurança pública e na lei e ordem. As políticas sociais ao serem implementadas não se deve simplesmente olhar aos pobres pelo fato dos mesmos considerarem um perigo junto à sociedade, em degradar a ordem pública, pelo de o serem considerados como uma classe perigosa, mas que essas políticas devem ser implementadas pelo de ser um país democrático.

1.5 Jovens angolanos inseridos na prática da delinquência juvenil

A delinquência juvenil, traz consigo variadíssimas consequências, não devemos entender simplesmente em punirmos, mais sim, preocupamos em compreender as causas que faz muitos desses jovens a praticarem esses atos ilícitos, em procurar métodos de solução para combater estes efeitos maléficos, que aflige a sociedade. Essas práticas que retrocede o desenvolvimento das periferias, acaba impedindo para que investidores privados, investidores com medo que sejam assaltados. Sendo que influências desses jovens a engendrar no mundo da delinquência se dá pela falta de emprego em muitos, outros pelo abandono familiar e famílias pobres, fora do ensino, acabam causando instabilidades em suas comunidades. Dumbo (2012), compreende que as delinquências juvenis são práticas de casos particulares de desvio, no que

diz respeito aos crimes de caráter comuns, que reflete a violação das normas institucionais, e que compartilham do mesmo reconhecimento como base de legítimas dentro do sistema social. Para Negreiros (2001), o conceito delinquência pode ser entendido como princípios judiciais, em que o jovem delinquente pratica essas ações que derivam com uma condenação penal diante aos tribunais pelo ato cometido e tornando culposo.

Dickes e Hausman (1986), compreendem que a definição da delinquência juvenil, várias vezes acaba sendo associado aos jovens pelo fato deste experimentar várias formas de vida, que engloba diversos, (Dickes e Hausman, 1986, apud Carvalho, 2003, p. 27). Afirmam que os comportamentos problemáticos que se manifestam no curso da transição dos jovens para a vida adulta sendo estes entendidos como comportamentos de quebra das condutas sociais ocasionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil". Tavares (2016), entende que o conceito sobre o fenômeno da delinquência juvenil, é como um agrupamento de atos ou condutas sociais digressivas que são praticadas por adolescentes e jovens com idades concebidas entre 12 a 21 anos, sendo que já são criminalizados por lei, pela ação das práticas ilícitas.

Strecht (2005), aborda de que o processo da evolução do indivíduo delinquente, demonstra uma longa trajetória de incômodo psicossocial que teve o seu princípio desde a sua eterna idade de vida, que refletem desde a crueldade (maus tratos) até a uma delinquência futura, sendo que práticas ilícitas cometidas por adolescentes e jovens, corporizam na exteriorização de um sofrimento inerente não suavizado. De acordo Born (2005), todo qualquer indivíduo faz parte de uma construção social, que por essência é gerador de delinquência, onde existem sociedades formadas, a partir de alguns mecanismos de controle social que acabam sendo mais adequados de diferentes na concessão de privilégios de uma delinquência, amplamente difundida e sistematizada por parte de alguns grupos de indivíduos. Notoriamente, o espaço social designa proeminentemente a maior parte da vida de cada indivíduo. Sendo, que as juventudes determinam o funcionamento social, de uma sociedade que está inserida. Adrados (1967) aborda que o comportamento dos jovens, o resultado da forma que a sociedade o prescreve, no modo que os mesmos aceitam as normais sociais, categorias que lhes são submetidos a cumprirem, sendo, a fase juvenil é identificada através do transtorno de antagonismo, agressivo e caracterizado como vingativo, que os leva a entenderem a partir do habitat, com intuito de fornecer um bem-estar de todos. E que desequilíbrio social ela advém através da criminalidade, na qual os seus efeitos acabam afetando diretamente o meio social na qual estão inseridos.

Quanto ao comportamento dos jovens na sociedade, Veloso (2014) salienta que:

> Face a esse cenário, compreende-se que os jovens se encontram numa situação em que ainda não são adultos, mas já deixaram de ser crianças, ou seja, já não são protegidos pela restante sociedade, como seres indefesos e incapazes de racionalizar coerentemente sobre suas escolhas de vida, como também, não é uma pessoa adulta com um conjunto de responsabilidades que normalmente lhe estão associadas, responsabilidades essas reservadas na maioria das vezes, aos pais (Veloso, 2014, p.8).

No entanto, o fenômeno da delinquência juvenil em Angola ocorre pelos fatores que a maioria da comunidade angola já conhece de perto e muito bem, isto é, a pobreza. Sabemos que por muito tempo que o país esteve mergulhado em um conflito armado que acabou atrasando o desenvolvimento técnico social, econômico e político, muitas vezes se apresenta esse olhar quanto à situação de violência, sobretudo dos jovens. Majoritariamente são jovens que dificilmente são empregados, ou seja, encaram dificuldades na oportunidade entrar um emprego, numa taxa compreendida de jovens de idade de 15 aos 25 anos de idade, ocupando uma percentagem em média de 50%, onde percebe que a maior parte da juventude está desesperada e frustrada, principalmente na procura de diferentes formas de poderem se manter, afim de cumprirem as necessidades presentes na vida do ser humano, como alimentação, entre outras, por esse motivo esses acabam refugiar-se nesses tipos de práticas ilícitas de comportamentos repudiados pela sociedade.

> Vejo que é uma situação muito complicado e cada dia que passa tem aumentado principalmente nas zonas onde nós vivemos e no país onde moramos acontece muito esses casos e tem vários porquês, por exemplo na zona onde moro tem muita gente que não trabalham e pouca gente estuda, a muita fome, esses são fatores que leva esses jovens a essas práticas ao uso das drogas. Porque dificilmente, até pode acontecer mais alguém que tenha um trabalho ou que estuda, ou seja alguém que está distante das dificuldades dificilmente se perde nas drogas e nas delinquências, e nós estamos num local que somos muitos em uma casa que em menos somos 11 a 18 pessoas nem todos os nossos pais conseguem pagar as escolas e nem sequer muitos conseguem serem empregados, quer seja, na privada ou na pública, e não têm nada por fazerem e a única solução que eles procuram é roubar e se drogarem e isso é muito complicado, são vários fatores que influenciam e levam nos jovens a irem no mal caminho e na minha zona é muito frequente, e nós vimos isso em pessoas de perto. E outra que eu queria falar é que o Estado Angolano não ajuda, a droga é o negócio mais rentável e mais acessível atualmente, se você ver aqui ao nosso redor, e a casa que vendem liambas (maconhas) e a polícia sabe disso mais não fazem nada porque também comem do mesmo dinheiro, por mim a bebida seria mais cara do que a cestas básicas de alimentação, a bebida tá num preço muito baixo se uma criança lhe darem 50 kz ele consegue comprar uma bebida ou a droga, epa então invés de partir por parte de nós cidadãos ou mesmo da população em geral, tem que partir primeiramente do Estado, é o Estado que precisa rever as suas políticas ou seja esse lado, porque a muita droga a rolar no país. Normalmente algumas bebidas que você vê no lote são proibidas a menores de 18 anos, mas aquilo parece que é aceitável a menores de 10 anos (André Mateus, entrevistado).

Concernente ao elevado índice de delinquência juvenil em Angola, Segundo Dumbo (2012, p. 84), “a problemática da delinquência juvenil em Angola está a atingir proporções preocupantes, uma vez que o número de menores em conflito com a Lei aumenta vertiginosamente”. Compreende-se que o comportamento desviante desses adolescentes e jovens inicia muito cedo, agindo de forma negativa no seio da própria família, nas escolas e nos mercados informais é daí que muitas vezes acabam praticando esses atos, no meio onde se encontra envolvido com pessoas às vezes atitudes violentas e agressivas.

Imagem 2 – Abordagem da Polícia Nacional de Angola, aos jovens.

Fonte: Rádio Nacional de Angola, 2022.

De acordo Inácio (2012), a província de Luanda-Angola, vem sendo alvo de várias críticas, relacionadas ao fenômeno da delinquência, na capital. Consequências de uma comunidade que se encontra em constantes mudanças sociais, os casos de criminalidade em Luanda são visíveis, pelo fato de haver ausência de políticas estratégicas do governo na implementação, para poder lidar com a população mais vulneráveis, tirando Luanda, temos as províncias de Benguela, Cabinda e Huambo, onde também os casos de delinquência têm crescido. A cidade de Luanda, fora de outras províncias como a província de Cabinda, Benguela, Huambo, Huíla e Malanje, e de localidades com maior densidade de habitantes, são as províncias que apresentam mais casos de criminalidade. Sendo que na capital de Luanda verificam-se casos mais preocupantes e perigosos, como assaltos à mão armada, de residências, de igual modo roubos nas instituições de financiamento privados. Diferente de outras províncias que os casos de assaltos são menores, que refletem principalmente em furtos e roubos, como

animais, telefones, e objetos de valor monetário. Para Inácio (2013), o fenômeno da delinquência juvenil na cidade de Luanda, a sua trajetória de conflitos começa especificamente no interior das suas periferias com algumas brigas, por roubos simples de dinheiros, telefones entre outros atos na via pública, que depois acabam se infiltrando direta ou indiretamente com os grupos organizados, em assaltos em carros, moradias, e instituições públicas.

Imagem 3 – Serviço de Investigação Criminal - SIC

Fonte: Luanda Antena Comercial, 2022.

Muitos desses jovens como menciona, Pimenta (2012), acabam entrando em determinadas práticas ilícitas por esses quererem algo com facilidade, como já abordado acima, em quererem ter o agora, visto, que o nosso sistema não facilita em nenhum momento, e que o governo não cria meios sociais, e dinâmicas estimulam diretamente para economia, em um sentido, de que também sejam atingidos, e muitos desses jovens vejam essas práticas como o seu meio de sustentabilidade para poder se manter, e acabam por se incorporando no seu todo diante a essas práticas e que muitos não conseguem deixar esses hábitos. Lembrando que as desigualdades e a falta de oportunidades que o estado oferece são fortes elementos, senão determinantes, para o acesso a porta para o crime, visto que na periferia, o que se observa é uma vasta ausência de um olhar do estado, na ausência de saneamento básico de instituições escolar de qualidades, serviços de saúde e com isso maiores dificuldades para seus moradores. Koppele (2012) afirma que casos de pobreza, fome, o desemprego e as condições precárias de infraestruturas em condições, e problemas frequente nos cuidados da saúde, na falta de alimentos, e o no impedimento de vários direitos a esses indivíduos, são principais fatores da

exclusão social na sociedade angolana. E que esses fatores têm relevância na vida dos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade e sendo um dos indicadores que os empurra para os trabalhos informais e a roubos para se poderem alimentar e resolverem outras necessidades básicas que um ser humano precisa.

A situação da criminalidade juvenil tornou-se um fato social, e que é visível na sociedade, sendo, que o elevado índice de crescimento da marginalização nas zonas periféricas da cidade de Luanda tem crescido de forma exuberante a cada dia que passa, e que esse fenômeno é um dos grandes dilemas que a sociedade em geral vem enfrentando, e que vem se perpetuando por motivo das desigualdades sociais, existente no país, e, que uma das principais consequências na base de tudo está a exclusão social desses jovens (Inácio, 2012). O aumento dos casos de criminalidade na capital de Luanda, é reflexo das desigualdades sociais existentes no país, quer seja, nos centros urbanos ou periféricos. A Polícia Nacional de Angola reconhece que a crescente diversos tipos de crimes ou violência na capital, na qual têm buscado medidas a fim de englobar essa ação criminosa. Sendo que a pobreza estimula os jovens para a vida do crime. Através do alto desemprego e a carência de bens de primeira necessidade de suas famílias. E percebe-se que hoje em dia, o alto nível de crescimento da criminalidade está diretamente associado às questões já abordadas até ao momento, na necessidade dos bens alimentares, e que de alguma maneira aponta o agravamento da delinquência na maior parte dos casos.

A cidade de Luanda, nos últimos anos tem aumentado os casos de crimes violentos, especificamente nos bairros periféricos da Capital, e que tem tirado sossego na população. Nos últimos cinco anos atrás o país havia registrado um índice alto de 24% do de criminalidade, que em média eram 150 casos por dia. Anualmente a taxa média é de 191,8 crimes, isso em cada 100 mil habitantes, de acordo os dados apresentados pela Polícia Nacional-PN. O País começou a registrar maior índice de criminalidade, a partir da intensa crise financeira e cambial. Essa crise acabou deixando os jovens criminosos mais violentos, e os crimes foram subindo, tanto em Luanda, como nas demais províncias de Angola. Em 2020, no período que foi decretado o Estado de Emergência, para se evitar a propagação da Covid-19, o País registrou uma enorme redução de crimes, conforme nos é apresentado a partir dos dados da Polícia Nacional. Percebe-se que o crescimento de uso de drogas e de práticas ilícitas a cada dia vem aumentando de modo excessivo nos bairros de Luanda, e que o fenômeno a criminalidade na Capital tem sido um dos grandes problemas, e que umas das principais causas desse fenômeno está a exclusão dos mesmos, sendo, muitos desses jovens são impossibilitados a participarem ativamente nas pautas

públicas. Segundo Tavares (2016), realça que a delinquência na sociedade angolana, vem tornando cada vez mais preocupante na contemporaneidade e que é visível, através da pobreza extrema dos grupos minorias, esses que não têm condições de como sobreviveram, embora o governo angolano tem criado medidas políticas de redução os impactos desse fenômeno social, a criminalidade tem se perpetuando mais com as práticas de crimes de diversas vertente.

Imagem 4 – Polícia Nacional de Angola.

Fonte: Revista Angola 24 Horas, 2021.

Tavares (2016) sublinha que os crimes praticados por jovens angolanos, sobretudo em Luanda vem sendo preocupante, e que uma das razões que os faz a praticarem esses atos é pelo fato da exclusão social, desigualdade social e o desemprego que assola o país, na falta de uma política pública que abrange toda sociedade, como a saúde, educação, e uma habitação de qualidade, e que predominam em um dos assuntos mais importantes se olhar com atenção. Na comunidade angolana casos de criminalidade juvenil é uma realidade em todo Estado nacional, isso desde o momento que o país ganhou a paz em 2002, assaltos nas casas a mão armada, nas ruas e roubos, que são frutos da desvinculação ou do abandono familiar. Os bairros periféricos de Angola apresentam maiores índices de criminalidades pela degradação desses locais e onde a maior parte dos habitantes vivem em extrema situação de pobreza e saneamento básico precário. De acordo com o Jornal de Angola (2019), ressaltou que o Governo Provincial de Luanda, na época, ressaltou que a grande massiva dos casos da criminalidade juvenil da cidade de Luanda, se deve pelo fato de haver elevado desemprego e desigualdade e pobreza. E que são

os dos fatores que os jovens enveredam para as práticas da criminalidade por verem como um dos caminhos mais fácil de conseguirem um meio, sendo que muitos desses jovens vêm de famílias de nível baixo, e o desemprego acaba assolando essas famílias desfavorecidas. O Governo vem procurando medidas para solucionar esse fenômeno que até aos dias atuais vem ganhando mais espaço, principalmente nas periferias.

De acordo com a Constituição da República de Angola, no seu artigo 81. ° (2010), compreende-se que:

> Os jovens gozam de proteção especial para efetivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais, nomeadamente: a) No ensino, na formação profissional e na cultura; b) No acesso ao primeiro emprego, no trabalho e na segurança social; c) No acesso à habitação; d) Na educação física e no desporto; e) No aproveitamento dos tempos livres. 2. Para a efetivação do disposto no número anterior, lei própria estabelece as bases para o desenvolvimento das políticas para a juventude; 3. A política de juventude deve ter como objetivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, a criação de condições para a sua efetiva integração na vida ativa, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade. 4. O Estado, em colaboração com as famílias, as escolas, as empresas, as organizações de moradores, as associações e fundações de fins culturais e as coletividades de cultura e recreio, fomenta e apoia as organizações juvenis na prossecução daqueles objectivos, bem como o intercâmbio internacional da juventude (Constituição da República de Angola, 2010, pp. 28-29).

Essas medidas têm como objetivo a formação de um observatório social, que esteja preparado para responder às necessidades dos adolescentes e jovens na sociedade luandense. Que permita a criação de Programa de caráter social que proteja os direitos dos jovens, para que os mesmos tenham uma saúde de qualidade, e uma educação gratuita, para que se ocupem, e um programa de habitação para jovens. É bastante evidente que para que haja um menor índice da criminalidade, é de extrema relevância que o Estado angolano crie políticas estratégicas de aumentos de empregos e bem remunerado e criação de centros profissionais, para que ocupe os jovens a realizarem uma determinada atividade que lhes possa garantir conhecimentos e tornar-lhes profissionais.

CAPÍTULO II – DESIGUALDADE, RAÇA, POBREZA E (DES)EMPREGO: Uma revisão da literatura

A desigualdade social diz respeito à privilégios e poder por meio ou através de diferentes grupos sociais que possuem mais recursos do que às outras que não têm as mesmas oportunidades. Pode ser compreendida de diversas formas, na distribuição de renda, saúde, educação e na obtenção de necessidades básicas cruciais. Salientando que pode ser causada por diferentes fatores, no qual pode ser a partir da discriminação racial, de gênero e a de classe em qualquer sociedade, mais salientando que no caso de Angola concernente a descriminação da cor da pele se aplica pelo colorismo, no qual indivíduos negros são diferenciados pelo tom da pele. É importante ressaltar que a questão racial é de extrema relevância para o estudo das desigualdades sociais, sendo que certos grupos raciais e étnicos enfrentam vários desafios em relação a outros grupos, apontando que a desigualdade racial tem também levado várias famílias para desproporção, concernente na distribuição de renda, na falta de empregos, entre outros pontos já mencionados. Estudos apontam que indivíduos pertencentes aos grupos de minorias (marginalizados), há uma tendência muito enorme para estarem em situação de pobreza, defrontando a situação de desemprego diferente dos grupos raciais privilegiados. O fenômeno da pobreza está conectado à desigualdade social e a situação do desemprego. Ressaltando que a pobreza refere-se na escassez de bens primordiais, para que uma determinada pessoa ou grupo que não tenha melhores condições de vida, alusivo em alimentação, habitação condigna, na educação, na saúde e no acesso a serviços essenciais. E que afeta diretamente os grupos raciais minoritários de qualquer país no mundo. Um ponto importante é que o desemprego é causado pela desigualdade social, pobreza e a exclusão social, porque é necessário compreendermos que a falta de emprego formal ou mesmo informal pode causar enormes problemas prejudiciais na vida de várias pessoas, sobretudo os que passam em situação de exclusão e marginalização na sociedade angolana e bem como no mundo em geral. Diante a estes fenômenos o Estado tem o poder de criar políticas estratégicas ao combate a estes problemas sociais que a muito tem levado várias famílias em situações de extrema pobreza, Ainda tratando-se de Angola, um país em processo de desenvolvimento e com desafios complexos que caminha lentamente em prol o desenvolvimento econômico e social, diretamente imbricados a sociedade, independentemente das categorias raça, étnicas, gênero e sexualidade, religião (ou espiritualidade) ou escolaridade, bem como da transparência pública ideal e de uma democracia mais consolidada.

Todos os pontos aqui mencionados têm uma relação enorme entre elas e é um dos debates que vem ganhando maior abertura nas literaturas contemporâneas como também na sociedade civil.

2.1 Desigualdades Sociais

No campo das ciências sociais, há várias formas de compreendermos as desigualdades sociais, na forma que cada disciplina interpreta, essa discussão, mas que também as desigualdades socioeconômicas têm uma influência enorme nos debates, concernente às teorias sociológicas contemporâneas. Atualmente na atualidade contemporânea as visões econômicas tornaram-se hegemônicas, que buscam em realizar várias maneiras diferentes na soma de capital, e nas oportunidades. Nesse sentido, percebem-se que existem várias variantes técnicas que se propõem em medir as desigualdades sociais e nas injustiças de renda, como existem as diversas teorias de medição a pobreza, tendo, várias séries de teorias em torno da conceituação de marginalidade, na qual, englobam as dimensões geográficas, e, espaciais. Segundo Santos (2006), apresenta a relação entre a desigualdade social e exclusão, onde aborda que as desigualdades sociais têm vindo a ser de extrema relevância para se compreender os processos de mudanças histórico-sociais contemporâneas, e entender os efeitos dos Estados por intermédio aos constantes fenômenos que vem acontecendo sendo, de privatização, vulnerabilidade, e de exclusão social, e que tem como objetivo em delinear as políticas públicas aplicado pelos Estados na reflexão de bem-estar social. Entende-se que as desigualdades sociais são fenómenos transversais em qualquer sociedade.

> Há muito tempo, as ciências sociais exercem um papel de liderança na análise das desigualdades. Contudo, ainda existem lacunas na nossa compreensão sobre as desigualdades e sobre como abordá-las. A urgência em se reduzir a desigualdade exige novos tipos de pesquisa e conhecimento, assim como um papel decisivo das ciências sociais na identificação e na construção de caminhos transformadores rumo a uma maior igualdade. A realização de progressos quanto à desigualdade exigirá a integração de uma ampla gama de abordagens disciplinares, a definição de agendas e a definição de marcos para a pesquisa através das áreas das ciências sociais, das artes e humanidades. Isso terá como significado ir além da quantificação das diferentes dimensões da desigualdade, para enfatizar métodos qualitativos e participativos, assim como desenvolver combinações inovadoras no campo da pesquisa quantitativa e qualitativa, para se entender por que e como as desigualdades persistem. A compreensão sobre como a pesquisa na área das ciências sociais pode contribuir para enfrentar as desigualdades requer que o nosso reconhecimento das desigualdades na construção do conhecimento em si. Essas desigualdades afetam as espécies de conhecimento que são produzidas, por quem e onde, bem como quem detém o conhecimento considerado importante. Incluem também as desigualdades de acesso ao conhecimento e a tendência para que certas disciplinas e métodos sejam considerados como prioridades (ISSC; IDS e UNESCO, 2016, p. 13).

No entanto, as desigualdades sociais têm vindo a ser de grande importância para se compreender os processos de mudanças histórico-sociais contemporâneas, e entender os efeitos dos Estados por intermédio aos constantes fenômenos que vem acontecendo sendo, de privatização, vulnerabilidade, e de exclusão social, e que tem como objetivo em delinear as políticas públicas aplicado pelos Estados na reflexão de bem-estar social. Entende-se que as desigualdades sociais são fenómenos transversais em qualquer sociedade. As desigualdades sociais podem ser compreendidas relacionadas ao termo sociológico e também ao contexto econômico, sobretudo na relação das classes sociais. Sendo que a desigualdade social acaba favorecendo outras pessoas e desfavorecendo outros indivíduos que ficam sem saída de permanência na sociedade. E que um dos impactos nesse fenômeno se dá a partir da má distribuição de renda entre a classe social.

De acordo Rousseau (1999), observou a sociedade política de forma imperfeita, onde no interior dela existem vícios e moralmente degenerados. Percebe-se que a desigualdade é concretamente ineficaz no interior do regime de seu ambiente na qual pode se caracterizar diante das nossas competências e no desenvolvimento do espírito humano, que acabou se tornando estável e autêntica por intermédio da aplicação da particularidade e das normas. Dessa forma é perceptível que o elemento moral é fundamental para se compreender o engendramento das desigualdades sociais entre os homens. A desigualdade social na perspectiva de Locke (2006), não pode ser vista como um ato natural. É perceptível que a desigualdade é resultado da degeneração moral, quer seja em ter muito dinheiro como também em ter luxos, em conseguir as coisas de forma fácil, condizem para sua sobrevivência. E que a Lei da natureza acaba condicionando a Lei positiva, sendo que diante disso a moral é base fundamental para orientação de cada indivíduo na sociedade que age racionalmente. Para Locke (2006), a desigualdade não manifesta-se simplesmente a partir da pormenorização do poder que se explicita em muitos casos a partir da gênese da formação do Estado, mas que também pode se dar através da apropriação legal das gênesis da natureza, em que é pautado pela sobrevivência e bem-estar de cada indivíduo.

De acordo com Sebastião (2009), o fenômeno da desigualdade nos últimos anos vem recebendo maior atenção com debates a fim de se ter um plano de estratégia de combate por parte de políticas sociais e programas de caráter público a nível global. No campo dos estudos das ciências sociais, se estabeleceu, em meados de 1950, que a área sociológica mostrou um interesse em pesquisas sobre as problemáticas sociais relativamente na no acesso ao ensino e de políticas implementadas pelo governo, tornando-se um dos principais debates. Esse

fenômeno, é um acontecimento presente em nós, que se apresenta em diversas formas, tendo, a desigualdades sociais, e as econômicas, de gênero, racial, de oportunidades, e regionais, desigualdade de gênero, de geração e a desigualdade social, que se apresentam em diversas dimensões, no acesso, à educação, saúde, moradia, e aos transportes públicos entre outros.

Segundo Marx (2017), o termo desigualdade social diz respeito a um contexto de ordem natural. Marx, compreende que a desigualdade é mais uma questão de caráter política e também fundamentalmente sócio-econômica, e o modo de produtividade atual, onde na qual é uma das consequências do capitalismo. E que o Estado e suas leis universais são fatores, que influenciam por um panorama de classe, aplicando assim e determinando o desejo da classe dominante a burguesia. De que a obtenção do ganho depende concretamente da desigualdade social. Para Marx (2004, p. 46), "o único motivo que determina o possuidor de um capital a empregá-lo, é o ponto de vista do seu próprio lucro". E que acaba deixando nitidamente de natureza individualista. Para o mesmo, uma sociedade capitalista é separada na categorização antagônica, é governada pela luta de classes.

Enguita (1999), realça que as desigualdades sociais, estão presentes em uma ação decisória e estabelecidas, a todas as pessoas que constituem a vida ativa na sociedade. Onde muitos desses indivíduos são encontrados nos processos de produção como relações sociais na adequação de excedentes econômicos, ou da exploração, que circule tanto em processos produtivos, quanto nos processos de circulação, de igual forma nas economias domésticas. Morin (1983), todos esses sujeitos estão presentes em todos progressos sociais, que constroem os processos da esfera do trabalho, que refletem em atos que não geram valor econômico, e que têm como princípio fundamental a reprodução e a preservação da vida em um âmbito mais abrangente. Para Giddens (1984), a transversalidade de um observador em relação ao contexto cotidiano como a realidade social ativa, nos fornece variadíssimas complexidades da percepção do social, que nos permite uma excelente reflexão sobre a estrutura social e da ação social. A relevância que se tem nesse ponto de vista é examinarmos que as desigualdades sociais estão enraizadas no mundo da vida em geral, e que não podem ser só apenas no mundo do trabalho, da esfera econômica ou da esfera política.

Segundo Rafael e Yoba (2020), a desigualdade social se dá a partir da divisão de trabalho onde as famílias mais pobres, ou seja, carentes acabam sendo os menos privilegiados enquanto os ricos que possuem mais renda acabam sendo os mais privilegiados, sendo que estes determinados grupos possuem o poder de barganhas. E que é um fenômeno que tende, a intensificar na realidade social, de cada sociedade geral, quer seja os países desenvolvidos ou

em desenvolvimentos, em que não existe paridades as populações, não se faz sentir, ainda mais, em um país desigual, em que a situação das famílias mais carentes, ou no âmbito mais sociológico no sentindo da palavra, as que se encontram em situações de extrema pobreza, esses acabam possuindo menor acesso na concisão de uma instrução, e que essas famílias consigam estar informadas sobre determinados assuntos ou informações de grande relevância que lhes o permita em alavancarem um desenvolvimento de caráter próprio, enquanto que os mais ricos esses que carregam o poder de controle, seja ela no âmbito econômico ou político, como já abordado, possuem maior estrutura organizacional de investimentos e assim multiplicam a sua renda, e maiores recompensas advindos deles.

Salgados (2009), afirma que nas últimas décadas do século XX, às ciências sociais terem experimentado notórios avanços em termos teóricos e metodológicos, é difícil pensar em um paradigma sólido das ciências sociais que separa dois principais princípios naturalistas de objetividade, determinismo, reducionismo e fragmentação do conhecimento. Um aspecto central a obsolescência desse tipo de concepção da ciência social é que ela se tornou escassa ou indivíduo-sujeito como central em sua epistemologia, ou o que significa um processo de desumanização do conhecimento social, édito, está envolvida em uma construção de uma tecnologia muito sofisticada para pensar e meditar no mundo social, mas não tem construído um domínio meta-teórico e meta-metodológico que faz o que fazer cientista com uma reflexão sobre seu significado e destino como processos de humanização frente aos processos econômicos e tecno-científicos contemporâneos.

> Na última década, um número significativo de estudos, alguns dos quais se tornaram *best-sellers*, confirmaram que certas dimensões da desigualdade estavam atingindo níveis inéditos em tempos recentes. Este relatório vem se somar a essa literatura existente, ao preencher diversas lacunas importantes. A primeira diz respeito ao fato de que estudos recentes prestam muito pouca atenção às formas não econômicas de desigualdade. Mesmo quando essas dimensões são reconhecidas, como ocorre na educação, na saúde ou entre os gêneros, em geral, os estudos focam apenas uma das dimensões, sem se preocupar com suas interações. Essa divisão da pesquisa sobre a desigualdade em subcampos especializados não é capaz de reconhecer o escopo potencialmente amplo das contribuições das ciências sociais, bem como das perspectivas interdisciplinares sobre a desigualdade. Outra lacuna é resultado de um foco predominante na pesquisa sobre indicadores quantificáveis, em detrimento de abordagens analíticas que combinam métodos quantitativos e qualitativos. Estreitamente relacionado a essa preferência por dados quantificáveis é o foco em países e regiões que dispõem de dados confiáveis, principalmente países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em detrimento de outros países sem estatísticas e dados igualmente confiáveis, tipicamente países de renda baixa a média. Finalmente, estudos e relatórios sobre a desigualdade em geral não chegam tão longe a ponto de identificar soluções e respostas potenciais para múltiplas desigualdades, que sejam adaptadas a contextos específicos e que possam ajudar a fornecer caminhos para futuros mais equitativos (ISSC; IDS e UNESCO, 2016, p. 5).

As teorias Clássicas e contemporâneas têm apontado viés sobre as desigualdades sociais, econômicas. Visando a partir de alternativas norte-americanas estruturais e as funcionalistas que são conhecidas como teorias de estratificação social, e mobilidade social, na qual o resultado da diferenciação social, é necessário isso a partir diversas dimensões que é resultado de um processo funcional concretamente ao sistema econômico capitalista. É necessário aqui pontuar que essas teorias influenciaram bastante, para fixar as noções de mudanças sociais e estruturas sociais, de igual modo os status socioeconômicos, e de prestígios como mecanismos de coerção social, no entanto, diferenciadores.

> A desigualdade é geralmente estudada em termos quantitativos e econômicos. Um texto sobre "desigualdade" provavelmente estará cheio de tabelas com números e porcentagens. Referem-se geralmente ao rendimento e, menos frequentemente, à profissão ou riqueza. Esta abordagem é seriamente enganosa. Reduz a questão da desigualdade a uma dimensão, que nem sequer é a mais relevante um. A desigualdade tem a ver com dominação, não com dinheiro ou carreira. Eles nos fizeram acreditar que competimos por um emprego melhor ou por mais dinheiro. As cartas para esta competição, no entanto, são negociadas antes mesmo de começar. E a competição ocorre principalmente dentro do grupo de pares ou na estrutura de uma classe social. A ideologia diz-nos que vencem os melhores nesta competição e que riqueza ou sucesso se deve ao mérito individual. Por que, então, é basicamente todo pessoa com o sobrenome Rockefeller membro da classe alta? E por que não vemos nenhum Dalit da Índia ou nenhum africano de um município na lista da Forbes? E o que muda se você tiver mais dinheiro? Você gasta isso – o que significa que você o perde para um capitalista. O que acontece se você conseguir um trabalho melhor? Você pode ter mais respeito e mais dinheiro, mas sua posição quase não muda. E os jogadores e atores de futebol ricos? A maioria deles perde dinheiro após o fim da carreira e acaba numa posição social semelhante à dos seus pais. Tudo isso se deve a fatores que são sociais e não econômicos. Estes exemplos mostram claramente que os fatores econômicos estão situados na superfície e não explicam a desigualdade. Este capítulo defende que a investigação sobre a desigualdade deve centrar-se nos fatores sociais e especialmente na dominação (Rehbein, 2021, p. 13; tradução nossa).

De acordo Rehbein, as desigualdades sociais não podemos simplesmente em relacionar em conceitos quantitativos e nem sequer em âmbitos a econômicos, porque a desigualdade diz respeito em dominação sobre uma determinada sociedade ou um povo em que lhe são tiradas as suas liberdades de escolha e que não concretamente só quando nos referimos na falta de bens financeiros. Para Rehbein (2021), continua dizendo que a desigualdade social não simboliza um contexto competitivo, mas que tem os seus efeitos organizacionais que as suas raízes estão pautadas intrinsecamente a uma sociedade pré-capitalista. Rehbein (2021, p. 23), desigualdade supostamente resulta da concorrência num mercado. Supostamente, o capitalismo é a forma mais elevada de evolução da sociedade até o presente". Lussi (2015a, p. 136), aborda que a desigualdade social diz respeito a "situações ou características pessoais ou coletivas, sociais ou

culturais que determinam a presença de alguma forma de alteridade em uma relação ou em um contexto específico".

Arretche (2016), afirma que no campo de estudos empíricos, há indícios de que, a relações recíprocas entre a distribuição de renda, em conexão ao acesso dos serviços públicos, não inabitual, ambos estão especificamente interligados. E que a desigualdade advém de uma estratégia de aglomeração de benefícios na qual a cidadãos que têm direitos aos serviços essenciais disponibilizados pelo governo, enquanto tem aqueles que não têm acesso a esses direitos, e nem sequer assistências básicas, aglomeram desvantagens. Sendo, que as pesquisas empíricas, demonstram que as desigualdades sociais têm se sobressaído especialmente em países desenvolvidos, à medida que essas assimetrias vêm diminuindo nos países em desenvolvimento. Um dos fatores mais importantes para que se dê aceleração do desenvolvimento socioeconómico da sociedade, e que haja uma igualdade entre rico e pobre é o aperfeiçoamento das relações de produtividade, na melhoria da distribuição de distribuições renda, aos pobres, sendo que a má distribuição afeta diretamente os mais necessitados e interferindo aos interesses de todos, com objetivo em reduzir as assimetrias provocado pela desigualdade.

É comumente visível várias produções ou grandes pesquisadores se voltarem mais para o estudo e elaboração de políticas sociológicas do que propriamente para o processo avaliativo nas suas pesquisas. Hoje, por conta das desigualdades sociais, de setores marginalizados e grupos em situações de vulnerabilidade, existe uma grande necessidade em entender não só o processo de construção de políticas públicas ou políticas sociais, como também o processo avaliativo. Sendo que a má distribuição de renda e a desigualdade, criam uma instabilidade social que modifica e intervém nas mais diversas situações econômicas, sociopolíticas e culturais da comunidade.

De acordo autora Celi Scalon (2011), no que toca o desenvolvimento do fenômeno das desigualdades sociais, aborda que:

> De certo modo, os estudos sobre desigualdades se desenvolveram muito no âmbito da Economia, que encontrou uma maior possibilidade de diálogo com o poder público. Talvez justamente pela simplificação que fazem da questão, colocando todo o foco sobre a renda. Porém, as limitações da renda, tanto como medida de pobreza como de desigualdade, já foram amplamente expostas. As Ciências Sociais podem e devem tratar o tema das desigualdades de maneira mais compreensiva, abrangente e complexa. Os estudos no campo econômico pouco ou nada revelam sobre estilos de vida, gostos, valores, comportamentos e práticas; dimensões fundamentais da vida social. Variações na renda e no acesso a bens de consumo não retratam, necessariamente, mudanças na composição das classes, muito menos nas

> desigualdades nas chances de vida. É importante salientar que a medição do consumo apenas pela posse de bens apresenta limitações. Uma análise sociológica mais completa demandaria o estudo das práticas de consumo, revelando padrões, tendências e preferências que podem ser bastante diferenciados entre indivíduos ou grupos de indivíduos, algo que ficaria obscurecido nos estudos baseados apenas no volume ou no acesso ao consumo de bens (Scalon, 2011, p. 54).

Percebe-se também que a desigualdade é quando nos deparamos com uma determinada realidade social, que encontra-se em um estágio avançado, que tende se expandir em diversos países que oferecem uma qualidade de vida péssima, e falta de oportunidades de emprego, que os seus investimentos são discretos no âmbito social (áreas sociais), e que não estimulam o consumo de bens, que qualificam a participação do indivíduo na comunidade. Sendo assim, as desigualdades acabam afetando rigorosamente os países periféricos e de passado colonial que têm um desenvolvimento muito baixo, o bem-estar das pessoas é crítica. Partindo do argumento até aqui discutido é possível constatar a desigualdade como um fenômeno que atravessa as relações humanas, a um movimento que antecede o fundamento das sociedades capitalistas e sua organização por classes. Assim sendo, visando a partir de alternativas norte-americanas estruturais e as funcionalistas que são conhecidas como teorias de estratificação social, e mobilidade social, onde a o resultado da diferenciação social. É necessário isso a partir de diversas dimensões, que é resultado de um processo funcional, concretamente ao sistema econômico capitalista. As teorias influenciaram bastante, para fixar as noções de mudanças sociais e estruturas sociais, de igual modo os status socioeconômicos, e de prestígios como mecanismos de coerção social, no entanto, diferenciadores.

> Demonstrou que os níveis de salários e aluguéis tendem à sua respectiva produtividade marginal. Ao mesmo tempo, o foco da análise mudou da distribuição funcional de renda para distribuição de renda pessoal. Nesta perspectiva, a desigualdade de rendimentos resulta das contribuições dos fatores para o valor de mercado do produto e é, portanto, legítimo e não um problema de economia (Wicksell, 1893; apud Rehbein, 2021, 16, tradução nossa).

O fenômeno das desigualdades sociais tem a ver com a questão econômica, enfatizando na distribuição de renda, e que durante muito tempo tem sido uma das principais inquietações das desigualdades em qualquer sociedade em que, para o autor, pode ser resultado entre a procura e a oferta de emprego. Salgado (2010) compreende que sociologicamente as desigualdades tornam-se sociais na proporção que essas diferenças desiguais vai tornar-se como produto de diálogo entre agentes sociais, quer seja, no acesso desigual em oportunidades de riqueza econômica, que normalmente acaba sendo realizado no interior do sistema de

relações de sentido, e poder, que acabam gerando a diferenciação, dos estigmas, das vulnerabilidades sociais e exclusões, quer seja, no âmbito de nível individual, ou coletivo, além disso, a tal diferenciação demonstrado até ao momento pode ocorrer a partir de diversas regiões. Compreendendo de forma mais íntegra, percebe-se que a desigualdade social, tende em muitas situações buscar a diminuição da condição humana, e, desse modo, nela associa-se a fundamentação da existência de diversas maneiras de violências de caráter individual e coletiva.

2.2 Desigualdades sociais no contexto das periferias

Em 1997, o sociólogo francês Pierre Bourdieu publicou "*A Miséria do Mundo*", uma coletânea de estudos que procuravam refletir sobre as formas contemporâneas da miséria social, a partir de etnografias com populares que habitavam as periferias de Paris, França. Percebe-se uma extrema dimensão de um problema social existente na época, mas que vem se repercutindo até aos dias atuais. Sociedade, vulnerabilidade social e as dimensões da pobreza, onde Bourdieu (1997), retrata especificamente sobre uma assistente social, que foi abandonada dentro de um centro médico (hospital), como também a do metalúrgico órfão que fazia parte de uma classe operária, isso de uma classe trabalhadora, e também a de um direitista que o mesmo é complementarmente dependente da sua família, e de igual modo a do um diretor de uma instituição escolar, em que esse diretor acabou passando em situação de violência urbana, a partir de um policial na periferia e de tantos outros como eles, que não tinham como, em se defenderem da tamanha desigualdade e da exclusão e do trabalho forçado que os mesmos exerciam.

Bourdieu (1997) caracteriza a ganância dos governos, que buscam formas ou meios de permanecerem a todo custo no poder, deixados o seu povo na miséria, em uma situação crítico, onde vemos um enorme grupo de pessoas passando diversas necessidades, fome, que é associado ao caos sociais que instalado ao país. Percebe-se que em muitas sociedades as pessoas acabam passando ou enfrentando situações de migração, sem nenhum destino definido por esses indivíduos, por esses não aguentarem mas em viverem nessas situações de calamidade. E que muitas dessas pessoas que acabam encarando de perto essa situação da exclusão ou da desigualdade, sendo, que muitos acabam estando em situação de vulnerabilidade social, e desses indivíduos acabam estando diante a marginalização, e na prostituição como a única via ou forma de conseguir dinheiro para sua sustentabilidade ou sobrevivência na sociedade. E um dos pontos importante que o autor aborda na miséria do "mundo a escola" ou seja, a educação

estava ligada diretamente na reprodução da desigualdade social, isso, na reprodução dos privilegiados, aos filhos da elite, como as da classe média, em que o filho do operário não poderia frequentar uma escola.

Na mesma década, Serge Paugam abordou o tema da desigualdade social nas sociedades contemporâneas em seu livro "*La disqualification sociale". Essai sur la nouvelle pauvreté*". Paugam (1991), compreende-se que a determinadas dimensões, ou seja, instituições, cujo objetivo se propõe em procurar em assegurar questões que debruçam sobre a renovação da questão social, que buscam em proteger os indivíduos e a coesão social, aplicando assim a partir da atuação pelos direitos e na redistribuição de recursos de âmbitos econômicos, social político e doméstico, assim sendo, verifica-se que essas temáticas ganharam grandes relevâncias aos estudos sociológicos. Na qual no seu livro, entende-se a desigualdade social, a partir da desqualificação social. Referente à pobreza, onde o mesmo vai compreender de que dizem respeito na forma de como estabelecido o ato do enfraquecimento dos indivíduos diante a sociedade, está ligado diretamente na perda dos valores de reconhecimento ou na seguridade social.

Em relação à desigualdade, Paugam (1991) defende que o ser humano é sociável e desqualificado, bem como é visto, como um indivíduo vulnerável pelo olhar do opressor a ele. Segundo o mesmo, aborda que é impossível analisar os laços sociais diretamente como fator ligado às desigualdades, sendo, que diversas vezes é desvalorizado. Para Paugam, o que vai associar especificamente os indivíduos a outrem na sociedade é bastante desigual. Concernente às desigualdades sociais, para Paugam (1991), são compreendidas a partir da questão de luta, concretamente a partir dos grupos sociais pelo fato da distribuição renda, tanto, em defeitos de construção da integração. Também no seu livro sobre "*O que os ricos pensam dos pobres?*" (2017), o Paugam, afirma que a pesquisa os levou a compreender intrinsecamente as dimensões contemporâneas da exclusão dos indivíduos em situações de vulnerabilidades sociais, especificamente aos mais pobres, fazendo questões relacionadas às desigualdades no interior das periferias o que eles compreendem sobre a desigualdade e a pobreza.

Cardoso (2010) afirma que na ordem capitalista a desigualdade social, existem dois fatores que dizem respeito, na conjunção da essência da mesma, e no desenvolvimento de mecanismo sociais de produção, que é incorporado a distribuição de renda, e consumo, tanto para os, e quanto para os críticos, do capitalismo, eles buscaram compreender a partir da própria essência da análise em pesquisa. Cardoso salienta, que se a carência é o pilar principal da teoria econômica dos estudos neoclássicas, em que é vista a desigualdade social como um processo

de transformações progressivas e de desenvolvimento e crescimento, na possibilidade de assim criar constrangimentos nos aumentos de produtividade consecutivos, da exigência total por intermédio de bem-estar. Segundo Cardoso (2010), a desigualdade contempla diretamente na distribuição de renda, e que é uma necessidade essencial na organização ou no sistema, especificamente na redistribuição da edificação dos recursos de produção o que torna assim, o empregado em situação de escravo e submisso aos seus patrões. Que os obrigava a exercerem atividades forçadas no mercado de trabalho, tendo como o controle e a exploração de classe, onde os capitalistas são vistos como os detentores do meio de produção, que é caracteristicamente heterogêneo, é uma realidade existente na sociedade angolana, mas que não difere da realidade social do Brasil, onde a desigualdade é visível no seio da comunidade, em diversas esferas.

O sociólogo brasileiro Jessé Souza (2011) preocupa-se com temáticas que dizem respeito à teoria social, o pensamento social brasileiro e em estudos de desigualdades sociais, e as classes sociais. Em seu livro a "*Ralé Brasileira*" (2009), o mesmo compreende a desigualdade social, a reflexão da classe social que é uma das pautas que o autor muito realça no seu livro, para o mesmo, a "*ralé*" é uma classe social que está muito abaixo da camada da sociedade, esses que vivem em situação de extrema pobreza. Ele realça também que todos os indivíduos da *ralé* são vistos na sociedade muito abaixo ou inferiores, são pessoas ou famílias que são esquecidos/as pela própria sociedade em que estão inseridos/as, esses que se encontram em situações de extrema da pobreza e de vulnerabilidade socioeconômico e cultural, e que não têm acesso ao um sistema escolar, especificamente nas periferias. E sendo assim, a ralé não têm como se defender, porque nunca foi contemplada politicamente, e que esse grupo marginalizado não contava com políticas públicas, como o acesso à educação e uma saúde de qualidade, na qual são fornecidas pelo governo, enquanto outros grupos são privilegiados, que para o mesmo diz respeito aos privilégios de classes.

De acordo Souza (2011), sociologicamente se compreende que a ralé é formada por estratos de classe de pessoas caracterizadas como inferiores na sociedade, enquanto a classe trabalhadora é constituída por aqueles indivíduos que procuram meios de como se manterem na sociedade, pelo fato de não terem meios de sobrevivências, esses atuam em qualquer mercado de trabalho, seja em empregos precarizados, como a de médio empreendedores, onde o autor, apresenta o trabalho que são feitos pelas mulheres da ralé, exercendo assim, trabalhos de domésticas. No entanto, diante disso temos a elite, e a classe média, que são vistos como a camada principal ou superior da sociedade que regem as normas de como os indivíduos devem

seguir, essa classe social que usufrui de privilégios que a sociedade os apresenta, quer na economia, política ou cultural.

Segundo Souza (2003, p. 62), "se o *habitus* representa a incorporação nos sujeitos de esquemas avaliativos e disposições de comportamento a partir de uma situação socioeconômica estrutural, então mudanças fundamentais na estrutura econômico-social deve implicar, consequentemente, mudanças qualitativas importantes no tipo de *habitus* para todas as classes sociais". Para Souza (2011), o grupo social mais atingido por essa divisão de classe ou seja, por essa desigualdade enorme na sociedade é a ralé e os batalhadores, porque para o autor, são indivíduos que muitas das vezes encontram-se em situações precárias, ou em desestruturação, pelo fato de não terem como se defenderem dessa classe média, que acaba nos tirando os seus privilégios e oportunidades em diversas esferas da sociedade, como o acesso à educação, e nem oportunidades de mercados de trabalhos, que os permita a diminuir a situação da desigualdade, e que é necessário que haja programas de políticas públicas, que engloba as pessoas em situações de carências, sendo, que é a sociedade os marginaliza.

> Ele representa o que gostaria de denominar de "*habitus primário*", de modo a chamar atenção para esquemas avaliativos e disposições de comportamento objetivamente internalizados e "incorporados", no sentido *bourdieusiano* do termo, que permite o compartilhamento de uma noção de "dignidade" efetivamente compartilhada no sentido *tayloriano*. É essa "dignidade", efetivamente compartilhada por classes que lograram homogeneizar a economia emocional de todos os seus membros numa medida significativa, que me parece ser o fundamento profundo do reconhecimento social infra e ultra-jurídico, o qual, por sua vez, permite a eficácia social da regra jurídica da igualdade, e, portanto, da noção moderna de cidadania. É essa dimensão da "dignidade" compartilhada, no sentido não jurídico de "levar o outro em consideração", é que Taylor chama de respeito atitudinal, que tem que estar disseminada de forma efetiva numa sociedade para que possamos dizer que, nessa sociedade concreta, temos a dimensão jurídica da cidadania e da igualdade garantida pela lei. Para que haja eficácia legal da regra de igualdade é necessário que a percepção da igualdade na dimensão da vida cotidiana esteja efetivamente internalizada (Souza, 2003, p. 63).

Fazendo uma relação do termo de *habitus* apresentado por Souza a partir do conceito de posição social apresentado por Bourdieu (2004), em que fornece uma abordagem no estruturalismo e a sua crítica. A partir do próprio conceito sobre a posição social, percebe-se que os dominantes são vistos como indiferentes pelo fato de já terem nascidos com *habitus* socialmente já estruturados, que nos leva a uma estrutura social. Bourdieu em sua pesquisa, em nenhum momento nega a existência de uma organização social já bem concebida como um sistema hierarquizado que tem o poder de barganha que carrega em si privilégios que cooperam no capital econômico, simbólico e cultural entre os cidadãos. Tanto as estruturas sociais como

os espaços sociais onde os indivíduos são participantes, Bourdieu (2004, p.26). “Bem como os grupos que nele se distribuem, são produto de lutas históricas (onde os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço”. Assim sendo, em um ambiente social tem sido apresentado como a distribuição desigual de capital financeiros, recursos/poderes em situações que refletem em circunstâncias históricas e cenários políticos distintos, a ordem na verdade não é inflexível, pode ser influenciado pela a história.

Concernente às ações dos valores morais e sociais e crenças, em relação a desigualdade, Cardoso (2019), aponta que as:

> Desigualdades reais podem não ser percebidas como tais, se o ordenamento social produz justificativas que as legitimam como a “ordem natural do mundo”, e não como desigualdades. Exemplo recorrente é a análise de *Tocqueville* sobre as causas da revolução francesa. Camponeses e nobres constituíam uma ordem evidentemente desigual, mas aceitavam como justa desde que cada parte cumprisse o que dela se esperava: dos camponeses, produzir e pagar impostos; dos nobres, garantir segurança contra inimigos internos (fome, doenças) e externos (guerra). Aliado à justificação divina das hierarquias nobiliárquicas, esse modelo persistiu até que a nobreza deixou de cumprir sua parte, exigindo ainda as contrapartidas dos camponeses. A ordem passou a ser percebida como injusta, as hierarquias sociais perderam o véu religioso, mostrando sua verdadeira face, e a ordem como um todo apareceu como um imenso e pesado edifício de exploração da maioria por uma minoria perdulária e irresponsável (Cardoso, 2019, p. 12).

Um dos fatores mais importante para que se dê aceleração do desenvolvimento socioeconómico da sociedade, e que haja uma igualdade entre rico e pobre é o aperfeiçoamento das relações de produtividade, na melhoria da distribuição de distribuições renda, aos pobres, sendo que a má distribuição afeta diretamente os mais necessitados e interferindo aos interesses de todos, com objetivo em reduzir as assimetrias provocado pela desigualdade. Cardoso (2010), o aspecto primordial referente ao capitalismo na redistribuição de riqueza, não se deu designadamente na diminuição das assimetrias de riqueza, mas sim se deu concretamente na redução da desigualdade de oportunidades, que podemos assim chamar de privilégios a partir da disparidade dos indivíduos na sociedade, sendo assim pensar a partir da ampliação no acesso à saúde, educação, e moradia digna para a população mais carentes, no que tange a redução da pobreza, que possibilitou em conseguirem mais recursos de âmbito social. Para o autor, a desigualdade social se manteve por muito tempo, em níveis de alto escalão, em assumir-se em probabilidades em todos os acessos de bem estar em processo de civilização. Tendo como

análise de *survey*[13], para a revisão da nossa literatura, para compreendermos a desigualdade em Angola de forma mais ampla, a partir da legitimação da ordem social injusta e desigual.

Concernente a discussão sobre as desigualdades sociais, a cientista social brasileira Marta Arretche (2015), que trabalha assuntos ligado a desigualdade social, realiza uma análise comparativa dos Estados como a do sistema de proteção social dos indivíduos, em seu livro "*Trajetórias das Desigualdades*" (2015), diz que a trajetória das desigualdades inclui diretamente a uma dimensão de renda, pensado a partir do indicador clássico em estudos comparativos, com objetivo em estudar diferentes dimensões sociais e econômico, e não só pesquisas como participação política desigual, acesso à educação, saúde e serviços públicos, raça e questões de gênero, e na inserção de mercado de trabalho. As desigualdades sociais são fenômenos de conjuntos, que carregam inúmeras dimensões. E continua dizendo que a renda abrange um lugar de grande privilégio, no que concerne às discussões de desigualdades. Para a mesma, o fenômeno da desigualdade social tem uma grande complexidade em diversos aspectos, do que simplesmente em uma dimensão monetária. Para compreendermos especificamente a desigualdade é necessário examinarmos a sua crescente proporção na sociedade e no seio das famílias desfavorecidas.

Arretche (2015), orienta que para pensarmos as desigualdades ou as trajetórias das desigualdades, que a mesma propõe nos seus estudos deve ser tratada no plural. Compreende que é necessário, que se crie políticas de inclusão de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e pobreza, com objetivo em adotar-se estratégias que diminuam os impactos da desigualdade na vida dos seus cidadãos, reduzindo assim as desigualdades em diversas esferas da sociedade e na participação política dos pobres. Sendo que, a redução das desigualdades nas comunidades não está concretamente fixada na distribuição de receita. Embora a distribuição de receita é de caráter essencial para que se possa viver dignamente, que desassociar os serviços públicos, particularmente na educação, saúde, e direito habitação, em famílias que encontram em situações de vulnerabilidade socioeconômica, cujo a sua perspectiva regimental está pautado na limitação da igualdade de oportunidades. Segundo Pedro Souza (2018), em seu livro "Uma História de Desigualdade a Concentração de Renda entre os Ricos no Brasil" (1926-2013), afirma que os ricos não são especificamente um grupo delimitado. Se olharmos a partir da cumulação de riqueza que esse grupo usufrui, quer seja econômica ou política, diversas vezes

[13] A pesquisa *survey* pode ser definida como uma forma de coletar dados e informações a partir de características e opiniões de grupos de indivíduos.

os coloca em posições de destaque, isso, de privilégios, consoante a dinâmica da vida social. A centralização de renda a partir dos mais ricos acaba afetando diretamente o padrão que é resultado dos indicadores das desigualdades menos sensíveis à questão. A ideia principal é de que as desigualdades sociais são resultantes de uma determinada combinação e a cumulativo em variadíssimas séries de políticas estabelecidas, de menor relevância como de grande porte, através das decisões, onde as condições democráticas, ou a desorganização social, muitas vezes acaba dificultando na distribuição da renda, isso, significativamente dos mais ricos para os mais vulneráveis, isso a partir da população em geral.

Sociologicamente a desigualdade social é entendida como a legitimação da ordem que acarreta diversas situações, por meio da presciência em relação ao caráter social, que busca definir a partir da percepção do justo, e injusto, dimensões que são intrinsecamente estabelecidas. Tendo assim, as sociedades excepcionalmente desiguais, que muitas das vezes que não despertando para os seus cidadãos de que a desigualdade não reflete especificamente sentimentos ou afeto que a desigualdade acaba caracterizando-se como ato de injustiça, sendo, que nos apresenta situações de disparidades sociais, e que a desigualdade não possa ser vista como um elemento de grande importância para a legitimidade da ordem social (Cardoso, 2019). Que as relações existentes entre ambos fatores estão diretamente ligadas ao *timing*, que ocorre a deslocação da orientação da precisão assistencial aos mais vulneráveis (pobres), Cardoso (2019, p. 14-15), diz que "quanto na expectativa de distanciamento futuro dessa fronteira, rumo ao consumo sustentado do que denomino "bens de civilização". E está, também, nos padrões prevalecentes de mobilidade social".

2.3 Análise Sobre as Desigualdades Raciais na Sociedade Angolana

Segundo Jamba (2004), o racismo em Angola se reflete de diversas formas na sociedade, e que o país independentemente que a maior parte da população serem negros de tom de pele mais retinta, ainda assim temos indivíduos que se declaram mulatos (claros) e brancos, o racismo é visível até aos dias atuais, embora não ser um assunto muito discutido na comunidade angolana. No entanto, as pessoas que se afirmam mulatos ou brancos têm ocupado cargos de privilégios e de destaques em Angola, sobretudo nos ministérios públicos, nas áreas das finanças e nos bancos, esses indivíduos várias vezes eram indicados entre eles (família em geral). Munanga (2004), entende que o racismo significaria sociologicamente uma ideologia que pleiteia a separação das sociedades em gerais (humanidade) com maior aprofundamento

nos grupos designados raças contrapostas que têm traços físicos hereditários comuns, que estão diretamente conectados em aspectos psicológicos, morais, intelectuais, fisionomia, essas condições fazem parte em uma equivalência de princípios dissemelhantes, pode-se afirmar que é um sistema naturalmente hierarquizadas, que acaba diminuído subalternizado uma pessoa ou determinados indivíduos.

Munanga (2004, p.8) afirma que o racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos e religiosos, que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence. É uma das ações que os brancos adotaram para diminuírem outros povos que têm cor de pele diferente a deles, e que se perpetua até na contemporaneidade. Para Quijano (2005), a raça é uma das principais categorias da modernidade, e que presume a classificação dos territórios e das pessoas, partindo desse olhar a exploração de capital e de produção de riqueza propõe a ideia de categoria como raça, porque vai estruturando o mundo. A partir dessa ideia de que as pessoas e forças de trabalho, é compreendida como se essas pessoas não tivessem valor. E que o capitalismo é uma forma de dominação de poder e que pressupõe a exploração de todas as formas de trabalho, quer seja, em trabalho escravo, infantil, doméstica, assalariado ou em trabalho cooperativo, ou mesmo de qualquer outro, em que reflete a dominação.

Segundo Henriques (2015), ressalta que o racismo é uma temática que está vigente na sociedade luandense, e que o racismo em Luanda muitas vezes ela já parte a partir das filas de espera para obtenção de alguma coisa. A situação do racismo perpassa de diversas dimensões na sociedade. De acordo com a autora, a problemática do racismo está presente em qualquer parte do mundo, e que a sociedade angolana não é uma exceção. É como o caso da corrupção em vários Estados jamais terá fim enquanto existir ser humano na terra. De acordo o Rapper MCK (2011), em uma das suas canções com o título "*Na fila do banco*", onde o cantor aborda sobre olhar das questões raciais na comunidade angolana, compreende-se que o mercado de trabalho é uma das áreas que está colorido, sendo esses espaços ocupados por indivíduos que têm o tom da cor de pele mais clara, em que os cidadãos angolanos negros de pele preta ganham um salário muito abaixo do salário mínimo estabelecido pelo governo, enquanto os não minoria têm um ótimo salário e que esse fenômeno se dá diversas vezes pela tonalidade do tom de pele, não é sobre ter formação ou não.

Pontuando que é uma situação visível em Angola, no qual vários jovens não são selecionados, aprovados, admitidos, a vagas que são tradicionalmente ocupados por jovens

mestiços, mesmo quando o número dos candidatos for esmagadoramente de indivíduos de pele retinta. E que não necessariamente reflita diretamente ao racismo, pelo fato do país ter a maior percentagem da população negros, no entanto, Angola não está isento desse assunto, embora seja uma temática pouco discutido ou colocada em debate na sociedade angolana, mais que é manifestado na sociedade sobretudo na exclusão dos jovens nos mercado de trabalho. Um dos exemplos verifica-se quando se acessa um banco ou em operadoras de telefonia, dificilmente é visto pessoas de tom pele mais retinta, e caso haja são em serviços marginalizados pela comunidade em geral, como empregos na segurança e na área de limpeza. Ou seja, quanto mais retinta for a pele da pessoa, mais excluída tanto no funcionalismo público como nas empresas privadas.

Imagem 5 – Marcha contra o racismo em Angola

Fonte: *DW Made for minds* - 2021.

Segundo o Rapper Yannick Afroman (2010), em sua música "realista" retrata que "eu não sou racista sou realista *Mwangolé*[14] precisa de uma lição de moral para se libertar da escravidão mental" ressalta que em Angola uma instituição ou uma empresa quando se tem indivíduos com tom de cor da pele mais clara é porque o pagamento é bom e já quando se tem só pessoas de tom de cor escura é porque nessa empresa pagam mal e nem sequer convém para realizar alguma coisa, e que existem locais em que o negro é impedido a não entrar nesse espaço

[14] Essa expressão no português angolano significa Angolano, como também podemos referirmos sobre o país.

e já o branco pode entrar de qualquer forma onde dificilmente é barrado a não acessar esse local. Essas exclusões que acontece com as pessoas negras não é necessário ir Alemanha, Brasil ou mesmo Portugal, conforme realça o cantor, em Angola o próprio negro descrimina o negro igual. E que um dos problemas é vermos a maioria dos negros angolanos em quererem serem brancos ou mestiços, e nenhum branco quer ser negro, só os negros usam produtos a fim de mudarem seu tom de pele como privilegio. Encontra partida levando em consideração Frantz Fanon (2008), na sua obra "*Pele Negra, Máscaras Brancas*" o autor já abordava essas questões sobre o negro em querer ser branco, embora retrata sobre a realidade do negro antilhano na França, que buscava incansavelmente formas de querer se tornar um branco francês, em que essa tentativa se dá pelo fato do embranquecimento da população negra, no sentido de se juntar ou em relacionar-se diretamente com a população branca. Portanto, um dos grandes problemas que assola a comunidade angolana está também associado com que Fanon, levanta, mas pensado a partir das desigualdades sociais existente no país, diria que esse fenômeno tem escolha aquém atingir, e que diante a esse contexto os que mais sofrem com essas consequências são os indivíduos de tom de pele escura que moram nos bairros periféricos onde as situações de serviços essenciais são gravíssimas diferente do pessoal que moram nos centros das cidades. Sendo que as crianças, adolescentes e os jovens são os mais atingidos.

> Há sítios em que os funcionários são todos clarinhos. Negro é só um ou dois essa história não é de hoje. Não é preciso ser bom ou ter dom Em Angola é mais fácil encontrar um emprego se fores branco ou laton Estou andar muito no sol até estou a ficar escuro possas Se preocupamos muito com a cor Isto não é uma questão de política o próprio negro é que não se dá valor A negros que fazem filhos mestiços pensando no seguinte. A cor deles, como é de sorte quem sabe um dia vai ajudar a família. É difícil ver um laton que tem uma massa casar com uma dama pobre da minha raça ou a negra tem ou é filha do fulano. Pode ser engano mas a maioria das filhas ou filhos dos negros que tenham dinheiro Casam-se mais com pulas ou latons essa história já vem de longe. O mais engraçado é que o negro quando está a ter um pouco de fama ou dinheiro Só mulata é que é mulher lhe leva daqui dali a se exibir para toda gente lhe ver. Ché está com uma latona Há negras que só garinam com pulas e a negros que falam mesmo assim eu só gosto de mulatas É o que eu gosto dele amor não tem cor isso é complexo da pele acredita Por isso é que muitos latons dizem mesmo a nossa cor facilita. Você é racista (Yannick Afroman, 2010, s/p "YouTube).

Jamba (2004, p. 1) afirma que "o racismo, para muitos angolanos, passou a ser um assunto altamente sensível e delicado, o que é triste e perigoso. Uma das causas disso reside no facto de que o debate à volta da raça e identidade passou a ser altamente politizado". Embora o autor, apresenta esse olhar creio que ainda se deve ter muito cuidado ao discutirmos questões de racismo/raça numa sociedade como Angola, e que essas pautas dificilmente são discutidas, mesmo havendo pessoas que questionam do porquê que esses espaços só têm sido ocupados

por indivíduos que têm a cor de pele mais claras e as pessoas com cor de pele mais escuras só ocupam esses espaços como empregados e empregadas e bem como na área da segurança, entre outras áreas destaque. Agostinho (2018, p, 7-8), afirma que "por exemplo, nas diferentes agências telefônicas e nos balcões de diferentes bancos (em específico da cidade de Luanda, onde resido em Angola), é possível notar a desigualdade no número de funcionários com o tom de pele escura quando relacionados aos cargos que ocupam". Concernente a questão do racismo na sociedade angolana, Henriques (2015), cita os autores como Katila e Elias Isaac, que relacionam a o racismo diante a pobreza, onde os mesmos diante autora afirma que retratam que a pobreza não tem cor em que para os mesmos:

> A nossa sociedade é multirracial" e existe "em alguns estratos uma convivência harmoniosa e pacífica". Mas "nota-se que a maioria da população negra é a população pobre, carenciada, é a população que se encontra numa situação de vulnerabilidade". Afirma com convicção: "Em Angola a pobreza tem cor, a pobreza tem rosto e temos de começar a olhar para isso e tentar arranjar mecanismos de integrar na sociedade aqueles que são excluídos, porque corremos o risco de criar problemas raciais que não se justificam. A pobreza em Angola é maioritariamente negra (Henriques, 2015, p. 14).

Paulo Carvalho, citado, pela autora Henriques (2017, p.24), menciona que lembra-se de uma Angola colonial em que havia separação de raças não só social mas também espacial. Nas cidades estava o casco urbano, onde viviam os brancos, e os anéis circundantes os musseques[15], onde viviam os negros". Indo na mesma linhagem de raciocínio, embora Pinto (2016), aborda de forma diferente, diz que nos musseques de Angola não só morava os negros angolanos mais também brancos portugueses que faziam parte aos grupos de renda baixa, esses que não conseguiam se enquadrar em ralações de priorizado ou de oportunidades da colônia. Ora, compreende-se que a pesar que o caso de racismo é entendido como um assunto que não existe em Angola, mas é retratado as desigualdades sociais de oportunidades que necessita passar por uma correção. É preciso que se tenha equilíbrio na distribuição de empregos para as pessoas ou as suas famílias que sofrem por situação de exclusão, e que é uma temática que muitos veem como algo normal, enquanto nesses locais vemos mais presenças de mestiços.

> A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. Quando vocês têm uma sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que é, ao menos em toda sua superfície e em primeira instância, em primeira

[15] Musseque, nome que deriva de uma língua local "Kimbundu" que significa terra vermelha, são bairros periféricos suburbanizados, ou de urbanização progressiva, que podem ser classificados em ordenados, passíveis de se ordenar com instrumentos de ordenamento do território, ou desordenados, de difícil ordenamento face a sua densa e caótica ocupação. Ilídio Daio (2020).

> linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo (Foucault, 2005, p.306).

Ora, é necessário apontarmos que o racismo que Foucault (2005), argumenta não especificamente sobre a comunidade negra ou africana mais concretamente a respeito da comunidade judaica, mas que diante da perspectiva do autor, em questão ao racismo se compreende que está enquadrado em qualquer grupo que são marginalizados ou marginalizadas em uma sociedade, que é visível a invisibilidade de certos indivíduos. De acordo com Carvalho (2014 p. 37), a situação de racismo "surge a partir da divisão dos seres humanos segundo um suposto critério racial e da sua consequente hierarquização segundo esse mesmo critério". E segundo Muondo e Oliveira (2021), refletindo o racismo em Angola, afirma que as diversidades culturais existentes no território angolano não se podem basear-se nas desigualdades raciais, pelo fato que as culturas são constituintes para unificação e consolidação dos povos mutuamente. Quanto à questão de raça na sociedade angolana se estabelece simplesmente em único sentido, considerando assim concretamente como a raça humana, onde não existe distinção de cor. Embora perceba-se uma notoriedade no interior das escolas e não só em que as crianças, adolescentes e mesmo jovens entre ambos apresentação existem comparações sobretudo no nível social e econômico em que alguns vêm de famílias organizadas financeiramente, enquanto outros vêm de famílias de camada baixa ou com escassez de necessidades essenciais. Levando assim que outras crianças, adolescentes ou mesmo jovens se sintam privilegiados e outros não, provocando assim comportamentos discriminatórios.

Agostinho (2022), argumenta que não se pode negar que na sociedade angolana está enraizado as ideologias sociais que são frutos da colonização que aconteceu no país, como também em que sua diversidade está apropriada na miscigenação e de igual forma na apropriação dos povos, e que é visível na nossa sociedade convicções racistas na qual afligem pontualmente as relações sociais, políticas e culturais em Angola. Em relação ao racismo em Angola o autor, nos apresenta a distinção conceitual concernente ao colorismo[16], onde demonstra que em Angola tem sido um costume em negar a situação do racismo que vigora no país e aceitar o colorismo (miscigenação) na comunidade em geral no que diz respeito a

[16] O termo "colorismo" foi usado pela primeira vez em 1982. Significa, de maneira simplificada, que as discriminações podem variar também de acordo com a tonalidade da pele dos negros. CNN Brasil (2022). O colorismo sempre tenta diferenciar as tonalidades da pele, como se isso tornasse o indivíduo menos negro, mais semelhante ao branco. Laís Melo (2019) Fonte: Politize.

discriminação pelo tom (cor) da pele no qual verifica-se que é uma situação muito frequente em países que sofreram com a colonização. É frequentemente situações que incomodam as pessoas negras, porque normalmente em Angola se entrares em um estabelecimento e aparece um branco, o negro acaba sendo a última opção a ser atendido a não ser que negro angolano seja um da elite, só ai que se vê uma diferença. O mais difícil é que o privilégio branco está presente em qualquer país.

No que se refere ao colorismo existente em Angola em que o autor Agostinho (2022), aborda diz que:

> No entanto é uma compreensão reducionista sobre a complexidade e abrangência do fenómeno do racismo. Na perspectiva macro, o colorismo realça as discrepâncias entre os sujeitos de pele clara, e seus privilégios no acesso às melhores oportunidades no acesso ao direito e os sujeitos de pele escura que ficam às sombras e precisam dobrar os esforços pois não têm privilégios instituídos socialmente. Então, cuidado com as leituras eurocêntricas, reducionistas e superficiais sobre o fenômeno de racismo. [...] a presença de pessoas negras, cujos traços físicos são mais aceitos pela branquitude, em espaços que ela pretendia manter exclusivamente brancos, provoca a camuflagem do racismo ainda vigente na nossa sociedade (Djokic, 2015; apud, Agostinho, 2022, p. 11).

A relação hierárquica entre raças que ultrapassa as fronteiras de delimitação estatais, reforça hoje uma problemática na conjuntura global, que de forma estrutural se estabeleceu devido a conceitos descontextualizados (evolucionismo cultural) que tinham inicialmente a intenção de justificar a ação colonizadora sobre os povos não brancos, tomando assim o protagonismo e o papel de liderança de todo aquele classificado como inferior. O que conhecemos hoje em países em desenvolvimento é então derivado deste contexto de "inferioridade racial" somado ao déficit econômico proveniente da colonização, e assim se estabelece a ideia de subdesenvolvimento no contexto do mundo contemporâneo relacionado diretamente à classe e raça. Ao lado da categorização social, o processo de hierarquização é elementar no racismo, uma vez que este pressupõe a existência de uma hierarquia entre as categorias criadas a partir de pressupostos biológicos, o que justificaria a manutenção das relações de dominação entre as categorias. Segundo Fernandes (1978, p. 333-337), os padrões de dominação racial herdados do passado, os quais conferem o monopólio do poder aos círculos dirigentes da 'raça branca' e dão a esta a condição quase monolítica da "raça dominante ". A cor continua a operar como marca racial e como símbolo de posição social, indicando simultaneamente 'raça dependente' e 'condição social inferior'". É perceptível de que até na contemporaneidade atual ainda vemos a raça branca como os dominadores da raça negra, onde

na qual essa raça acaba tendo mais privilégios em vários aspectos, quer seja na sociedade ou no mercado de trabalho, em que a "raça negra" é vista como inferior na sociedade.

Fazendo uma relação com que Fernandes apresenta em questão a dominação do racial, para Munanga (1986, 12), diz que toda e qualquer diferença entre colonizador e colonizado foi interpretada em termos de superioridade e inferioridade. Tratava-se de um discurso monopolista, da razão, da virtude, da verdade, do ser". Segundo Du Bois (2021), argumentava que a violência da escravidão, e as profundezas da emancipação, de igual modo as falhas da reconstrução, esses elementos acabaram impactando nas relações do branco e negros, quanto a essa especificidade Du Bois salienta que um dos problemas do séc. XX é a "situação da cor", que acaba privilegiando outras e inferiorizando outras aquelas que não têm poder de domínio. Quanto a questões de violência da escravidão, Du Bois (2021, p. 23), afirma que é "uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena". Onde o negro em muitas das ocasiões acaba não se aceitando, como o Frantz Fanon (2008), aborda na sua obra "*Pele Negra, Mascarás Brancas*" que muitos negros são obrigados a não se aceitarem através do desprezo que são colocadas pela comunidade elitizada, o querer de não se enxergarem como negro.

Segundo Agostinho (2022), o colorismo na sociedade africana em particular a comunidade angolana, que é nosso foco, é que acaba colocando a separação entre as pessoas, indivíduos com pigmentação de cor de pele e traços do colonizador têm mais oportunidades em diversas esferas da sociedade e sendo que os indivíduos de tom de pele mais preta esses acabam enfrentando vários desafios, e que são obrigados a redobrar os seus esforços para obterem uma determinada coisa. Essa problemática encontramos diretamente no mercado de trabalho na sociedade angolano onde várias instituições é muito visível, as pessoas de pele mais claras conseguem categorias destaques enquanto de tom pele mais escura ficam retaguarda empregos de menos privilégios. Um dos exemplos temos os bancos, as áreas administrativas e as lojas telefônicas são pessoas claras e já os pretos com tom mais escurinhos nas empresas de limpezas e não só. Dando embasamento na discussão que Agostinho levanta, a autora Henriques (2015), no seu trabalho cita o fotográfico Ngoi Salucombo, no seu trabalho onde o mesmo realça que o racismo em Angola se evidencia de várias maneiras, que durante a trajetória da sua vida nunca viu um branco ou mesmo mulato a fazer limpeza nas calçadas das ruas e que possa ser uma das questões que coloque o indivíduo negro se sinta desigualado e passa por situações de racismo. Onde a autora realça que o fotógrafo Ngoi em muitas vezes se sentiu discriminado quando

residia em Portugal e que umas das situações que lhe deixava intrigado é quando os seus amigos portugueses sempre lhe diziam que você não parecia angolano, ele afirma que se concretiza em racismo.

Henriques (2015), aborda que os musseques foram criadas no período colonial como bairros ou zonas periféricas que abrigasse os angolanos negros, enquanto os mestiços, mulatos e brancos esses moravam no centro da capital. Para Douglas Wheeler e René Pélissier, em seu livro "*História de Angola"* (2009), citados por Henriques (2015, p. 7), afirmam que "proporcionar as comodidades da vida na Europa à comunidade não era tarefa simples numa colónia falida e parcialmente povoada por condenados". Isso reflete pelo fato da maior parte das pessoas nas periferias serem negras de pele mais retinta, que são resultados da segregação racial da época colonial. Os autores realçam que os condenados eram vistos como pessoas negras que vivenciaram e vivenciam a exclusão de perto na comunidade que está inserida. O abastecimento de água foi, durante séculos, um problema tremendo". No entanto, é necessário aqui pontuar que na sociedade angolana não existe conflito racial quer seja, no angolano que se afirma ser negro angolano, mulato, mestiço (laton) ou mesmo branco de origem portuguesa.

Segundo Agostinho (2022, p. 12), compreende que "o modo como um indivíduo ou grupo se vê e se reconhece determina o olhar pelo outro, e com a herança colonial a população angolana se (re)criou, influenciando assim na alteração das estruturas sociais e no modo como o "angolano" se reconhece. De acordo com Silva (2018), consoante ao racismo institucionalizado em Angola, o autor, argumenta que é mais um dos traços que foi deixado pelo colonialismo português no território angolano, no qual foram aplicadas por meio da lei administrativa e política no país em que são refletidas pela dimensão social pela cor da pele o que é visto até na realidade atual, embora de forma diferente com que aconteceu no processo da colonização. Uma das diferenças na comunidade angolana o branco estrangeiro tem um salário mais elevado do que o nacional que tem um salário menor, tudo isso é reflexo da colonização na qual várias vezes é vista que o branco é como se fosse bom em tudo que faz.

Para o sociólogo Paulo de Carvalho citado por Henriques (2015), o autor para se referir aos negros angolanos ele retrata como "grupos maioritários", e já quanto aos indivíduos brancos usa a expressão "grupo minoritário". Para ele na sociedade angolana não existe racismo institucional, diferente que Agostinho argumenta sobre o racismo institucionalizado em Angola, porque para o autor, a legislação angolana não aceita o racismo, pelo fato dos grupos étnicos raciais não estarem em situação de discriminação. Só podemos dizer que existe racismo em Angola, quando esses grupos raciais planejam práticas de execução com base nesse motivo.

De acordo com o sociólogo Carvalho (2014, p. 55-56), "o processo de descolonização e a consequente formação da estrutura social, o racismo deixou de estar institucionalizado em Angola.". Na comunidade angolana não é uma situação frequente como já foi salientado. Segundo a autora Henriques (2015), afirma que “o facto de achar que não existe racismo institucional não significa que não exista discriminação, sublinha. Existem focos “de discriminação racial, mas com o objetivo de retirar benefícios económicos, políticos e sociais”. Não se pode afirmar que na sociedade angolana os mestiços, mulatos ou brancos, passam por impedimentos ou são discriminados na procura de empregos bem como no acesso ao mercado de trabalho.

2.4 FENÔMENO DA POBREZA: E DIFERENCIAÇÃO ECONÔMICA DE ANGOLA

2.4.1 Pobreza e Vulnerabilidade social

Percebe-se em um primeiro momento, os planos estratégicos para o enfrentamento da pobreza se deve através de um viés mobilizador, sendo que a pobreza era caracterizada na época como um ato desvio comportamental das pessoas que faziam parte dos valores da burguesia. Nessa mesma perspectiva, surge a Lei dos Pobres, em meados dos anos 1601, na qual passou a ser analisada como um meio de manutenção e incentivo à pobreza. Essa lei tinha como objetivo fundamental em segurar os trabalhadores a diminuírem a enorme pobreza que assolava esses indivíduos. Onde o Parlamento Inglês acabou associando essa lei como sendo uma das principais fontes da extrema pobreza (Martinelli, 1991). Segundo Montaño (2012), ao relacionar a pobreza nas causas individuais, acaba se desconsiderando esse olhar diante as organizações estruturais do sistema social. Que acaba colocando uma ruptura de divisão entre as pessoas pobres e ricas, onde vê-se que o primeiro diz respeito aos sujeitos disfuncionais e imorais, e já a outra retrata sobre os indivíduos integrais e em conformidade com os valores pautados pela sociedade.

Quanto a essa situação empregada sobre a pobreza, Townsend (1979), afirma que os pobres são:

> Indivíduos, famílias e grupos da população podem dizer-se que estão em situação de pobreza quando não dispõem de recursos para obter os tipos de dieta, participar nas atividades e ter as condições de vida e as comodidades usuais ou pelo menos amplamente encorajadas ou aprovadas, nas sociedades a que pertencem. Seus recursos estão tão seriamente abaixo daqueles comandados pelo indivíduo médio ou pela

> família que, na verdade, estão excluídos dos padrões, costumes e atividades comuns (Townsend, 1979, p. 31).

Compreende que a pobreza tem haver quando nos deparamos pela falta de recursos essenciais que impossibilita a não concretização das necessidades básicas de uma pessoa ou grupos de uma sociedade. Isso resulta na impossibilidade de conseguir alimentação, vestuário, educação, saúde e saneamento básico. De acordo Scalon (2011, p. 52), afirma que a "desigualdade e pobreza, embora sejam conceitos distintos, estão fortemente vinculados, na medida em que as disparidades nas chances de vida acabam por determinar as possibilidades de escapar de situações de privação e vulnerabilidade". Para Montaño (2012), no decorrer do tempo a pobreza ganhou um novo parecer, na qual foram surgindo diversas maneiras de se analisar a situação da pobreza de uma determinada comunidade. Dessa perspectiva a pobreza acabou sendo interpretada como um fenômeno de âmbito social e tem uma vinculação diretamente com a organização de uma determinada sociedade.

Segundo Crespo e Gurovitz (2002), compreendem que não é uma tarefa fácil dar uma definição fechada concernente ao caso da pobreza, e que é muito complexo, sendo que atualmente o fenômeno da pobreza é tido como um processo multidimensional. Na qual essa multiplicidade irá associar-se a partir de alguns conceitos relacionados ao juízo de valor, na noção relativa e na visão absoluta. Para Escorel (1999, p. 75), afirma que a pobreza e as desigualdades "são processos de vulnerabilidade, fragilização ou precariedade e até ruptura dos vínculos sociais em cinco dimensões da existência humana em sociedade: ocupacionais e de rendimentos; familiares e sociais proximais; políticas ou de cidadania; culturais". Para Neves (2012), o conceito de pobreza está propriamente relacionado com as condições de subsistência, na impossibilidade como vários indivíduos ou grupos em se manterem, sobretudo na falta de uma boa qualidade de atendimento às necessidades básicas, de igual modo questão de privatização relativa. Para Feliciano (2008), a noção de pobreza, diz respeito em assuntos relativos ao contexto econômico, e sociocultural, onde são concebidas a natureza de inserção de várias pessoas e famílias. No que tange à pobreza salienta-se que existem diversas formas de se analisar a pobreza, onde temos a pobreza absoluta, relativa, objetiva e subjetiva e a linha de pobreza, etc.

De acordo Ortiz (2004, p. 144-145), em relação à pobreza afirma-se que é "a principal causa da negação dos direitos humanos". É uma questão estrutural ligada ao funcionamento social e aos mecanismos de proteção dos direitos". Segundo Costa (1998), o termo pobreza como um meio de privatização das pessoas derivado pela insuficiência de recursos para se auto-

sustentar. Em que para o autor trata-se de privatizações múltiplas, no controle como alimentação, educação, saúde, vestígios, transporte público, e a participação social, etc. Essa perspectiva sobre o conceito de pobreza também é partilhada por Neves (2012), considerando que a pobreza refere-se a um contexto de escassez de determinadas proporções de bem-estar de uma pessoa. De acordo Rister (2007, p. 354), compreende que a exclusão social "consiste na impossibilidade ou dificuldade no exercício da cidadania num quadro de situação irregular quanto à garantia dos direitos fundamentais em decorrência da privação quase absoluta de recursos". A exclusão social, consoante o entendimento do autor, diz respeito à privatização dos bens essenciais a certos indivíduos que não têm a possibilidade de conseguirem certas coisas ou em cessarem certos meios de caráter importante.

> A pobreza é parte de nossa experiência diária. Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, o desemprego, os empregados de modo precário e intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a revolta, a tensão e o medo são sinais que muitas vezes anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade. Sinais que expressam também o quanto a sociedade pode tolerar a pobreza e banalizá-la (Yazbek, 2012, p.290).

Diante da contextualização macroeconômico, e relativa, compreende-se que a pobreza a partir da divisão de distribuição de renda, ou seja, as condições de vida ideal relacionadas a partir do padrão de vida contemporânea na sociedade, e que os indivíduos que estão na camada baixa, são vistos como em situação de pobreza. Para Crespo e Gurovitz (2002), "à pobreza relativa é descrita como aquela situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos de algum atributo desejado, seja renda, sejam condições favoráveis de emprego ou poder". Assim como a ação relativa, a visão absoluta também está conectada diretamente com as bases macroeconômicas. Entende-se que a pobreza é firmada a partir de um nível mínimo necessário para que essas pessoas tenham as necessidades básicas supridas. E que nessas necessidades básicas está incluído também alimentação, habitação, emprego e os serviços essenciais, como a água potável, saneamento básico, educação, saúde e transportes públicos.

Concernente, o termo relevante para se pensar a pobreza, diante as questões econômicas Sen (2001), afirma que:

> No espaço das rendas, o conceito relevante de pobreza tem de ser a inadequação (para gerar capacidades minimamente aceitáveis). Uma "linha de pobreza" que ignora completamente as características individuais não consegue fazer justiça às nossas verdadeiras preocupações sobre o básico na pobreza, a insuficiência de capacidade

> devida a meios econômicos inadequados. Seguidamente será sensato agrupar os indivíduos em categorias particulares (relacionadas com classe, sexo, grupo ocupacional, status do emprego e assim por diante). Se escolhermos expressar a pobreza no espaço de rendas, então as rendas requeridas terão de ser ligadas às exigências causais das capacidades mínimas (Sen, 2001, p. 175).

De acordo com a UNICEF (2005), reconhece que a contingência é a dimensão que a definição de pobreza, na qual considera como uma conjuntura, na qual os rendimentos econômicos dos indivíduos ou grupos estão abaixo da produtividade razoável na comunidade. Partindo dos vários conceitos já estudado sobre a pobreza, é especificamente claro que a dimensão econômica é um dos fatores que mais provoca a pobreza, pela falta desse meio. E que não devemos menosprezar outras dimensões da pobreza, porque também refletem diretamente na ausência do acesso aos recursos de econômicos ou de rendimentos. Segundo Oliveira (2011, p. 90), afirma que "preza pela igualdade, pela liberdade e pela dignidade da pessoa humana" e, ao mesmo tempo, "consiste em oferecer aos cidadãos as prestações necessárias para o desenvolvimento pessoal na sociedade". De acordo Lavine (2004), compreende que a pobreza surge a partir do momento que o indivíduo fica impossibilitado em determinar uma ação, que lhe torne uma pessoa livre das suas escolhas.

> A exclusão consiste de processos dinâmicos, multidimensionais produzidos por relações desiguais de poder que atuam ao longo de quatro dimensões principais – econômica, política, social e cultural –, e em diferentes níveis incluindo individual, domiciliar, grupal, comunitário, nacional e global. Resulta em um continuum de inclusão/exclusão caracterizado por acessos desiguais aos recursos, capacidades e direitos que produzem iniquidades em saúde. Processos excludentes produzem uma distribuição injusta de recursos e acessos desiguais a capacidades e direitos de: criar as condições necessárias para que todas as populações tenham e possam ir além das necessidades básicas; permitir sistemas sociais participativos e coesos; valorizar a diversidade; garantir a paz e os direitos humanos; e, sustentar sistemas ambientais (Popay, 2008, p.36).

Relacionamos mediante a proporção de poder e da participação na vida social (Costa, 1998), e de igual modo, na dimensão subjetiva da pobreza. Segundo Leandro (2011), "trata-se da ausência ou da insuficiência de recursos, de bens ou de direitos, não permitindo satisfazer as necessidades elementares: obtenção de um emprego estável, alimentação, alojamento, vestuário, saúde, meios de deslocação, poupança e reconhecimento social" (2011, p. 233). E que diante dessa visão percebe-se que a dimensão econômica é um dos fatores que deve se considerar, quanto a esses fenômenos sociais. No entanto, para Feliciano (2008), a pobreza é um dos principais fatores daqueles indivíduos ou grupos que dependem propriamente da economia informal. De acordo Dercon (2005), afirma que o termo de vulnerabilidade social

pontua-se sobretudo nos fatores que se caracterizam em práticas de riscos que estão diretamente associados à questão da pobreza. Em que as famílias pobres procuram a fornecer simplesmente um prato de comida durante o dia ao seu membro.

> A vulnerabilidade de tal condição é justamente o que nos aproxima como humanos: A fraqueza do homem torna-o sociável e nossas misérias comuns levam nossos corações à humanidade; nada lhe deveríamos se não fôssemos homens. Todo apego é sinal de insuficiência; se cada um de nós não tivesse nenhuma necessidade dos outros, não pensaria em unir-se a eles. Assim, de nossa mesma imperfeição nasce nossa frágil felicidade. Naturalmente os homens não são nem reis, nem nobres, nem cortesãos, nem ricos; todos nascem nus e pobres, todos sujeitos às misérias da vida, às tristezas, aos males, às necessidades, às dores de toda espécie; enfim, todos são condenados à morte. Eis o que realmente pertence ao homem. Eis aquilo de que nenhum mortal está isento (Rousseau, 2004, p. 301-302).

E olhando a partir da vulnerabilidade social e pobreza, vê-se que estão intrinsecamente ambos interligadas. De acordo Hespanha (2001), a vulnerabilidade tem a ver com as fraquezas internas, concernente à baixa autoestima, depressão e afeto de privatização, concernente na ausência de empregos e de meios de subsistência, que possibilita o indivíduo a cair na pobreza, ou não conseguir ter nenhuma participação na dinâmica social da sociedade. Situações referente a exclusão social ou a marginalização. Segundo Caleiras (2011), compreende que as fragilidades se refere especificamente a um determinado conjunto que está ligado diretamente aos fatores relacionado ao sexo, idade, o índice baixo escolar, sobretudo as políticas de saúde, em várias vezes tem sido um caos para essas pessoas.

> Durante a década de 1990, o desenvolvimento da estrutura de "vulnerabilidade de ativos" ou a estrutura de vulnerabilidade definida, para expressá-la em sua terminologia original, é retornou uma das ideias mais inovadoras da literatura que estuda o fenômeno da pobreza nas sociedades contemporâneas e particularmente nos países periféricos. Na sua concepção inicial, o novo quadro foi guiado pelo interesse em demonstrar o potencial de uma abordagem aos recursos que pode mobilizar famílias ou indivíduos, sem se limitar à noção de capital em termos exclusivamente económicos e monetários. Abrange diversas disciplinas, como a sociologia, a antropologia e a psicologia social, com a preocupação de concepção e instrumentos de políticas sociais (por exemplo, para combater a pobreza). Identifica ativos relevantes para o desempenho dos indivíduos, tais como "capital social" (Filgueira, 2001, p. 2).

De acordo Katzman (2005), afirma que ser pobre está diretamente na satisfação das necessidades básicas, daqueles que se encontram muito abaixo da linha da pobreza. Na qual o autor afirma que a vulnerabilidade social, como sendo:

> Vulnerabilidade não é exatamente o mesmo que pobreza, mas a inclui este último refere-se a uma situação de falta eficaz e atual, enquanto a vulnerabilidade transcende essa condição que projeta no futuro a possibilidade de sofrer certas fraquezas, que são

> observadas no presente. Em seu sentido amplo, a categoria de vulnerabilidade reflete duas condições: a do "vulnerado", que é assimilada à condição de pobreza, ou seja, já sofrem de uma privação afetiva que implica a atual impossibilidade de sustentabilidade e desenvolvimento e uma fragilidade futuro dessa incapacidade e do "vulnerável" de a quem a deterioração das suas condições de vida não é já se materializou, mas aparece como uma situação de alta probabilidade no futuro próximo com base nas condições de fragilidade que os afeta (Katzman, 2005, p. 04, Tradução nossa).

O autor faz uma diferenciação entre a vulnerabilidade social e pobreza, é que a vulnerabilidade se apresenta de forma diferente e que o seu impacto diz respeito na ausência de algum essencial para poder se manter, onde o indivíduo possa estar vulnerável pela impossibilidade de não obter aquilo que tanto almeja, mas que em todo momento está relacionado com a pobreza pelo fato da privação que o mesmo se encontra. Segundo Ribas e Golgher (2006), afirmam que a questão das vulnerabilidades sociais, estão presentes no bem-estar de todas as pessoas ou grupos inseridos nessa sociedade, associando com a pobreza, causando assim vários riscos para o desenvolvimento dos mesmos e das próprias esferas públicas. Para Feliciano (2008, p. 25), “as situações de vulnerabilidade são agravadas em condições de pobreza, colocando os indivíduos e grupos mais expostos aos riscos e impossibilitando-os de aceder aos recursos, reproduzindo assim as condições de pobreza”. Percebe-se que a vulnerabilidade social é concretamente compreendida a perda de bem-estar, na qual são causadas a partir de uma incerteza de várias situações, provocando um conjunto de riscos.

> A pobreza é um fenômeno multidimensional em que há a falta do que é necessário para o bem-estar material. Associa-se a esse conceito a falta de voz, poder e independência dos pobres que os sujeita à exploração; à propensão à doença; à falta de infraestrutura básica, à falta de ativos físicos, humanos, sociais e ambientais e à maior vulnerabilidade e exposição ao risco (Crespo e Gurovitz, 2002, p. 22).

Segundo Carvalho (2021), aborda que existem duas dimensões para se pensar a vulnerabilidade social, onde diz que:

> Em seu sentido amplo, a categoria de vulnerabilidade reflete duas condições: a dos grupos vulneráveis que se assimila à condição de pobreza, e a dos grupos vulneráveis que já tiveram suas condições de vida deterioradas, porém ainda possuem alguma condição de materialidade, mas apresentam uma situação de grande probabilidade de perdê-la num futuro próximo (Carvalho, 2021, n.p.).

Percebe-se que uma das formas da vulnerabilidade social, está interligado na falta das necessidades básicas, para as pessoas que carecem de bens necessários de subsistência, daqueles

que lhes são negadas essas oportunidades. Sendo, que essas necessidades básicas dizem respeito à ausência de poder, que acaba provocando em uma situação de vulnerabilidade. Quanto essa perspectiva, De acordo Lopes (2011), um dos fatores da vulnerabilidade social e a pobreza se dá pela falta de segurança, má distribuição da economia e um baixo nível de qualificação profissional, formam alguns fatores das privações que validam majoritariamente no alto índice de vulnerabilidade dos grupos excluídos, na qual são mais afetados principalmente os jovens e crianças, mulheres, minorias e migrantes com um índice de escolaridade baixo.

De acordo Fineman (2022), no que toca ao fenômeno da vulnerabilidade em uma sociedade afirma que:

> Uma crítica da vulnerabilidade baseia-se nestas percepções, mas difere delas de várias maneiras. Vulnerabilidade é um conceito mais abrangente e, por essa razão, as análises centradas em torno da vulnerabilidade são mais potentes politicamente do que as análises com base na dependência. Porque a dependência é episódica e muda de grau em um nível individual para a maioria de nós, teóricos políticos e sociais podem ignorá-la de acordo com suas próprias conveniências - e muitas vezes o fazem. Nas mãos deles, a dependência, quando ela é reconhecida, é apenas uma fase que o sujeito liberal há muito tempo transcende ou deixou para trás não sendo, portanto, de nenhum interesse teórico premente. Além disso, a sociedade tem historicamente lidado com a dependência de forma a relegar o ônus de cuidar para a família, posta dentro de uma zona de privacidade, isto é, para além do escopo da preocupação do estado a não ser em casos extraordinários de falhas familiares, como abusos ou negligência. Assim, tornada em grande parte invisível dentro da família, a dependência está confortavelmente e erroneamente entendida como gerenciada de forma adequada para a vasta maioria das pessoas (Fineman, 2022, p. 1384).

Na maior parte das pessoas ou grupos que exercem uma atividade laboral da economia informal, enfrentam no dia-a-dia vários eventos inesperados que os colocam em situações de vulnerabilidade, e encarando diversos riscos, impossibilitando a ter rendimentos. Indo na mesma linhagem de Lopes, De acordo Vignoli (2001, p. 2), compreende a desigualdade social como ausência de acesso nas oportunidades que são ofertadas pelo mercado, estado ou pela sociedade, apontando assim vários fatores que impactam na vida do indivíduo, em participar nas estruturas de oportunidades existentes. Para Busso (2001), a vulnerabilidade social é como um ato dificultoso para as pessoas, famílias ou grupos que são postos para enfrentarem vários problemas que implicam no bem-estar de todos indivíduos. E segundo Katzman (1999), a vulnerabilidade social pode ser compreendida como a falta de bens essenciais, na qual vários indivíduos, famílias ou grupos, de ativos estão sujeitos a enfrentarem alguns riscos.

> As principais manifestações da "questão social" a pauperização, a exclusão, as desigualdades sociais, são decorrentes das contradições inerentes ao sistema capitalista, cujos traços particulares vão depender das características históricas da

> formação econômica e política de cada país e/ou região. Diferentes estágios capitalistas produzem distintas expressões da "questão social" (Pastorini, 2004, p.97).

A desigualdade social, a pobreza e a exclusão social são decorrência da má distribuição econômica, que está diretamente associada com questões econômicas, políticas, sociais e culturais de um determinado país, que influenciam no mau andamento do desenvolvimento do país. De acordo Dieterlen (2001), percebe-se que a vulnerabilidade social tem a ver com ausência de atendimento aos bens essenciais, onde essas necessidades são impugnadas pelos os detém de poder. E que muitas das vezes o que acaba colocando as pessoas em situação de vulnerabilidade é pelo fato de não terem condições de primeiras necessidades de caráter básicas para se manterem, e é sabido que esses indivíduos que carecem de meios de subsistências acabam dependendo propriamente daqueles que são detentores de poderes e de igual de serem negados os meios de vida. Dieterlen, continua dizendo que as necessidades básicas em uma determinada comunidade ou grupo condizem concretamente na falta de poder.

2.4.2 Dimensões das desigualdades sociais e pobreza em Angola[17]

Em muitos países do continente africano, existe o sistema fiscal que tem mostrado redução de desigualdade social em diversas esferas, mais que ainda é um resultado muito baixo em África, sendo, que o caso da desigualdade e a pobreza tem sido um dos grandes problemas para o avanço do continente africano, e uma das causas na base está a corrupção no mandato de alguns governantes que acabam não dando uma assistência adequada à população. Tendo, como exemplo o sistema tributário e das ações sociais do governo da África do Sul que conseguiu colmatar essa redução em grande escala a redução da desigualdade de rendimentos, de diferentes países em situação de em desenvolvimento, e como base as ações sociais que são altamente desenvolvidas a partir de transferências monetárias, e a gratuidade dos serviços básicos concernente à educação e a saúde, no melhoramento do índice de Gini de 77.1 para

[17] A pobreza em Angola aflige 85% das famílias angolanas, ou seja, da comunidade em geral, ainda mais desde o momento que o país se encontra em crise econômica, sendo que a natureza dessa crise se deu a partir da queda do petróleo no mercado internacional, provocando assim, como consequências na redução de receitas e na perda de rendimentos de exportação do país, e não só, essa crise também se dá a partir da pouca diversidade do setor econômico, na escassez e em dificuldades dê-se de conseguir divisas, partindo da desvalorização do Kwanza frente ao dólar, que acabou ocasionando o declínio do poder de compra, e a corrupção, desde o ano de 2014, que vigora até aos dias atuais, e que essas famílias acabam se distorcendo por causa da pobreza. "A pobreza em Angola é um flagelo nacional e aparece associada ao desemprego, exclusão social, ao insucesso escolar e à destruição da célula familiar, manifestações estas que acabam por ser produto da ruptura dos elos sociais fundamentais" (ROCHA, 2004, p. 104).

59.6. Da mesma maneira que que África do Sul mostrou um desempenho na redução da desigualdade vemos também a política, ou seja, o sistema fiscal da Zâmbia que baixou o seu índice de Gini de 59 para 48, a partir da redistribuição de fiscalização, especificamente a partir das despesas públicas em educação. De acordo com Eberlei (2005), África Subsaariana, aproximadamente 300 milhões de indivíduos vivem em situações de extrema pobreza. Em relação Angola, o fenômeno da desigualdade social está conectado (ligado) em vários aspetos, e verifica-se que após ser estabelecido a paz em Angola, isso no de 2002, o governo angolano estabeleceu um plano estratégico de desenvolvimento para o combate à desigualdade social, e extrema pobreza que vigorava no país, para a estabilização macroeconômica.

A pobreza em Angola é um fato real e visível, e que a guerra no país destruiu a maior parte de infraestrutura em todo território, em que o nível da população angolana se encontrava condicionado/a, pelo fato do país sair de um período de guerra. Em Angola existe uma extrema pobreza rural, e urbana, apesar de Angola ser um país que tem um potencial de rendimento médio. Concretamente em zonas rurais as populações passam por diversas dificuldades, onde uma ou duas pessoas estão abaixo da linha da pobreza. E que a pobreza que muitos vivenciam são chefiadas por mulheres, que em média é de 6%, muito inferior pelas famílias que são chefiadas por homens. Segundo Lopes (2011), os teóricos que buscam compreender os fenômenos contemporâneos relacionados à política, estão presentes no interior da economia neoclássica, que muitas das vezes procuram deixar em pauta a representação da" mão invisível", do mercado de trabalho. Sendo que os impactos sociais dessas reestruturações, trouxe diversas consequências no continente africano, especificamente na África Subsaariana, onde na qual vários economistas percebem que as dificuldades são interligadas, pensando a partir do equilíbrio macroeconômico, a partir da largaram, das economias que acabou afetando os mais necessitados propositalmente, assim influenciando no elevado índice da extrema pobreza, na disparidade desigual de rendimentos.

Para Lopes (2011), a comunidade africana, passou, da famosa marca de 1 bilhão de pessoas, o alto índice demográfico, é essencialmente na mudança de poder sejam eles do Norte, Oriente, em direção ao Sul, as classes médias, no elevado crescimento da economia, quer seja sem países emergentes, de igual modo aos BRICS, de como África procura se posicionar mundialmente. Compreendo que os estudos mais recentes de classe média baixa de países do Sul, mecanicamente apresentam-se como países mais desenvolvidos economicamente a nível global.

O crescimento econômico no continente africano, tem demonstrado uma insuficiência transformação para suas sociedades, que acaba impedindo o desenvolvimento de suas riquezas naturais e humanas, a desigualdade e a pobreza que perseveram. O enquadramento externo tem se mostrado incapaz de engendrar resultados econômicos a nível mundial quer seja, dos demais países e das regiões locais, sendo que a indústria de produção representa uma escassa parte do PIB de África, é necessário frisar que no continente, os países que recentemente saíram de situações de conflito armado, tendem, a demonstrar como consequências em aderir como preferencial a inclusão econômica, política e social. Sendo que essas são as bases fundamentais para a edificação de uma sociedade inclusiva e liberal (Lopes, 2020). Segundo Solow (1956), o crescimento econômico de um país, deve se olhar a partir da distribuição da produção de mercado, e no capital de desenvolvimento econômico dessa determinada região, tendo os recursos naturais como a progressão desse país, e que esses recursos devem servir como pontos estratégicos, na qual se incorpora a taxa de aperfeiçoamento tecnológico, e que para que se verifica a mensuração da mesma só deve depois que se realize uma consulta, dos produtos.

> O índice de desenvolvimento humano de um país é caracterizado ou é medida de forma comparativa das suas riquezas, bem como também na qualidade de alfabetização, educação, etc. A esperança de vida bem como natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo. É uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população, especialmente bem-estar infantil. Normalmente esta medida comparativa é usada para distinguir se o país é desenvolvido, em desenvolvimento ou subdesenvolvido. Este método também serve para medir igualmente o impacto de políticas económicas na qualidade de vida (Kinsumba, 2016, p. 16).

No entanto, para que tenhamos um crescimento econômico de sustentabilidade, no que toca em políticas de inclusão, é necessário que se crie métodos estratégicos que influencia equitativamente na criação e nas distribuições de riquezas, como também em dar respostas às desigualdades existentes a nível do continente africano, sobretudo aos países da África Subsaariana, referente o caso de Angola, onde existe uma enorme desigualdade é um índice elevado da pobreza. De acordo Bresser (2008), o desenvolvimento da produção da economia de um país, se caracteriza pela acumulação de capital, a fim de conseguir um bom desenvolvimento técnico no mercado de trabalho, e no desenvolvimento da produtividade. As produtividades que se aborda dizem respeito aos salários e ao modo de vida da sua população. Para o autor é necessário que se saiba o seu crescimento econômico, de igual modo no desenvolvimento econômico.

> Para que o crescimento económico rápido se traduza em desenvolvimento sustentado e inclusivo, os países devem ser encorajados a implementar estratégias que criem diversificação económica e emprego, reduzam desigualdades e reforcem o acesso aos serviços públicos essenciais. As políticas adoptadas terão também de dar resposta às desigualdades espaciais (diferenças entre regiões urbanas e rurais, mas também no interior de uma mesma região), assim como à fraca mobilidade intergeracional em áreas como a educação, a saúde e o emprego, onde a desigualdade impera. Todavia, erradicar a pobreza através de um trabalho árduo e bem planeado exige que as pessoas tenham acesso a bons empregos, que lhes garantam o sustento. O que implica que seja necessário melhorar a capacidade e a produtividade das ocupações menos qualificadas (que, no caso africano, correspondem às atividades agrícolas). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) calcula que serão necessários cerca de dez biliões de dólares, em transferências de rendimento e proteção social correlata, para erradicar a pobreza extrema a moderada até 2030, daí a necessidade de empreender esforços concertados no sentido de mudar radicalmente as abordagens atualmente em voga (Lopes, 2020, p. 15)

A desigualdade social tem sido um dos grandes desafios para as populações desfavorecidos/as que não têm como se defender e é visto como umas das principais causas da pobreza e da divisão dos mais pobres e ricos partindo da má distribuição de renda, na realidade contemporânea ainda é muito frequente nas sociedades africanas, onde milhares de pessoas vivem condições precárias passam por situações de calamidades, desastrosas vivendo em situações de extrema vulnerabilidade social. E que diante a estes fenômenos o Estado tem o poder de criar políticas estratégicas ao combate a estes problemas sociais que a muito tem levado várias famílias em situações de extrema pobreza, partindo disso podemos pensar Angola que é um país de (África) subdesenvolvido e com desafios complexos que caminha lentamente em pró do desenvolvimento econômico social bem como da transparência publica ideal e de uma democracia mais consolidada, acredito que seja de fundamental trazer temáticas sociológicas para nos ajudar a compreender os desdobramentos, as trajetórias e perspectivas dessa área uma vez que elas estão diretamente ligadas a todos nós os cidadãos independentemente da raça, sexo região ou escolaridade.

> Através do tempo, existem relações entre as diferentes dimensões da desigualdade. Crianças provenientes de famílias de baixa renda e de outros grupos marginalizados, especialmente as que vivem em áreas rurais, com frequência têm menos acesso à educação de qualidade se comparado a outras; mais tarde, sua desigualdade quanto aos resultados de aprendizagem conduz à desigualdade relacionada ao emprego e ao salário. Isso ilustra o círculo vicioso da desigualdade e os mecanismos de sua reprodução. Igualmente, as desigualdades socioeconômicas interagem com a desigualdade política em termos de voz, representação e influência, de modo que as pessoas mais afetadas pela desigualdade com frequência têm menos poder para enfrentar e mudar sua situação (ISSC, IDS e UNESCO, 2016, p. 8).

O crescimento não inclusivo, de uma maior escala de desigualdade, se estendeu na região, e vê-se que o maior acúmulo de capital e de terras aos grupos de minorias, assim como

elementos que contribuem aos assuntos culturais e históricos que aumentam a sua visão dualista do mercado do trabalho, onde existe uma enorme desigualdade de diferentes grupos sociais, através do resultado do emprego, que tem sido um desafio em que o grupo de minorias acabam sendo os mais afetados a partir dessa segregação da enorme disparidade existente de emprego, entre os que estão desempregados e os que estão empregados, especificamente a desigualdades sociais em Angola, ainda é um caso um caso existente no seio da população.

A conjuntura geral de Angola, contém diversas diferenciação de situações de pobreza, principalmente essas diferenças que acontecem têm sido em cerca de 26% entre pobreza nas zonas rurais e urbanas, sendo que a maior parte da população habita em zonas urbanas que atinge uns 65%, sendo assim, estima-se que 57% das famílias vivem na pobreza, no entanto quanto, a população que moram em zonas rurais atinge em média 94% de agregados. É percebido que o índice da pobreza vem aumentando cada vez, na medida que o chefe da família a sua idade vai aumentando, tendo assim a incapacidade de exercer uma atividade remunerada. Em Angola os agregados familiares que são conduzidos por homens têm a possibilidade de se tornarem pobres, diferente dos agregados que são conduzidos por mulheres. O índice de desenvolvimento humano (IDH), no Estado Angolano, é caracterizado pela enorme desigualdade social no país, na qual muitas famílias moram muito abaixo da linha da pobreza, que estão sujeitas a pegar várias doenças e índice de alfabetização muito alto (Pestana, 2011).

De acordo Oliveira (2012), Angola deve ser analisada através das metamorfoses de âmbito econômico, e socioculturais a comunidade foram sujeitadas nos últimos anos. Olhando a partir da capital Luanda-Angola, vemos que a sua estrutura se apresenta como área urbana, mas que muitos desses grupos moram em espaços fragmentados de difícil acesso que coloca em contradição a própria estrutura local, com índices altos de pobrezas, e desemprego, que as famílias angolanas moram em situações precárias. Nos últimos anos o IDH, de Angola vem apresentando um índice muito baixo. Na qual ainda encontramos pessoas não alfabetizadas e ainda muitas das pessoas, em especial as que moram nas periferias, onde existem enormes precariedades no acesso à educação, saúde, saneamento básico e no acesso à água potável, devido à falta de uma boa implementação das infraestruturas. Sendo que existe um défice na saúde pública pelo facto de não se ter quadros suficientes para atender as demandas que lhes chegam, e que também um dos fatores se dá na falta de medicamentos nos hospitais, e contribuindo assim de forma negativa no índice do desenvolvimento humano (IDH) de Angola.

Bunga (2015), afirma que as localidades rurais apresentam situações precárias no que cerne aos índices elevados da pobreza, ainda assim as pessoas preferem permanecer morar

nesses lugares, ou regiões em vez de se mudarem em localidades urbanas, para (re) construírem as suas vidas na procura de melhores qualidades de vida. Nas zonas periféricas de Angola, o acesso de serviços essenciais, ainda é um caos, principalmente em campos de estudo como a educação, a saúde, e falando sobre a saúde, em Luanda como diversas regiões de Angola existe uma enorme ausência de médicos e enfermeiros nesses locais, em que a taxa de mortalidade tem sido elevado diferente das regiões urbanas, onde o governo tem um olhar mais fixa, na redução dessas assimetrias, mas que mesmo na zona urbana, ainda nos deparamos com várias situações de pessoas morando em situações de extrema vulnerabilidade, com saneamento básico degradado.

De acordo o Plano de Desenvolvimento Nacional de Angola-PDN, (2018), no que diz respeito ao acesso das principais coisas essenciais para a sobrevivência de qualquer indivíduo em uma sociedade, em particular o caso de Angola informa que:

> O acesso à água potável e saneamento básico são direitos humanos fundamentais para a redução da pobreza e para o desenvolvimento sustentável, que Angola reconhece na Resolução das Nações Unidas nº 64/292, de 28 de Julho de 2010. Ao longo da última década, Angola tem vindo a investir fundos importantes neste sector, particularmente nas áreas urbanas do País, mas os níveis de acesso permanecem muito baixos e os dados mostram que não houve progressos significativos nos anos mais recentes. Uma das maiores preocupações é a falta de esgotos e latrinas, de controle de descargas de águas residuais, de tratamento de águas pluviais, a inoperância das valas de drenagens e o fraco sistema de recolha de resíduos sólidos. Ao nível das áreas rurais, os esforços têm-se centrado sobretudo na implementação do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (STLC), com resultados positivos, mas limitado a algumas províncias. A melhoria desta situação, quer em áreas urbanas quer em meio rural, é uma preocupação transversal às diversas entidades públicas com competências neste domínio ao nível central, provincial e local. A natureza desses problemas implica a busca de soluções diferenciadas, em função das áreas urbanas, periurbanas e rurais. Neste sentido, é necessário melhorar o saneamento básico, através do aumento de infraestruturas de drenagem de águas pluviais e residuais no território, da melhoria do sistema de recolha de resíduos sólidos, da limpeza de valas de drenagens, do tratamento de águas residuais e sua reutilização, bem como aumentar o número de latrinas nas zonas rurais. O incremento significativo deste sector pode apoiar a prevenção e mitigação de emergências, surtos e epidemias, salvando milhares de vidas (especialmente dos grupos particularmente vulneráveis, tais como as crianças) e reduzindo despesas com emergências a curto, médio e longo prazo (Plano de Desenvolvimento Nacional, 2018, p. 213).

A principal fornecedora de distribuição de água potável em Angola, se dá a partir de fontanários públicos ou cacimbas, que são distribuídas aos bairros periféricos, onde é difícil o acesso de água potável nas residências dessas pessoas, há zonas que a população tem que se deslocar na procura de água para o consumo, que muitas das vezes acaba sendo difícil no acesso. Quanto à educação na sociedade angolana apresenta elevados índices de alfabetização, de crianças fora do ensino, sem falar da redução dos ensinos primário e secundário. Em 2015 o

caso da pobreza se intensificou bastante com a crise que o país vivenciou durante um bom tempo, em que foi criado um projeto para reduzir a pobreza rural, em cerca de 50% para 40%. No entanto, o acompanhamento de assistência social aos mais necessitados é condicionado, porque a desigualdade e exclusão social são provenientes de sistemas econômicos de diversas hierarquias sociais, há ainda, as dificuldades que impossibilitam nas condições e na circulação de pessoas e bens, sobretudo na distribuição de infraestruturas quer sejam (públicos, privados, e transportes), e que maior parte da população que vivem em zonas rurais, muitas dessas famílias exercem atividades informais, e nem sequer tem espaços de atrações para essas comunidades (Bunga, 2015).

De acordo com o Plano Nacional de Desenvolvimento-PND (2018), verifica-se que em 2014 em Angola o número de pobres era aproximadamente 9,44 milhões, registrando-o uma taxa de pobreza de cerca 36%. Ação social do Estado, vem procurando medidas de reduzir a pobreza, a partir das implementações de assistência para os indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômico, e a todas as pessoas que se encontram em situação exclusão, com o foco em pôr em execução através das orientações públicas que visam em corrigir as assimetrias existente na redistribuição de renda, a partir da mitigação do risco social, e na organização econômica das famílias que se encontram em essas situações vulneráveis e como de igual modo as comunidades, e reintegração socioeconômica dos minorias, ou seja, dos excluídos na sociedade. Segundo Rafael e Yoba (2020), a desigualdade social existente em Angola, existe uma participação por parte da comunidade civil, com objetivo a diminuir a desigualdade existente, por meio da presença de várias instituições não governamentais (ONGs), e vê-se que a estrutura governamental do Estado Angolano, não consegue responder às demandas de certos problemas sociais.

Entende-se que a má distribuição de renda e desigualdade acaba criando uma instabilidade social, que altera e interfere em diversas questões culturais da sociedade angolana, como à econômica, e a sociopolítica de um determinado país. A pobreza em Angola é pautada em maior índice desigualdade de distribuição de renda, na aplicação de uma determinada existência da extrema relevância para população submetidas em situações de vulnerabilidade, em condições mínimas de dignidade e cidadania da população. Para que a população angolana tenha uma qualidade de vida adequada, e um bem-estar, é necessário que haja redução das desigualdades sociais e da pobreza, com intuito em promover a desconcentração, e a descentralização territorial, com objetivo de criar-se condições que emanam a dinamizarem no planificação e na gestão territorial, na percepção da cidadania ativa, e participação do indivíduo

na vida democrática, e na aplicação de poder desenvolver uma atitude de empreendedora, em inovação, e na criação de empregos, são de extrema importância para o crescimento socioeconômico do País.

> A pobreza em Angola remete para a grande desigualdade na distribuição de rendimento e para a existência de uma parte significativa da população submetida a condições mínimas de dignidade e cidadania. As atuais condições de pobreza surgem ainda associadas às sequelas do conflito armado, mas também a uma forte pressão demográfica (em especial urbana), à degradação das infraestruturas económicas e sociais, à dificuldade de acesso aos serviços de educação, saúde e proteção social (em especial para os grupos sociais mais vulneráveis) e à insuficiência da oferta interna de bens alimentares essenciais. O número de pobres em Angola em 2014 era de 9,44 milhões, registando-se uma taxa de incidência de pobreza de 36%, (Plano de Desenvolvimento Nacional, 2018, p. 78).

No entanto, a pobreza no território angolano, é um problema de caráter político, ético e social, onde verifica-se que a maior parte da população e encontram-se em situações de vulnerabilidade e vivenciam a exclusão social em quase tudo. Sendo que os mais atingidos desse cenário são as crianças e a adolescentes abandonados, mulheres, e os órfãos, os deslocados e refugiados, que acabam sendo o grupo que mais passam por situação de vulnerabilidade social e a exclusão social, e que sofrem das consequências provenientes da pobreza no seio familiar, e que a maior parte das famílias angolanas são dirigidas por mulheres. É necessário compreendermos que o ano de 1975 até 2002, a situação da pobreza nessa época, se dava pelo desalojamentos e refúgio, em cidades, e comunas (Vilas), na procura de uma proteção física e psicológica e de um lugar seguro que houvesse segurança, porque nessa época o país se encontrava em guerra civil e desumana. Mais desde o ano de 2002, até aos anos atuais, existem diversas falhas na distribuição de rendimento econômico na ampliação das políticas públicas, e socioeconómicas na redistribuição da economia para o fortalecimento de melhoria e bem-estar da população, o que tem causando várias problemáticas sociais, sociopolítica, e econômica no âmbito educação, saúde, e habitação.

2.4.3 Análise das Taxas de desemprego e emprego em Angola

A situação do emprego em qualquer sociedade é um dos caminhos que fortalece no processo de crescimento econômico de um determinado país e não só no mundo, independentemente que o indivíduo esteja a trabalhar de caráter provisório ou permanente, em qualquer área do mercado de produção, onde esse é pago por uma instituição pública, privada ou mesmo por parte de outrem. O emprego se estabelece na troca de experiência entre dois

lados, onde um vende o produto e outro torna-se o comprador e também para quem fornece o seu serviço (Fryer e Payne, 1986). Nessa mesma perspectiva Centeno (2001), argumenta que o emprego diz respeito a uma atividade laboral condigna ou estável, entre a pessoa que está na busca de uma vaga e como a entidade empregadora. Isso a partir do momento que se tenha um acordo em partes, no horário de trabalho, desde que seja fixa. Frisando que qualquer contrato a se filmar juridicamente na contratação de emprego, é feita normalmente por base de um contrato onde estão pautadas as regras e as cláusulas sobre a empresa e do trabalhador contratado.

Quanto à situação de emprego para Capucha (2004), afirma que:

> O emprego é uma variável em grande parte dependente do andamento da economia. Sem crescimento e estabilidade macroeconômica não se criam nem melhoram os empregos. De facto, a "parte de leão" da criação de emprego resulta da atividade empresarial e há uma correlação positiva entre o comportamento das principais variáveis económicas e os níveis de emprego e desemprego. Mas pela inversão, sem trabalhadores qualificados, sem mão-de-obra disponível, sem estabilidade social e processos negociados de modernização da organização do trabalho, não há investimento com retorno nem desenvolvimento empresarial. Principalmente quando o fator humano se torna o principal fator competitivo, as questões especificamente ligadas ao emprego e à sua qualidade ganham relevo (Capucha, 2004, p. 61).

O que se verifica não existe investimentos de empregabilidade empresarial que fornece empregos de qualidades aos indivíduos na sociedade a fim de contribuir de forma significativa na economia de um país, ou da comunidade que está inserido e que na falta de uma economia estável de um país a situação do desemprego tende a aumentar, de igual forma no elevado índice de casos de pobreza no interior desse grupo. Para Fryer e Payne (1986), ao longo do tempo o trabalho ganhou uma importância social nas sociedades capitalistas, onde por muito tempo muitos lhes foram negados (as) o direito ao emprego, mas salientando que o serviço requer (tempo, dedicação, aptidões e habilidades) no exercício das suas atividades. A atividade trabalhista pode ser exercida de forma individual ou coletivo e diante as atribuições das suas atividades os indivíduos que estão inseridos no mercado formal ou informal não só esperam no final do mês o salário, mas também de um aconchego psicológico em que possa elaborando as suas atividades tranquilamente sem que haja um abuso psicológica por parte empregadora e nem pelos colegas no local.

São por essas razões que muitas vezes o desemprego pode criar o desequilíbrio emocional no indivíduo afetando diretamente o bem-estar dessa pessoa desempregada e lhe impossibilitando a ter o auto cuidado e causando-lhe um problema ou mostrando comportamentos anormais, embora as ações de cada indivíduo se apresentem de forma diferentes. Mas para os autores, dizem que o conceito de emprego exclui automaticamente

qualquer tipo de trabalho que seja remunerada, como os trabalhos informais bem como os biscatos[18].

> Muitos países tomam constantemente iniciativas governamentais para incrementar o emprego, tentando realizar ou alcançar, pelo menos teoricamente, o pleno emprego. O pleno emprego representa outro conceito económico que corresponde a uma situação em que todos os cidadãos em idade laboral ou produtiva (População ativa), com desejo de trabalhar, possuem uma vaga ou posto de trabalho. Em outras palavras, a demanda de trabalho permanece igual à oferta de trabalho, a um nível determinado de salários reais. A situação contrária é conhecida como desemprego (Augusto, 2015, P. 29).

É necessário que se crie planos estratégicos de implementação de empregos, que tenha como objetivo central reduzir o desemprego na sociedade, quer seja na implementação de programas sociais ou públicos que empregue os cidadãos que estão fora do trabalho formal, na abertura de novos postos de empregabilidade em instituições privadas e públicas. De acordo Augusto (2015), afirma que a crise de desemprego causou vários desafios para as pessoas, em comunidades e no mundo.

> O subemprego é uma situação que ocorre quando uma pessoa capacitada para uma determinada ocupação, cargo ou posto de trabalho não está plenamente ocupado, optando receber trabalhos menores em que ganham pouco comparativamente ao seu nível escolar ou começar a trabalhar num cargo menor comparativamente ao seu nível escolar, experiência e perfil profissional. Também se fala de subemprego quando um conjunto de pessoas tem um número mínimo de horas de trabalho por semana anterior ao horário normal de trabalho ou pessoas que trabalha na agricultura ou o solo de modo esporádico ou irregular ou exercitar uma atividade geradora de riqueza, devido à reduzida produtividade e a carência dos equipamentos conjugados com o excesso de mão-de-obra. Há também subemprego quando um trabalhador encontra uma colocação profissional que não permite o aumento do seu tempo de trabalho, devida a uma deficiência estrutural da economia ou do mercado de trabalho. Quanto ao subemprego, o impacto negativo mais evidente sobre o indivíduo é o baixo nível de expectativa e aspiração profissional (Augusto, 2015, P. 36).

No entanto, o subemprego é quando nos deparamos diante de trabalhos de menor importância e que não condiz com a sua de formação qualificada, que pode levar a pessoa a um nível muito baixo de expectativas e várias criando situação de fúria. O desemprego e o subemprego existem desde os tempos longínquos, atribuindo os fatores iguais sobre o bem-estar psicológico e físico do indivíduo. E que o desemprego pode causar vários problemas de

[18] Em Luanda, são conhecidos como biscateiros pelo facto de fazerem pequenos serviços ocasionais, geralmente de natureza informal, a troco de remuneração, muito baixa, na maioria, de acordo com a natureza do serviço proposto. Mas há também quem faça a troca de comida. O número elevado de jovens sem formação académica e profissional e a falta de empregos fazem com que, a exemplo do que sucede um pouco por todo o país, cada vez mais pessoas recorrem aos biscates como forma de ganhar a vida. Revista Expansão (2022, P. 01).

saúde que são: ansiedade, depressão, e abusos de substâncias químicas (drogas, maconhas, entres outros tipos), sendo que os bairros periféricos onde é alarmante os casos de desempregos essas localidades muitas vezes apresentação segurança e trazendo assim insegurança para a população em geral. No entanto, as pessoas que se encontram na situação de desempregados tendem às vezes apresentar comportamentos de desesperos, angústias ou mesmo de raiva e de tristeza por não estarem empregados ou a não conseguirem um determinado emprego para se manterem ou sustentarem as suas famílias (Dooley, 2003).

O fenômeno do subemprego se configura em atividades de caráter temporária pelo fato de não se enquadrar em empregos formais e que está vigente em várias sociedades modernas capitalistas. Para o autor, essa problemática em muitas ocasiões tem se manifestado em países em desenvolvimento, e que tem assumido subdivisões gravíssimas sobretudo nas culturas, direcionado em protestos concernente em trabalhos artesanais, nas famílias, e indivíduos que exercem atividades de formas independentes em diversas categorias (Vaz, 2018). Para Vaz (2018, p. 78), afirma que "no contexto da realidade angolana, se por um lado houve alguns avanços tecnológicos determinantes para os avanços econômicos, por outro lado aumentou o retrocesso socioeconômico com impactos desastrosos na qualidade de vida da população local". A comunidade angolana durante alguns anos vem enfrentando diversos desafios pelo desemprego e escassez de empregos formais levando assim várias famílias na prática de trabalhos informais dos mais diversos tipos.

> No entanto, o desemprego pode não resultar de uma perda de emprego, mas antes da saída voluntária de um emprego, quer por motivos de insatisfação com o mesmo, quer pela possibilidade de surgimento de novas alternativas, ou ainda devido a mudanças no estilo de vida. Neste caso, o desemprego é voluntário e pode constituir uma estratégia dentro de um percurso de desenvolvimento de uma carreira profissional consciente. Esta noção de desemprego restringe-se, assim, à ausência de emprego remunerado e socialmente reconhecido em termos profissionais, tomando por referência o emprego e não o trabalho não remunerado, num sentido lato. Sempre foi difícil definir esta noção, devido a sua hostilidade e abrangência, já que existem atividades que, embora não constituem emprego, nem providenciam rendimento, são no entanto trabalho que permite retirar dele alguns benefícios, sejam materiais ou simbólicos (Augusto, 2015, P. 32).

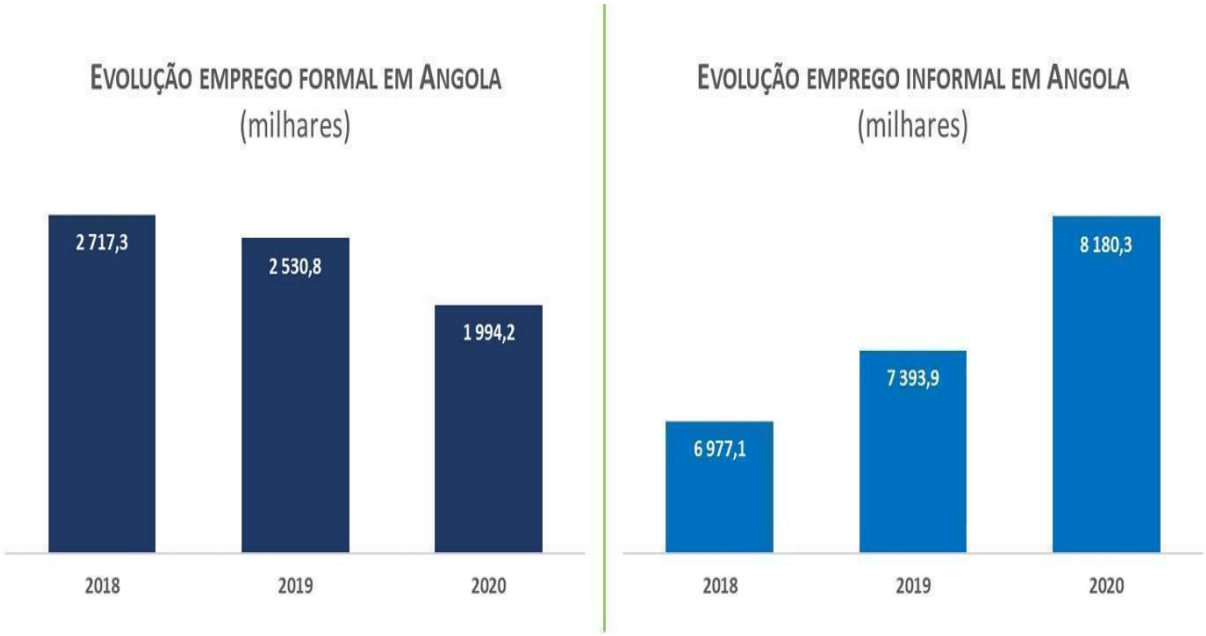
Entende-se que o desemprego não condiz especificamente na perda de emprego como o autor realça mas que pode resultar na impossibilidade não fazer parte a um grupo trabalhista, como também pode acontecer em muitas ocasiões pela a empresa se encontrar em crise financeira, e não ter como pagar os seus funcionários aí acontece a diminuição dos trabalhadores. E tem casos de saída voluntária pelo fato do mesmo encontrar uma outra empresa, que são chamadas de saídas voluntárias. Segundo Eichhorn (2013), não existe nenhum

desemprego voluntário, sendo que as decisões são avaliadas pelo o empregador ou empregado no caso indivíduo empregado que deseja deixar de trabalhar por uma situação injusta ou outra oferta de trabalho. Feliciano (2008), acredita-se que o mercado informal pode ser visto como práticas legais, pelo fato da mesma contribuir de forma significativa no desenvolvimento econômico de um país. Embora grande parte dessas atividades são realizadas de formas clandestinas por concretizarem em atividades proibidas na qual são desenvolvidas por indivíduos em conformidade.

> O conflito armado, que perdurou desde a proclamação da independência de Angola (1975-2002); a forma como são executadas as políticas públicas, que promove a informalidade e que retira da escola um elevado contingente de adolescentes e remete para o desemprego e o subemprego um elevado número de pessoas; o elevado índice de pobreza urbana em Angola; a forma como a estrutura social é pressionada pelas políticas económicas do Estado, com o que se associa a quebra de valores morais (mais acentuada nos grandes centros urbanos) (Damião, 2019.p.5).

No caso de Angola a situação da taxa de desemprego, de acordo Dungue (2023), continua sendo preocupante no seio da sociedade, sendo que a taxa de desemprego fixou-se 29,6%, nos dias atuais, que se fixou no quarto trimestre do ano de 2022, de acordo os dados Inquérito ao emprego em Angola (IEA), publicado pelo Instituto Nacional de Estatística-INE. De acordo o INE (2023), Angola veio a registrar uma desaceleração de 0,4%, comparando com o terceiro trimestre de 2022. É necessário descermos especificamente para o segundo semestre de 2019, na qual a taxa de desemprego havia se fixado nos 28,7%, foi nesse período que começou a calcular-se o indicador trimestralmente. No entanto, quanto ao número de pessoas desempregadas o INE apontou que foi de 4,9 milhões, referente ao trimestre anterior, que teve um aumento de 7,6 mil pessoas.

Gráfico 1 – Representação da evolução do emprego em Angola



Fonte: INE, 2021.

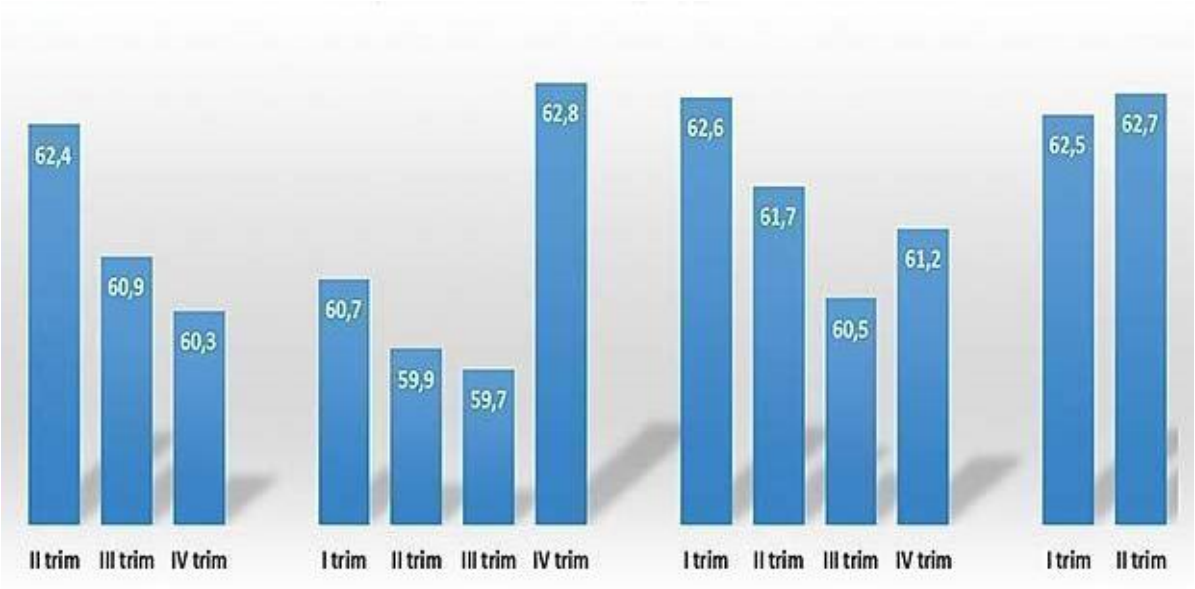
Existe uma enorme diferença da taxa de desemprego nas zonas rurais e urbanas. Sendo que nas zonas rurais 13,5%, o desemprego era apenas 3 vezes menor da área urbana que sua percentagem indicava 38,5%. Sobre os indivíduos empregados no período em análise, a pesquisa mostra que houve um aumento de 222,5 mil, saindo de 11,5 milhões no que tange ao terceiro semestre para 11,7 milhões para o quarto semestre. Pontuando que a taxa de emprego foi de 63,1%. Na zona rural, a taxa de emprego é superior à zona urbana (79,7% e 54,4%), na qual se percebe que a uma evolução quase em todos os trimestres, indicando uma diferença de aproximadamente 25,2%. No entanto, diante a essas disparidades afirma-se que a de emprego de mulheres 63,7%, é superior à dos homens 62,5%.

> Estima-se que o peso da atividade informal seja superior a 40% do total da economia nacional, o que tem implicações, não só no controlo e monitorização da economia, como também na receita fiscal. Adicionalmente, os trabalhadores em regime informal não estão cobertos pela legislação laboral nacional, não usufruem de segurança social e estão sujeitos a instabilidade salarial. Sendo a economia informal determinante para cerca de 75% da população do País, justifica-se que o Estado implemente iniciativas que estimulem a transição desta economia de subsistência e familiar para modelos de economia formal, de forma a aumentar os índices de rendimento das famílias nestas condições, e, com eles, melhorar a qualidade da saúde, da educação, e o nível de vida em geral. Neste quadro, as sociedades cooperativas constituem um tipo de organização empresarial que abrange as várias dimensões de redução da pobreza e exclusão social e que pode funcionar como uma transição para a formalização, designadamente nas áreas rurais. Num contexto em que o emprego por conta própria é a fracção dominante da economia informal, limitando o crescimento das receitas fiscais e a normalização do funcionamento dos mercados, este programa visa contribuir para uma estruturação mais adequada do mercado de trabalho e para a

> criação de condições concorrenciais mais justas, em particular através do incentivo à regularização da atividade económica (Plano de Desenvolvimento Nacional, 2018, p. 188).

O setor que mais emprega na sociedade angolana atualmente foi agricultura, produção animal, caça, floresta, e pesca somando cerca de 50%, são os setores que mais empregam majoritariamente uma boa parte da população, seguido do comércio por grosso e a retalho totalizando cerca de 21,7%. Sendo que as instituições financeiras, imobiliárias e consultorias, 0,7%, foram as que menos empregaram. A maioria da população angolana exerce atividades informais 80,5%. Sendo que muitos trabalham por conta próprio 50,3%, não dependem de atividades do governo, e outros trabalham com a família 29,5%, e tem aqueles que trabalham para o consumo próprio totalizando 10,7%.

Gráfico 2 – Variação da taxa de emprego em 2019-2022.

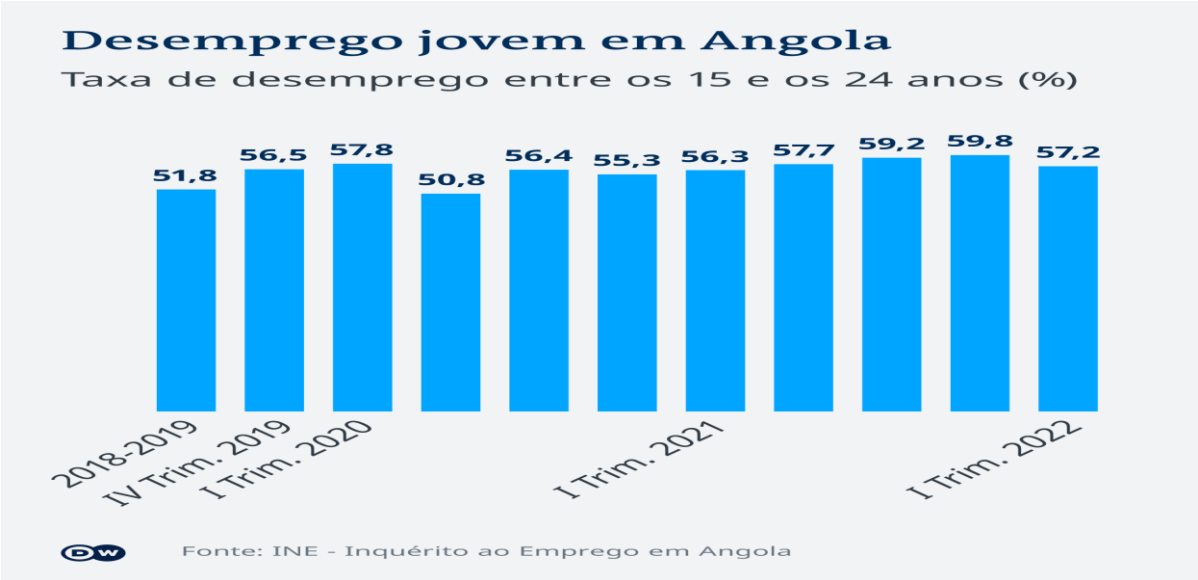


Fonte: Fotografia DR.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística-INE (2022), os dados indicam que a taxa de emprego informal é maior nas zonas rurais que nas áreas urbanas 79,7% e 54,4%. Sendo que o desemprego nos jovens com idades compreendidas dos 15 aos 25 anos continua acima dos 50%. A taxa de jovens desempregados foi de 52,9%, sendo que no segundo semestre de 2019 a taxa era menor, registrando apenas 52,6%. O INE indica que houve um aumento de desempregados nessa faixa etária que foi 24,5 mil indivíduos no quarto trimestre, saindo de 2,9 no terceiro semestre para 2,9 milhões, no último trimestre de 2022. Quanto à faixa etária dos

15 aos 25 anos foi de 39,6%. E que a taxa de emprego nas mulheres foi de 38,7%, e para os homens foi de 40,6%.

Gráfico 3 – Taxa sobre o desemprego juvenil em Angola.



Fonte: INE.

O desemprego afeta 59,2%, dos jovens em Angola, sendo que a maior parte das famílias angolanas encontram-se na economia informal, e que é daí vem a principal fonte de renda. Compreende-se que 81%, da população empregada na sociedade angolana, são mulheres ocupando 90%. Concernente aos jovens o desemprego aumentou 5%, ao passo que a variação trimestral foi de 2,7%. A nível nacional a taxa de desemprego teve o mesmo percurso, ao registrar um aumento de 7,9%, referente ao segundo trimestre e 0,4%, e já no terceiro trimestre se fixou-se nos 34,1%. Esse olhar é referente a comparação do trimestre de 2021 e o trimestre de 2020, (Dungue, 2021). Para Salomão (2015), aborda que assuntos ligados ao desemprego apresenta uma apreensão para a condição econômica de qualquer país em situação de em desenvolvimento, como é o caso de Angola que o desemprego vem afetando vários setores, e que também é visto como uma das principais causas do elevado índice da pobreza, fome, miséria, prostituição, e do fenômeno da criminalidade em várias comunidades, em particular Angola, em que esses casos tendem a subir a cada dia em várias localidades do país, colocando assim diversos jovens, famílias vulneráveis fora do mercado de trabalho quer seja de caráter público ou privado.

CAPÍTULO III – PESQUISA EMPÍRICA

Neste Capítulo III procuramos trazer detalhadamente as histórias e trajetórias de vidas de cada indivíduo participante a partir de diversas informações coletadas em relação à educação, emprego, afinidade e oportunidades em obterem uma determinada coisa, como discutido na parte metodológica. Sendo que cada um/uma têm percursos de vidas diferentes que variam de cada espaço geográfico, embora é perceptível também aspetos comuns entre vários sujeitos participantes direto no estudo. Muitos jovens angolanos têm enfrentado diversos problemas sociais em Angola, sobretudo em acessos essenciais para a sobrevivência dos mesmos em uma sociedade desigual. Independentemente de vermos um esforço maior por parte do governo angolano no âmbito da educação, saúde, e no acesso ao emprego em zonas rurais como urbanas. Mais que é uma das causas que leva muitos jovens angolanos em desespero pode ser entendida pela falta de oportunidades de empregos no mercado formal e que tem sido um dos impactos na vida dos mesmos e provocando assim a vulnerabilidade financeira e aptidões diferenciadas deve ser também por um obstáculo para a juventude na comunidade angolana.

Acredita-se que por falta de meios financeiros faz muitas vezes para que esses jovens abandonem a formação acadêmica e acabam procurando ou entrando em serviços precários e provisórios. É importante frisarmos que a taxa de desemprego em Angola no seio dos jovens e bem como das suas famílias é alta, onde a juventude tem buscado empregos de qualidade e permanentes para assim contribuir no crescimento econômico do país. E que concernente a esses desafios enfrentados por vários jovens angolanos e bem como os jovens participantes na nossa pesquisa, um dos entraves estruturais e os impedimentos socioeconômicos tendem ser um dos obstáculos para o cumprimento dos interesses. Portanto, como já argumentado na parte metodológica do campo de estudo no princípio, muitos dos participantes na pesquisa carregam sentimentos comuns e histórias e trajetórias de vidas idênticas, mesmo sendo de localidades diferentes.[19]

[19] É de extrema importância mais uma vez aqui ressaltar que os nomes aqui abordados na pesquisa como Batista, Mateus, Madalena, Levi, Filipe, Zelote, Judas, Sara, Tadeu, Davi e João, são nomes atribuídos a cada indivíduo participante e onde procuramos manter em anonimatos os seus nomes verdadeiros, isso se dá também pelo fato de pedidos de alguns entrevistados em não expor os seus nomes na pesquisa e que gostaria ser identificado de forma anônima. Por esse motivo acreditamos que é importante apresentarmos dessa forma para não ferir a sensibilidade dos participantes em causa.

3.1 Trajetórias e modo de vida dos jovens participantes na pesquisa

A juventude angolana enfrenta diversos desafios, e é visível a sua participação social e política na construção da sociedade angolana em diversas esferas, mas de que os mais velhos desconfiam da representatividade dos mesmos na busca de melhores condições para o país. Nesse olhar que se tem sobre os jovens como um processo de construção para o futuro, para o seu enquadramento na fase adulta, onde em muitas das ocasiões acaba pondo os jovens na possibilidade de poder participar de forma ativa, em tomar decisões, embora, que a camada juvenil é vista como sujeitos de direitos, onde muitas vezes não são vistos como sujeitos políticos, aquele que tem a capacidade do exercício da sua cidadania na comunidade, em colocar as suas opiniões (Chioia e Moreira, 2015). Segundo Oliveira (2011), afirma que durante muitos anos, os jovens angolanos têm enfrentado vários impactos ou constrangimento que a sociedade angolana atravessou com a guerra civil e vem passando também na contemporaneidade pela a situação alarmante da crise que atravessa em todo território nacional, provocando assim a desigualdade, pobreza na vida desses jovens.

> Toda trajetória é então orientada pelos itinerários sociais, bem como por rumos assumidos a partir de ações deliberadas pelos indivíduos. Considera-se que a trajetória juvenil representa um ponto chave para a compreensão da sociedade. O destino dos jovens é um reflexo, uma sombra, do destino alcançado pelos adultos, pelas pessoas de gerações anteriores. Indica o rumo de processos sociais que são contínuos no tempo, expõe a "reacomodação" geracional humana sobre a estrutura social existente. Na sociedade contemporânea, essa reacomodação é tida como menos determinada, embora não esteja livre dos constrangimentos estruturais. A noção de trajetória de vida juvenil é então compreendida a partir de um conjunto de percursos sociais compostos de experiências de vida expressas por meio de narrativas que expõem rumos e projetos de vida assumidos pelos indivíduos jovens. Os rumos ou direções assumidas nas trajetórias alteram ou ratificam sentidos assumidos pelos indivíduos frente aos seus percursos e, assim, são compreendidos como produtos da ação reflexiva e projetada por esses sujeitos frente às possibilidades de vida, representando um "futuro possível e desejável". A noção de "futuro" mais adotada para compreensão das trajetórias juvenis não se fundamenta em especulações decorrentes de questões colocadas aos jovens por perguntas ao final de uma entrevista, como: "o que você pretende fazer de sua vida?". Relaciona-se à noção de "projeção para o futuro" que representa na prática os pontos de inflexão no decorrer dos rumos de vida, que expressam projetos assumidos pelos jovens durante um determinado tempo de suas vidas (Marinho, 2017, p. 37-38)

A trajetória de vida dos jovens é impactada com perspectivas de sentimentos morais positivos ou negativos isso desde o seu processo de vida desde a infância até chegar à idade adulta, é nesse período que muitos encaram de um outro lado a vida difícil sobretudo na busca

de reconhecer-se como um ser, mais várias vezes esses questionamentos que da juventude é pelo fato desses sofrerem inúmeras vezes a exclusão e marginalização.

Ozella (2003), realça que a individualidade e a solidariedade são especificamente valores subjacentes e entrelaçados e nos afazeres da camada juvenil, que acaba lhes tornando os únicos responsáveis pelos seus atos, quer seja, em ações positivas ou negativas em sua determinada atividade. Para Rizzini (1993), uma sociedade heterogênea, as questões que dizem respeito aos fenômenos da pobreza, e a miséria acabam sendo um dos fatores que atinge normalmente às crianças, adolescentes e aos jovens, onde os mesmos perdem os seus direitos de proteção e de assegurados. Sendo que muitos desses acabam escolhendo as ruas como o meio propício para lá estar, sobretudo em zonas urbanas, como se fosse o seu espaço de construção de vida. E olhando para essas vicissitudes da vida, vemos que muitos dos jovens inclinam-se para o alcoolismo como um meio mais estratégico para se diminuir a situação de exclusão social e degradação social, de igual modo em reduzir os sofrimentos vividos no seu quotidiano.

De acordo Tati (2009), a camada juvenil é a mais prejudicada diante a esse fenômeno, tornando-a refém das condições socioeconômicas vivenciadas, onde há poucas possibilidades na distribuição de bens (consumo), em relação às políticas públicas e sociais para sintetizar as desigualdades e situações de pobrezas em Luanda. Na implementação de escolas, centros de formação profissional, bem como em centros de saúde. Em relação a essas facetas sobre os jovens angolanos, Castro (2011), aborda que os jovens encontram-se em fase de aprendizes, onde têm buscado o seu posicionamento no seio das sociedades, a fim de que sejam aceites como são, como se os mesmos não soubessem deles mesmos e muito menos do mundo, onde os jovens deveriam mostrar-se subalternos diante as gerações anteriores a dela.

Imagem 6 – Manifestação em Luanda sobre a miséria.

Fonte: Borralho Ndomba/DW, 2023.

Segundo Ianni (1968) Mannheim (1982) e Foracchi (1982), apud Tati (2009), entendem especialmente que os jovens que estão no mercado de trabalho como categorias sociais. Tati (2009) faz uma contextualização da visibilidade como categoria social da sociedade angolana, e na procura de vários processos de preparação de suas semelhanças, quer seja, em vinculação direta com a cultura, lazer, trabalho e a família. Onde também busca-se perceber os vários modos de socialização e sociabilidade da juventude angolana, esses que são filhos de uma classe trabalhadora, camponesa e militares que moram nas periferias de Luanda, que exercem as suas atividades no mercado informal, e que contribuem indiretamente na contribuição da economia do governo angolano. E para o autor, essa construção de socialização da juventude tem acontecido automaticamente de seu discernimento, e atribuindo a sua família e ao grupo que está inserido, sendo “excluídos do ensino escolar”, engendrado para os padrões de vida civilizado e campestre, para as obrigações que não precisam de instruções e nível de escolarização que atravessa trajetórias e modos de vida.

Imagem 7 – Manifestação em Luanda sobre o desemprego.

Fonte: DW/B. Ndomba, 2018.

Entende-se que a trajetória de vida da juventude angolana na capital de Luanda pode ser compreendida como processo de preparação, "com base nas suas caraterísticas pessoais, informações, experiências, políticas públicas e oportunidades propiciadas pela família, grupo, comunidade e contexto social" (Pais, 1999, p. 177). Compreende-se que é com base no modo de vida de cada um indivíduo que se refletem as suas ações enquanto pessoa, em particular os jovens que são caracterizados a fase que está em processo de (re)construção das suas ideias enquanto participativo da idealização política. Percebe-se que os jovens em sua plena ação de progresso biológico, social e da psique, onde comportam a vontade do conceito da sua trajetória e modo de vida, pessoal, acadêmico, profissional e familiar, e pelas características aqui mencionados deste ciclo, os coloca a submeterem-se a outros papéis de suas referências, de igual modo na busca de uma vida autônomo.

> De uma posição política e ideológica, embora o discurso político veja, os jovens angolanos que vivem em situação de precariedade e dependente do comércio informal, da mesma economia do mercado. Contudo neste sentido, que são nomeados excluídos em diferentes categorias, tais como as populações de rua, desempregados, empregadas domésticas, pobres, os que habitam a periferia, migrantes, os que habitam os morros, os que têm baixo grau de instrução, escolarização e os que sobrevivem do trabalho informal. As constantes referências a fragilidade das condições de vida dos jovens sugerem a necessidade de intervenção pública, com o estabelecimento de políticas que visem atenuar os problemas e a situação desses indivíduos em concertação com todos os setores que lidam com políticas dos jovens e crianças, com estratégias para diminuir o trabalho infanto-juvenil e a precariedade dos jovens do município do Cacuaco (Tati, 2009, p. 28).

Concernente essa questão da exclusão social da juventude como dos demais membros na sociedade, Nascimento (1994), aborda que:

> Na mesma exclusão social os indivíduos tornam-se, em primeiro lugar, desnecessários economicamente. Perdem qualquer função produtiva e passam a se constituir em um peso econômico para a sociedade (do mundo do trabalho) e para o governo. Em segundo lugar, com estas mudanças sociais ocorrem transformações nas representações sociais a respeito destes indivíduos. Pois os mesmos não são apenas objeto de discriminação social. Aos poucos passam a ser percebidos como indivíduos socialmente ameaçados e, por isso mesmo, passíveis de serem eliminados (Nascimento, 1994, p. 36).

A exclusão social da juventude luandense inclusive comporta a responsabilidade "de demarcação, risco e desenquadramento social" (Pais, 2002, p. 15). De acordo Juvêncio (2002), os jovens em situações de vulnerabilidade social que sobrevivem do mercado informal são vistos a partir de um olhar marginalidade no centro da economia formal, o que pode levar o indivíduo a viver a ambiguidade em confraternização com a incerteza, não pelo fato destes não fazerem parte na caixa social do governo ou em assistência médica de alta qualidade, que são provenientes pela não inserção no mercado de trabalho. Sendo que o mercado informal agrupa diversas tarefas, e pelas variadíssimas formas de inclusão no trabalho formal, excluindo assim aqueles que trabalham de forma parcial ou ilegal como é visto pela sociedade.

> A inserção precoce no mundo do trabalho informal é um fator vulnerável em situação de desfavorecimento e pobreza ao invés de minimizá-la e superá-la. O impedimento da premente necessidade de assegurar a sobrevivência dos jovens e da família prejudica. Não há escolas formais e nem profissionais que estejam adequadas a essa situação de trabalho, restringindo seus horizontes profissionais em ocupações desqualificadas e desvalorizadas, embora a ausência de escolas com atividades que exercem possibilita dignidade dos jovens no mercado (Tati, 2009, p. 30).

Diante a essa perspectiva do autor, percebe-se que a inclusão no mercado informal, é um elemento caracterizado pela vulnerabilidade socioeconômica, em situação as pessoas que se encontram em extrema pobreza e que acaba principalmente não reduzindo esse fenômeno, que tem assolado vários indivíduos, em particular a sociedade angolana. E que um dos impactos é ausência de centros profissionais (cursos técnicos), que possa ocupar os jovens em atividades laborais, isso, influencia na exclusão dos mesmos.

Em relação ao trabalho informal, para Vaz (2018), afirma que:

> O conceito de trabalho informal é polissêmico e banhado de muitas controvérsias e interpretações, e muitos dos seus usos trazem conclusões vagas, imprecisas, reducionistas e retrógradas, que ao em vez de explicarem bem o fenômeno em diferentes realidades locais, a categoria como concebida e muitos dos critérios e

> dimensões aplicados para estas explicações acabam por se direcionar a uma perspectiva muito abstrata e universalista. E em muitos casos, com base em resultados superficiais e precipitados, como foi o caso do uso daquela categoria encetada no continente Africano por parte da pesquisa da Organização internacional do trabalho (OIT), e uma que passou a operar como marco inaugural, ou uma espécie de protótipo do conceito "setor informal" dentro deste campo de estudos sobre informalidade, e da que maior parte de estudos passaram a partir, seja para o replicar, criticar ou avançar a partir dela (Vaz, 2018, p. 69).

Em várias sociedades caracterizam-se o trabalho informal como um emprego menos valorizado e que atravessam várias controvérsias diante, isso a partir do próprio salário que é pago no funcionário, embora cada comunidade ou país as realidades expressam de formas diferentes, e que essa atividade várias vezes tem recebido diversas críticas pela sociedade civil e não só pela forma que o mercado informal foi e tem sido menosprezado até nos dias atuais. Segundo Tati (2009), a falta de um trabalhado adequado, leva os jovens a ingressarem para o mundo da violência, na criação de grupos (gangues), e organizações (bebidas alcoólicas, drogas "liamba ou maconha", prostituição), exercendo assim uma atividade de caráter informal. No entanto, concernente à trajetória de vida, apoiamos na ideia de Bourdieu (2010), que acredita que a vivência é entendida como um percurso, um sentido ou uma direção em que os seus vínculos dizem respeito aos seus vícios ou em virtudes. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística-INE (2020), afirma que o contexto social dos jovens angolanos consiste a um problema que necessita uma enorme atenção, dada a sua percentual participação, e por conseguinte em se configurar em uma das fases da vida mais alarmante em que o sujeito procura em constituir família, e a busca da asserção no mercado de trabalho no âmbito profissional, tendo uma ligação direta ao acesso à educação de qualidade, saúde, emprego, moradia, e espaço de lazer. Como se constata no relato de um dos sujeitos da pesquisa entrevistado:

Batista – História, trajetórias e modo de vida

Batista é um jovem de angolano de 21 anos, residente no bairro da estalagem, quanto a sua trajetória de vida até aos dias atuais ressaltou que já enfrentou várias dificuldades, mas que atualmente a sua ocupação é na música, que lhe faz a realizar essa atividade é mesmo pelas ambições da vida, pelo fato do mesmo não ganhar nada até ao momento, ele não trabalha e não tira nenhuma recompensa com o que faz mas que espera ganhar. Das diversas dificuldades que Batista enfrentou foi mais pela falta de apoio financeiro que lhe permita agravar as suas músicas, sendo que é daí sairia o sustento dele, mas que diante das dificuldades que ele passa

quem o ajuda para amenizar essa falta tem recebido ajuda direta da sua mãe e não só de pessoas próximas como também ajuda proveniente de amigos e vizinhos da sua confiança. Segundo com o Instituto Nacional de Estatística-INE (2020), compreende-se que a difícil inserção no mercado de trabalho na comunidade angolana, a cada dia a dia que passa vem sendo um dos debates que a muito tem preocupado a sociedade e que também é um dos assuntos que tem preocupado os cientistas sociais e bem como governo angolano. A procura de empregos tem sido um dos grandes desafios para a camada juvenil, onde buscam incansavelmente. É importante que se crie centros de formações profissionais que sirvam de ocupação para os mesmos na sociedade em que está inserido. E é um dos desafios pontuado pelo nosso interlocutor Batista, em que se compreende na falta de emprego e nas ausências de oportunidades, que lhe possibilita a realizar os seus sonhos, ainda mais quando vêm de famílias sem condições financeiras com o foco a dar suporte a um dos seus membros, é por esse motivo que muitos jovens acabam entrando para ao mundo criminalidade ou praticarem outros tipos de violências. É necessário que o Estado implemente políticas de empreendedorismo juvenil, a fim de melhorar a educação e habilidades para o emprego. Com intuito de reduzir o desemprego, pobreza e a exclusão social que esses jovens têm enfrentado.

Vícios e Práticas ilícitas

> *Quanto essa questão de vícios ou se um dia já fui preso, espero nunca estar na cadeia e também não pratico nenhum vício, e simplesmente consumir bebida alcoólica não sei se também poderia se configurar em drogas mais creio que é, salientando que bebo sempre porque sei que é prejudicial à saúde, e falando que eu convivo com pessoas que têm vícios em minha volta, como o uso excessivo de álcool, tabagismo, liambas ou mesmo outras drogas, na minha família e também amigos meus, quando eu tomo a cerveja automaticamente o meu estado mental muda, deixo de ser uma pessoa normal, mais não gosto dessa vida porque não é bom, normalmente bem quando eu estou sério, onde consigo raciocinar melhor, e refletir mesmo em coisas positivas que eu tenho e quero na vida* (Batista, 21 anos, setembro de 2023).

Batista demonstra na sua fala que não se considera como um viciado o fato de consumir bebida alcoólica (especificamente cervejas), e que não sabe se isso se configura em drogas e que consome muito. E percebe-se que sua noção de que o consumo de bebidas alcoólicas no organismo do ser humano é prejudicial e que em sua volta existem várias pessoas próximo a ele (família, amigos e vizinhos) que têm vícios de vários tipos de drogas uma delas seria o uso excessivo de álcool, embora na sua fala fica evidente que ele não considera bebidas alcoólicas como drogas, depois ele demonstra que faz parte, e que além do mencionado tem também

pessoas que fazem o uso da maconha, tabaco e de igual formas outras drogas que poderíamos caracterizar pesadas. Diz que quando consome cerveja o estado mental dele já não é o mesmo e que se transforma em outro ser, ele compreende que não é uma boa vida um indivíduo a seguir e que só consegue ter um controle da sua psique quando sóbrio, segundo o relato de Batista.

> *Bem o meu conselho é que não se metam em meios impróprios ou meios que tu sabes a usos excessivos de drogas, porque isso mesmo que você não quiser consumir tarde ou cedo serás obrigado a consumir, então devemos nos afastar desse meio, e falar aos jovens que isso não faz bem é prejudicial à saúde, porque se nós ficarmos dependente da das drogas, aquilo faz com que a nossa família sofra também, então eu a conselheiro a todos jovens a não se meterem nesse mundo das drogas. Para aqueles que usam em se abster dos meios em que estão inseridos, e depois o segundo passo que eu aconselharia é eles procurarem uma ajuda de um agente profissional ou na família, acho que é isso que eles deveriam fazer. E acredita-se que a falta de escolaridade influencia os jovens a ingressarem na delinquência e no uso excessivo de drogas. São fatores que influenciam muito cá em nosso bairro e não só, e das violências que nós temos vivenciados muito em nosso bairro e também é muito pelo ao não acompanhamento dos pais para com os seus filhos. Porque a pais que vão trabalhar e só chegam meia noite e quando chega janta e vai descansar e nem sequer se preocupa em saber como o filho passou o dia e nem sequer sabe o que o filho fez durante o dia e com isso o país devem ter muita atenção para com os filhos, é importante sabermos o que o nosso filho faz em casa e fora de casa para nós podermos termos um acompanhamento com eles, e essas rotinas dos pais é complicado porque não sabem quais são as práticas dos filhos lá fora. São situações que acontecem quando o pai só recebe a notícia que o seu filho fez isso, pelo fato dele não estar presente. Também aconselhar alguns pais e jovens, a partir desses padrões já mencionados, principalmente a fome que influencia vários jovens a se drogarem e a serem delinquente e que não sejam um fator muito forte a eles a ingressarem nesse mundo porque e nós devemos procurar sempre formas ou outras saídas, tem vizinhos se tu ires deitar o lixo dele, ele pode te dar qualquer coisa para você comer ou um dinheiro para comprares alguma coisa, porque não podemos pôr aqui desculpas de tipos fui roubar porque em minha não tinha nada para comermos, acho que isso não é uma desculpa, acho que é procurar uma desculpa para tentar cobrir o que tu fizestes, acho errado.*

Batista deixa um conselho aos jovens angolanos que estão envolvidos e aqueles que não estão de que devem procurar não estarem em locais inadequados ou mesmo em locais que onde tem pessoas que fazem uso de drogas, porque mais você continuar nesse meio te dará vontade de fazeres o uso do mesmo químico e que é necessário que os jovens saem desse espaço para não acabarem entrando, porque são ações que futuramente possa lhe criar vários problemas de saúde, e um dele é o tuberculose e para aqueles que fazem o uso da mesma deixaria irem nesses sítios e depois devem os mesmos procurarem ajudas de outras pessoas que possam em lhe ajudar a sair dessa vida como um agente social, a família, a igreja ou mesmo pessoas do seu círculo que não o uso, percebe-se que mesmo ele fazendo o uso de bebidas alcoólicas reconhece que é prejudicial à saúde. O interlocutor reconhece que a falta de acesso à educação de qualidade pode ser também um dos meios que faz com que esses jovens entram no mundo da

criminalidade e que é muito visível em seu bairro porque muitos desses jovens nem sequer estudam ou mesmo trabalham e que deixa uma crítica aos pais, na qual tem país que não dão atenção nos filhos e nem sequer se preocupa em poder como está o seu filho e o que faz quando está na rua ou mesmo em convívios com os seus amigos. É necessário que os recobrem as suas atenções aos seus filhos e filhas embora eles também trabalhem. E que um dos problemas é a falta de emprego, fome que faz para que procurem meios mais fáceis.

Mateus – História, trajetórias e modo de vida

Mateus é um dos moradores do bairro da Estalagem, tem 23 anos de idade e trabalha como professor, e exerce essa atividade pelo fato de ter as suas necessidades e que estar parado com certeza passaria por imensas dificuldades é bom sempre procurarmos em realizar uma atividade. Mateus realça que é necessário irmos atrás dos nossos objetivos e que viu a atividade de ser professor como uma das vias, e que isso se deu por o país não ter várias ofertas de empregos no setor formal. Afirma que no seu salário não existe quem depende mas que tem procurado ajudar quem precisa mais concretamente em casa do seu pai e que embora ele tem procurado ajudar ressalta que o salário que ele ganha não dá para satisfazer as vontades básicas dele e que quando passa por necessidades têm procurado a família e os amigos mais chegados. Um dos pontos importantes na abordagem de Mateus é quando diz que gosta da vida que tem, mas não é o que ele gostaria de ter.

E percebe-se uma tristeza em sua fala que até ao momento com a idade que tem não conseguiu alcançar nenhum dos seus objetivos ou metas, em que se ele alcançasse as suas metas acredita que deveria concretizar uma boa parte dos seus sonhos. E que a única coisa é aceitar a vida que tem porque não tem outra coisa a fazer. Por exemplo diz que é professor, mas que também é um jovem, mais não como um qualquer, argumenta que faz parte desse bairro ou gueto mais que não rouba porque não escolheu essa vida e independentemente das circunstâncias que passa não o fez seguir outro rumo da vida, mesmo não ganhando bom salário, em não se meter em drogas porque aceita a sua vida, e procura sempre em fazer algo que possa lhe ajudar no mínimo, não vê solução em drogas e nem nas delinquências. Segundo Queiroz (1988), aborda que a história de vida de qualquer indivíduo se compreende através de relato ou de experiências vivenciadas pelo narrador concernente à sua existência, onde busca reconstruir as ocorrências que passou.

Vícios e Práticas ilícitas

> *As drogas alteram o nosso ser em algumas pessoas lhes faz bem, por exemplo a pessoas que são doentes e tem que tomar alguma coisa que possa lhes controlar para se sentirem bem, porque existem vários tipos de drogas, eu sei que droga é aquilo que altera o nosso sistema, sim mas aqueles tipos de drogas que podem a nos levar a fazermos coisas piores. Eu aconselho aos jovens a não usarem as drogas porque as dois problemas, um contigo próprio e também com as pessoas que estão ao seu redor e bem como com o Estado, porque a pessoa quando faz o uso da droga o sistema é alterado, e pode fazer algo pior como alguém que fuma ou que usa outro tipo de drogas como injetáveis, pode chegar a fazer assaltos ou roubos e aí pode chegar a ter problemas com o Estado sobretudo com a polícia, e isso não é bom porque o Estado sempre ganha, aconselho a beberem um pouco de cerveja ou vinho para acalmar, mais não drogas que possam a te levar a fazerem coisas piores ou melhor não e também a pessoa que se ama ele pode se rever a não fazer isso e não aconselho ninguém. Para as pessoas que já estão e querem sair é uma boa decisão e não é bom estar a praticar estas práticas e devem procurarem meios de como saírem dessa vida e deixar de se associar com pessoas que fazem tal uso e procurar também psicólogos ou um conselheiro e também ter um acompanhamento familiar ou mesmo médico para poder sair dessa vida porque não é boa (*MATEUS, 23, Viana, 22 de setembro de 2023).

Argumenta Mateus, que nunca foi preso mas que já teve um dia que foi levado para delegacia isso foi através de um conflito. E que consome simplesmente em festas de famílias e com amigos, para beberem as vezes fazem contribuições onde cada pessoa tira um determinado valor e aí compram algumas cervejas, salientando que o álcool estimula a nossa mente, e que quando ingerem as cervejas automaticamente eles não sabem se bebem para o bem ou para o mal por ser relativo e cada um senti os seus sintomas e os comportamentos de cada um é diferente. A aborda que em relação a frequência de consumo que faz é muitas vezes por diversão porque se sente bem. E que diante as drogas ele afirma que existem vários tipos de drogas e que além daquelas que fazem mal saúde mas também aquelas que servem como controle dos indivíduos que estão e precisam desses remédios para o seu tratamento e enquanto tem outros que usam para fazerem mal as pessoas. E qual conselho você deixaria para os jovens que estão inseridos em práticas ilícitas? Ele orienta que os jovens não consomem nenhum tipo de drogas porque pode trazer dois problemas, um é consigo mesmo e também aos outros a seu redor e também entrando em conflito com o Estado. E que o único conselho que deixa a não um consumo excessivo é beberem simplesmente um pouco de cervejas ou vinho e não em drogas que pode te levar a fazeres coisas piores. E para quem já está com certeza que é uma decisão quando parte dele o interesse em deixar. Em relação a essas situações no que toca aos vícios que Mateus apresenta, de acordo com a ANGOP (2022), aborda que o elevado consumo demasiado de bebidas alcoólicas e bem como em drogas, especificamente em jovens e

adolescentes, é cenário que preocupa as famílias, escolas e as autoridades competentes. Essas práticas têm destruído diversas famílias angolanas. É muito recorrente hoje em dia, vermos adolescentes e jovens inclinados em práticas ilícitas ou no vício de consumo de álcool, cigarros e liambas (maconhas), que vem a comprometer o seu futuro, e que esses atos são mais praticados particularmente em Luanda. Onde muitos desses adolescentes ou jovens consumidores realçam que são vários motivos que os leva a essa vida, como vemos nas abordagens de vários autores/as e em particular dos nossos entrevistados que nas suas falas abordam várias vezes, em que para alguns é mesmo para esquecerem dos problemas, e também pela falta de oportunidades que encaram no seu cotidiano. É importante pontuarmos que problemas sociais levam ao vício.

Madalena – História, trajetórias e modo de vida

Madalena é uma jovem de 22 anos de idade mora com os seus pais no bairro da estalagem no município de Viana, e mora com os seus pais e irmãos na mesma casa, a sua trajetória atualmente é venda de cervejas e outros tipos de bebidas, em casa dos seus pais onde ela comercializa o seu negócio e o que ela ganha tem tirado um valor para ajudar na alimentação e também ajuda os seus irmãos, ela diz que embora ela se encontra numa idade que seria os seus pais no sustento dela porque de fato estaria estudando, mas como eles não têm também a única forma é fazer essa atividade. Madalena exerce essa atividade já a 3 anos, em que começou com os seus 18 anos de idade, por não ficar também sem fazer nada foi a única solução olhar nesses horizontes do que ficar com fome e não ter para onde ir, ainda mais em Angola onde a crise econômica tem sido um dos grandes problemas para várias famílias. E terminou o seu ensino médio mais infelizmente não tem emprego formal por esse motivo ela decidiu começar muito cedo com esse negócio que também não sai muita coisa, e que já procurou diversas às vezes emprego na cidade nos centros da cidade de Luanda, o mais triste na fala de Madalena é que os empregos que ela encontrava ou encontra as pessoas que querem te empregar primeiro querem dormir com a pessoa como se a mesma fosse uma garota de programa e que isso jamais ela aceitaria ou e que várias vezes foi lhe pedida um dinheiro para ser empregada no mercado de trabalho e que isso para ela não pode ser a melhor via para se conseguir um bom emprego. Para ela o governo é o culpado de tudo isso que está acontecendo em Angola desde o momento que não cria programas de políticas públicas de inclusão de vários jovens que estão na busca

do primeiro emprego e não só, por esse motivo muitos jovens aqui em Luanda se tornam bandidos ou mesmo bêbados por não terem nada para fazer.

> *Se você girar ao redor daqui do meu bairro te vão roubar as suas coisas e isso é a pura verdade Kota, aqui tá perigoso, e esses jovens que estão roubando muitos deles não trabalham e moram em locais sem condições e nem sequer os pais exercem uma atividade, isso é muito triste o que está acontecendo no nosso país, falta de escolas, saneamentos básicos de qualidades já não se fala porque nós não temos. Que nós temos passado dificuldades. Tipo falando do meu caso eu faço esse negócio por necessidade mesmo. O produto que vendo consigo também em um mercado onde faço as compras e como lucro não é tanto, por média pode ser 2000.00 mil kz, e o meu negócio é por conta própria e que além desse trabalho não tenho um outro não. Frisando que embora passamos por essas dificuldades com o dinheiro que ganho consigo satisfazer as minhas necessidades, mais que não são todas, onde ainda encaro dificuldades para conseguir outras coisas, que eu gostaria ter mais não consigo (*Madalena, 22 anos, 27 de setembro de 2023).

A nossa entrevistada Madalena, em relação ao caso de violência no seu bairro fala que cada dia que passa o caso da criminalidade tem aumentado e que tá muito perigoso, de acordo a nossa participante muito desses jovens roubam porque não trabalham e nem fazem cursos profissionais e na sua maioria moram em regiões que apresentam condições precárias e que uma situação muito triste que vem acontecendo no nosso país porque não é só no meu bairro, falta de escolas, saneamentos básicos de qualidade. Em sua fala demonstra que muita gente passa por dificuldades, embora ela passe é muito diferente de quem não faz nada ou não tem ninguém para lhe ajudar. Oliveira (2011, p. 167), argumenta que "as dificuldades de acesso ao mercado de emprego formal levam muitos jovens a elaborarem estratégias de sobrevivência, ligadas sobretudo ao sector informal, bem como à prática de atividades ilícitas e criminais, sendo muitas vezes referidos como "bandidos", "criminosos", "gatunos". De acordo INE (2020), ressalta que a questão de segurança pública no país, sobretudo na capital dos dias atuais, é um dos problema que tem preocupado e tirado o sono da comunidade, pela insegurança que essas localidades têm passado ou vivenciados, e que acredita-se que o desemprego no interior da camada juvenil vem sendo uma das principais causas ou prováveis do aumento da alta taxa de delinquentes que operam de diferente formas na sociedade em geral, e especialmente na província de Luanda em que apresenta um índice alto de criminalidade, diferente de outros pontos do país.

Poderias de que forma você consegue o negócio que vendes e quanto ganhas por dia? Madalena ressalta na sua explanação que a sua compra tem pegado nos mercados ou mesmo em locais autorizados para a venda das bebidas que ela comercializa que em média ganha em torno de 2000,00 kz, reforçando que o exercício da sua atividade é independente. E que o

dinheiro que ela tira ou o lucro é de que não é muito mas que já dá para satisfazer as suas necessidades mas não no seu todo, e que embora ela fazendo o seu negócio em casa e não pagar imposto mesmo assim ainda tem encarado diversas dificuldades no seu dia-a-dia. Como ela já abordou até aqui, a nossa participante diz que do dinheiro que ela ganha ajuda a sua família, uma vez que o seu pai trabalha numa empresa de segurança privada e o seu salário é muito baixo e simplesmente 40.000,00 kz e que isso é algo que não chega para nada para quem tem filhos e filhas para sustentar e já sua mãe o negócio que ela faz também não serve e quase o que ela vende só se coloca na comida e ela também. Madalena continuou dizendo que uma das principais dificuldades que ela tem passado é a falta de dinheiro para aumentar o seu negócio, mas sua mãe tem sido umas das mulheres mais importante da sua vida porque sempre que faltar dinheiro para comprar a sua mercadoria é sua mãe que dá mesmo não tendo muito também.

> *Nunca tive nenhum problema com a polícia porque até aqui não tem mesmo nenhum posto fiscal a funcionar, caso a polícia chegue é para nos roubar dinheiro dizendo que tem que parar de vender por não ter nenhum documento que autoriza, aí quando você dá a famosa gasosa (dinheiro), eles vão como se nada tivesse acontecido. Penso em continuar a fazer esse negócio mais desde que seja algo melhor para mim, porque não gostaria ficar só estando nessas atividades, gostaria de um dia trabalhar no Estado. Já procurei vários empregos mas nunca encontrei parece mentira mas é a pura verdade ou seja nunca fui chamada, não sei se é pelo fato de ser mulher e por esse motivo não sou chamada ou mesmo pelo fato do país não ter emprego. Para melhorar as nossas condições de vendedoras ambulantes ou mesmo de quem vende em casa, o conselho que deixo ao nosso governo é que deveria pôr mais mercados, e implementações de políticas públicas e mais organização mesmo, porque aqui é algo que não tem mesmo, e nem sequer temos mercados apropriados para vendermos, a única solução é fazermos o nosso negócio (Madalena, setembro de 2023).*

Diante desses pontos apresentados por você sobre a sua vida e de quem está ao seu redor, você gosta da vida que tens? E se não me diz o porquê? A nossa entrevistada ressalta que não gosta da vida que tem, através das dificuldades que têm atravessado no seu cotidiano e que gostaria de ter um emprego que lhe permita a realizar outras atividades até mesmo em entrar em uma universidade para fazer o ensino superior.

Vícios e Práticas ilícitas

> *As desigualdades econômicas no nosso país são enormes e a maior parte da população angolana está desempregada e você tem acompanhado isso aí. E para aqueles que querem mudar de vida precisam de dedicação e foco, e procurar andar com pessoas boas e não com pessoas que fazem coisas ilícitas, porque enquanto andar com essas pessoas será difícil em deixar, não estou menosprezando as pessoas que usam mas sim falando a pura verdade, porque para mim são ruins.*

Madalena argumenta que não faz o consumo de nenhuma bebida alcoólica e nem sequer faz o uso maconhas, mas ela afirma que tem pessoas próximas que têm vícios e que um deles é mesmo pai dela que se encontra nessa situação e que o seu vício está associado com o uso excessivo de consumo de cervejas e whisky, e algumas vezes também cigarro mas de que não é uma das coisas que ele consome com frequências. Ela diz que o que lhe deixa mais triste é quando o seu pai faz o consumo dessas bebidas acaba faltando respeito dos filhos, da sua mãe e dos clientes que consomem em sua casa. Madalena argumenta que embora ela vendendo nunca lhe veio na ideia de beber cervejas e a partir do que ela vê no seu pai acredita que não é boa coisa porque a pessoa acaba apresentando comportamentos negativos, porque para ela o difícil às vezes é pessoa consumido exageradamente e no final de tudo não tem alimentação ou mesmo acaba estando fraco. O conselho que Madalena deixa para os jovens que estão inclinados para criminalidades e de igual modo para os que não estão é que não se deixe se levar por qualquer pessoa, porque as drogas destroem e não é um bom caminho para os jovens e que as pessoas não podem simplesmente estarem inclinados na violência ou em uso de drogas, pelo fato de não conseguirem empregos, de que mesmo o emprego tem sido um dos desafios na sociedade encontrarmos mais devem procurar meios de como conseguir a realizar uma atividade.

Levi – História, trajetórias e modo de vida

Levi é um jovem morador do bairro da Estalagem, tem 25 anos de idade, e mora com os seus pais e irmãos e tem também o ensino médio concluído. Segundo o mesmo não existe nenhuma atividade e já procurou várias vezes empregos mas nunca obteve êxitos e que simplesmente faz entrega de telefones em vários bairros da cidade de Luanda, e que esse tipo de trabalho que exerce nunca lhe trouxe nenhum problema com a polícia fiscal, esses biscates (trabalho informal) e que com esse trabalho ou atividade é por meio dela que ele consegue ajudar os seus pais que dependem do mesmo valor que ele ganha da pessoa que lhe manda realizar essa atividade para o sustento da casa, embora essa atividade que Levi, realiza se enquadra no trabalho informal. Aborda o que mais procura até ao momento é um trabalho de qualidade e digno. O nosso entrevistado afirmou que não usa nenhum tipo de drogas e que nunca usou na sua vida e nem espera um dia, mas que existem pessoas próximo a ele que fazem o uso frequentemente. E qual conselho daria aos jovens que não exercem nenhuma atividade

laboral na nossa sociedade e que vejam o mundo da criminalidade como uma das práticas de conseguir meios mais fáceis?

> *Quanto à minha situação não uso nenhum tipo de drogas, e as pessoas que conheço fazem uso excessivo de drogas e é frequente, acima de tudo essa pessoa só faz o uso da droga por questões de motivações porque sem essas coisas não consegue fazer nada a sua volta, sim nesse sentido assim, já está na dependência das drogas né; automaticamente serve como um estímulo para realizar os seus atos. Muitas pessoas próximas a mim que usam essas coisas, dizem que se sentem tão bem, porque é a sua força maior para poderem realizar atividades quando põem essas substâncias (Levi, 25 anos, 5 de outubro de 2023).*

Deixa um conselho aos jovens que estão nessa vida do crime e para os que não estão, segundo Levi, diz que é necessário que procurem deixar essas práticas para o bem deles, e que a droga não importa qual seja deixam o ser humano ou as pessoas incapazes e ainda mais quando essa pessoa se torna independente dessas coisas, porque o tabaco, a liamba (maconha) ou mesmo cocaína são prejudiciais para saúde e diz que pela falta de emprego não ser uma desculpa para estar nesse meio que é reprovável por qualquer sociedade. Por fim, Levi, argumenta que muitas pessoas fazem uso de certas substâncias como estímulo para realização de alguma coisa. Para Fainzang (2007), acredita-se que muitos desses jovens acabam fazendo o uso de bebidas alcoólicas como meio de se distraírem sobre a exclusão social sofridas, com o intuito de diminuir os seus sofrimentos do dia a dia. Na medida que os jovens abordam sobre o excessivo do consumo de álcool, ao mesmo tempo demonstram que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, acabam afetando automaticamente o seu organismo, e que os deixa mais tranquilos e lhes dá mais força em realizarem uma determinada atividade. Entende-se que existem jovens que fazem o consumo do álcool a fim de conseguir lidar com as suas emoções, sentimentos ou vivências quer seja por perda de um dos seus membros familiares, falta de oportunidades, não ingresso na academia escolar.

Filipe – História, trajetórias e modo de vida

Filipe, é um jovem de 17 anos morador do bairro da Estalagem mora com os seus pais e os seus 6 irmãos, e faz a 8° classe, a sua atividade laboral é informal e faz o negócio na porta de casa e já vai quase a 1 ano que faz essa atividade por não ter outra coisa a fazer e que não pode roubar para satisfazer as suas vontades, afirma que faz essa atividade já desde muito cedo por não ter um pai que não lhe dá nada em que se não vender não consegue comprar as coisas

que ele quer. O mais difícil é ser de menor e já procurar fazer algo para poder se manter, Filipe fala que teve momento que ele e os seus irmãos já passaram fome porque não tinham nada o que comer, e quando havia alguma coisa era simplesmente arroz misto com peixe, e ainda mais nesse período que as coisas estão caríssimas ele diz que só o quilo de fubá está 1000,00 kz nesse momento, fez uma crítica ao governo atual em que não está conseguindo resolver os problemas no país de que a entrada do novo presidente todas coisas subiram. O negócio de Filipe, é concretamente na comercialização de bolos, e também tem um curso profissional em informática mas que nunca exerceu nenhuma atividade relacionada nessa área. Afirma que as suas compras têm sido feitas na praça da Estalagem no km 14, e também por lá ser mais e onde procura depois revender os bolos em outro valor. De acordo Tati (2009), afirma que é de grande relevância pontuarmos que atividade laboral exercido pela população jovem refletem especialmente no que viveu na sua infância, em que esses jovens ajudam nos deveres de casa já desde muito cedo, onde muitos trabalham para colocar comida dentro de casa, e que entram no mercado de trabalho muito pelas condições financeiras das suas famílias ou por crises existentes em um determinado grupo social que os mesmos fazem parte. Atividades que várias os colocam em risco, onde sentem-se obrigados a não estudarem ou a conclusão das suas formações acadêmicas. Tati (2009), ressalta que esses jovens abrem o seu negócio ou seja começam a comercializarem desde as primeiras horas do dia, embora mesmo que possa não ter um bom fluxo de clientes no dia, eles começam sempre na manhã cedo com o fim de conseguirem alguma coisa para se manterem no dia, pelo fato do dinheiro da venda do dia seguinte já ter gastado na alimentação.

> *E com a venda tenho como lucro em média é de 500.00 kz a 1000.00 mil kz por dia, não é muito mais já dá para fazer alguma coisa, mas falando a verdade não serve para nada esse valor, porque só mesmo alimentação para todos da minha casa não chega é necessário em único dia 3000.00 mil kz, porque nós somos 8 pessoas em casa, e quase tudo do ganho vai na comida porque tem que auxiliar em casa e se não auxiliar também é complicado e os meus irmãos mais velhos nem sequer fazem nada, outros perderam o emprego. Além desse trabalho não exerço outra atividade, e também não conseguiria conciliar com os meus estudos. Mas com que eu ganho diria que consigo satisfazer as minhas vontades mais são mínimas, porque as outras coisas que quero não consigo e tenho que pedir aos meus pais ou a um dos meus familiares. Do dinheiro que ganho ninguém depende mais procuro ajudar os meus pais em algumas coisas da casa (Filipe, 17 anos, 11 de outubro de 2023).*

Ressalta que enfrenta várias dificuldades, e delas é o local onde ele faz as compras das suas coisas, no mercado tem muitas águas paradas e as condições locais não são tão boas e que tem pisado várias vezes nessas águas paradas, e que acaba sendo prejudicial para a sua saúde,

e que não tem outras alternativas a não pisar, e sendo um mercado aborda Filipe, o que o governo deveria fazer é reabilitar as estradas desses bairros para que eles possam passar sem dificuldades, diz que no momento não exerce outras atividades. E que quando está necessitando de dinheiro quem lhe empresta é sua a minha mãe. Simplesmente realiza o seu trabalho sozinho, mas tem um vizinho que faz o mesmo negócio que Filipe pratica no cotidiano, mas não influencia em nada na sua venda, porque cada um está realizando o seu trabalho. Filipe diz que não pensa em continuar esse negócio porque também não é o seu objetivo e que faz simplesmente para suprir de algumas necessidades e também não lhe vier na mente outros pensamentos negativos e que quando terminar a sua formação irá procurar emprego e ele acredita que embora esteja difícil agora mas crê que vai encontrar e que mesmo com a idade que ele tem diz que já procurou emprego. Pontua que não gosta dessa vida que ele leva, porque está a sofrer tanto e cada dia que passa e que a sua família está sofrendo também e que ele não tem como gostar da vida que ele tem e que nunca se vai orgulhar, enquanto não der algo melhor aos seus pais.

Vícios e Práticas ilícitas

> *Como o estado é que devem nos dar empregos e também nos tirar desse local porque aqui estamos sofrendo muito. A minha volta tem pessoas dependentes de diversos vícios quer seja, em bebida alcoólica, liamba, cigarros, tabacos e drogas; diante a esses vícios quem tem é o meu pai que consome bastante álcool e mesmo lhe informar que é prejudicial ele não escuta que deve parar, e já duas vezes foi atropelado porque estava muito bêbado e também já estava espumando mais mesmo assim nunca deixou essas práticas, e quanto a mim bebia cerveja mais faz um tempo que deixei mais hoje já não espero mais um dia fazer porque dei conta que não é boa coisa e só nos faz gastar o nosso dinheiro e na bebida e não só não tem ganho nenhum. Salientando que não gosto dessa vida que tenho, porque eu estou sofrendo tanto e cada dia sofrendo mais e a minha família também não tem como eu gostar da vida que eu tenho e nunca me vou orgulhar, embora não passe fome como outras pessoas passam (Filipe, outubro de 2023).*

Concernente, a questão dos jovens com problemas de vícios e as práticas ilícitas que provocadas pelos mesmos, Filipe diz que consumiu bebidas alcoólicas mas que atualmente já não faz o uso da mesma, porque reconheceu que faz mal à saúde e também é mais a partir do que ele vê ao seu pai. Além do seu pai, aborda que existem em sua volta mais pessoas que são dependentes de vícios, sobretudo em bebidas alcoólicas, liambas (maconhas) cigarros e tabacos e pessoas que fazem o uso da maconha. E que o seu pai já lhe informou várias vezes para parar de beber porque está lhe prejudicando e mesmo assim não procura deixar. Mas ele argumenta que muitos desses jovens que estão na prática do crime ou mesmo os que acabaram se tornando

dependentes muitos é por falta de acesso no mercado de trabalho e por não realizarem nenhuma atividade que lhes ocupe naquele momento, e que é visível no seu bairro muitos jovens não fazem nada, estando assim situação de desempregados, e são de famílias pobres, diz o Filipe.

Zelote – História, trajetórias e modo de vida

Zelote é morador do bairro da Estalagem, tem 25 anos, quanto a sua atividade consiste na comercialização de produtos diversos. Mas está mais focado em restauração e bar. Diz que investe em bar e serviço de moto táxi. A atividade de empreender exerce a 5 anos, em que primeiro comercializa pacotes de saldos e depois foi procurando outras áreas para empreender. A razão que lhe levou a empreender, realça, foi simples, para não viver só do salário e a necessidade da procura dos produtos perante a população. Mas que no princípio era um pouco difícil, primeiro é de que está em um país em que o empreendedorismo não tem apoio dos aparelhos do Estado e o preço da compra são muito elevados, mas com força de vontade em querer criar seu próprio negócio foi mais alto conseguir ultrapassar as dificuldades. Explicou que que já faz um tempo que não estuda através mesmo dessa demanda toda, e que simplesmente o ensino médio completo e que já tentou entrar na universidade pública mas que é algo muito difícil e que na privada não tem como pelo fato que o valor é muito alto. Embora Zelote, não esteja na universidade mais tem algumas formações profissionais como por exemplo: em informática, decoração de festa, condução e gestão e marketing entre outros que tem feito, para que ele consiga algo melhor um dia e não exercer só essas atividades.

> *Os produtos que eu vendo tenho conseguido ao fornecedor próximo da minha zona com preço muito baixo. Ele me ajuda também a revender e ter um bom lucro. Os meus ganhos diários vão variar por cada produto que eu vendo mais posso dizer numa grade de cerveja e se termina durante o dia tenho ganho de 600.00 kz a 500 kz. Eu vendo as percentagens sozinho. Para além de empreender também tenho sim outro trabalho. E consigo satisfazer algumas necessidades minhas. Muita gente depende do dinheiro que ganho com as vendas, sobretudo a minha família (Zelote, 25 anos, 17 de outubro de 2023).*

As dificuldades que Zelote tem enfrentado relata que não são muitas e nem importantes porque ele transformou aquilo em oportunidade de ir à luta. Tem a ver com a transportação dos produtos de um lugar para o meu estabelecimento. A pessoa que lhe tem ajudado nos dias difíceis são seus familiares e amigos. E também tem uma colega de trabalho que é da sua região. Já teve um pequeno problema com a fiscalização por estar fora da legalização do espaço. Mas

depois de organizar toda a papelada do espaço já não teve nenhum problema com a fiscalização. Quanto ao crescimento financeiro pensa em crescer muito nesta atividade de empreendedor. Também já procurou vários empregos porque não basta só investir, é necessário trabalhar. Deve se ter uma boa organização e reeducação da sociedade no meio ambiente.

Judas – História, trajetórias e modo de vida

Judas tem 24 anos de idade e atualmente faz graduação em Filosofia, em uma universidade privada em Dom Bosco, no distrito do Palanca. Atualmente a sua atividade consiste em dar aulas. E que já vai a dois anos e meio que vem exercendo essa atividade. Relata que quando terminou o seu ensino médio já começou a trabalhar em uma empresa privada, mas que o salário não era assim tão bom mas servia para alguma coisa, para ele poder se manter e dar sustento na sua família. Mas que tem o curso de informática. Além de dar aulas, atualmente já não faz outra coisa além desse trabalho que exerce nesse momento e ganha um salário de 40.000,00 mil kz, aborda que atualmente com esse valor na nossa sociedade não serve para nada por que cada dia que passa os preços das coisas tendem a subir, antigamente esse valor servia para alguma coisa, mas atualmente nem para comprar roupa chega ou mesmo para pôr comida em nossas mesas. Resume que o seu trabalho é por conta própria porque se ele não ir trabalhar no final de tudo ele quem vai sofrer os prejuízos do desconto de um salário que já é pouco. Judas pensa em continuar a atuar nessa área desde que os ordenados aumentem.

São várias pessoas que dependem desse valor e também tem que tirar lá um valor para pagar a mensalidade da sua universidade que muitas vezes tem sido difícil, mas também não tem como parar agora a formação. Em caso de dificuldades no seu dia-a-dia, quem lhe tem ajudado às vezes são os seus pais, mas tem pedido empréstimo aos seus amigos. Já procurou emprego mais com a realidade de Angola está muito difícil, a pessoa encontrar a não ser que trabalhe nesses empregos que há mais exploração do que outra coisa e isso para Judas, ele não aceita e prefere ficar sem trabalhar, do que ser explorado. Onde procurar um emprego melhor. Segundo Judas, acredita que deveria melhorar mais em relação às nossas condições, penso que dever-se-ia valorizar mais o ofício docente, sobretudo das privadas que o dinheiro é muito pouco, e a pessoa só trabalha porque não temos mais outra coisa a fazer de melhor no momento.

> *A gente bem sabe né que a falta de um bom emprego de qualidade muitas vezes faz com que a camada juvenil acabe entrando na criminalidade e muitos não conseguem sem terem dinheiro através mesmo da própria pressão da sociedade e da sua família. Eu conheço muitos jovens que estão virados para o mundo álcool, e muitos desses*

> *não exercem nenhuma atividade, a única atividade é ficarem nesses locais ou barracas onde vendem essas bebidas e também muita gente que fumam, creio se o nosso governo cria-se centros profissionais em todas localidade da nossa cidade ou mesmo centros nos bairros de formação nos bairros ajudaria e muitos desses jovens que estão inclinados nas drogas e bebidas muitos dizem que acabaram inclinar-se nessas práticas por não exercerem nenhuma atividade que possam ganharem dinheiro e também o nosso governo como os empresários locais dificilmente disponibilizam empregos e sem labuta o que você espera sem a pessoa fazer nada ou vira bêbado ou marginal (Judas, 24 anos, 20 de outubro de 2023).*

Embora esteja falando dessas pessoas que fazem o consumo de álcool, ressalta que também faz o consumo de cerveja mais moderadamente, em momentos de festas ou quando está com os meus amigos mas que não é viciado. Segundo o nosso entrevistado, diz que diria que é um consumidor ocasional. Salienta que não gosta da vida que tem, tanto mano! Porque não consegue suprir todas suas necessidades. Nunca teve problemas com a polícia que lhe levaria a cumprir. A vida que gostaria de ter é aquela que em função do seu trabalho conseguiria realizar os seus objetivos. O conselho que deixa aos jovens angolanos que estão em maus caminhos que saíam logo porque nesse caminho só há duas saídas: a cadeia ou morte. E que a humanidade precisa do vosso contributo.

Sara – História, trajetórias e modo de vida

Sara, tem 25 anos de idade, do distrito do Zango, a sua atividade consiste em fazer tranças. Diz que exerce essa atividade desde os seus 10 anos que faz tranças, a razão que lhe fez trabalhar com tranças é de poder arrecadar valores para ela poder ajudar na despesa de casa, e satisfazer as suas necessidades. Concernente a sua trajetória de vida é de que ela é formada em ciências humanas, atualmente não trabalha, apenas faz tranças em casa, onde sai a sua renda. Estava realizando uma segunda graduação na Universidade Agostinho Neto em Luanda. E não tem nenhum tipo de formação profissional. E falando da sua atividade diz que os produtos que vende nas suas clientes tem pegado no mercado do seu bairro e que o preço, nesse mercado tem sido mais razoável, e lhe ajuda bastante. Aí consegue gerar muito lucro, trançando com o seu material. E já tem um preço único dado às suas clientes, incluindo o valor do postiço (fibra). Do negócio que a Sara, ganha mais ou menos por dia 10.000,00 Kz, mais que depende se no dia terá muitos clientes ou reduzidos, porque nem todos os dias a Sara faz tranças.

Vende os seus materiais de tranças por conta própria. E que além das tranças não exerce nenhum outro trabalho. O que ela ganha com o seu trabalho consegue suprir as suas despesas de casa e investir nela própria. Além dela, não existe mais ninguém que dependa do dinheiro,

somente ela é quem desfruta do dinheiro que ganha. Sara apresenta as dificuldades que tem enfrentado nesse percurso da sua vida, é por falta de um emprego formal. E que diante das dificuldades que às vezes ela tem encarado, tem solicitado para sua irmã mais velha que lhe tem feito os empréstimos do dinheiro ou da necessidade que tiver a passar. A Sara pensa em continuar a exercer essa atividade mesmo que encontre um bom emprego, irá realizar sempre nos seus tempos livres, porque segundo ela, gosta do que faz, embora com a formação acadêmica que tem, afirma que gostaria de encontrar um emprego de qualidade, um emprego que possa lhe ajudar na sua renda, e ganhar mais, porque o valor que recebe não serve para nada. Ter uma vida tranquila, e não depender somente das tranças, fazer tranças também é muito cansativo porque a pessoa acaba ficando muitas horas em pé, 4 horas trançando, ou mesmo 8 horas, dependendo do tipo de trança que a cliente pede. Apesar das dificuldades que tem encontrado algumas vezes pelo caminho, Sara gosta da vida que tem porque acredita que as dificuldades fazem parte na vida de todos, cabe a gente entendermos o momento. Eu tenho uma vida tranquila, mas gostaria de ter um emprego.

Vícios e Práticas ilícitas

Embora a sua atividade consista na aplicação de tranças e que dá para ver que é uma das tarefas que você gosta de realizar, Sara vai fugir um pouco do seu percurso de vida que você contou até aqui. Podes me dizer se tens algum tipo de vício? E se tens que vícios? E outra você tem alguém próximo que tenha vícios ou realiza atividades ilícitas?

> *Eu nunca tive problema com nenhuma entidade, e isso é verdade podes crer José, no entanto, diria que gosto muito de beber cervejas e vinhos. Com que frequência consomes e como te sentes depois de consumidores? Bem, eu gosto de beber mas não gosto de beber muito. Porque quando fico bêbada, fico arrependida por ter bebido no dia seguinte e é um dos meus problemas e também não sei porque bebo porque já tive dias que pensei em parar mas não consigo quando estou no meio das minhas amigas e meus amigos. Mas não consumo álcool frequentemente, através da atividade que faço como já expliquei a você. Uma vez a outra bebo, e é mais nos finais de semanas. E também nem sempre nos finais de semanas faço o uso da cerveja ou do vinho, de vez enquanto eu tomo, e creio que eu bebo é já um vício porque bebo. Quando me apetece, bebo. Diria também que ao meu redor, há quem tem sim, vícios de dependência de tabaco, álcool e droga. Tenho amigos e primos que usam esse tipo de drogas. Bem, eu uso bebida alcoólica, cerveja. Mas não uso cigarro e nem sequer drogas ou tabacos, o meu único vício mesmo é a cerveja e trançar (Sara, 25 anos, 26 de outubro de 2023).*

Para esses jovens que têm um futuro para frente e bem como você que é uma jovem na flor da pele, me diga qual conselho você deixaria para os jovens que estão inclinados ou

dependentes nesses tipos de vícios ou práticas que mencionaste? Sara ressalta que o conselho que deixa para os jovens, é de que para não caírem na delinquência, em drogas ou serem dependentes, embora ela beba cerveja ou vinho, é que devem procurar estudar ou mesmo fazer um curso profissional caso tenha alguém para pagar sua a formação e não se deixem levar pelos amigos que não te ajudam a crescer de qualquer forma, procurem empregos, e fazer alguma coisa que possa lhe trazer benefícios na sua vida, porque tem vários amigos próximos ou mesmo nossas famílias que possam levar-te no caminho negativo, porque no final de tudo quando você é delinquente, acaba ser preso ou ser morto, pelos próprios amigos, pelas gangue e inimigos ou mesmo pela à polícia. E para quem não está, Sara orienta que procurem amizades boas que trazem ideias construtivas. De acordo com DW (2019, p. 1), afirma que "o que está na base desses homens são questões que se prendem com o desemprego, a desestruturação familiar e também alguma falta de acompanhamento dos pais aos filhos, o que podemos propor como desleixo familiar, fruto da desestruturação". Para a revista a Voz da América (2023), cita o sócio-demógrafo Nza Tuzola que aborda que "a desintegração das famílias angolanas por vários motivos e a segunda causa, o desencanto dos jovens perante a situação social do país, principalmente o desemprego, a expectativa social". É necessariamente olharmos por várias questões até aqui apresentadas, bem como o desemprego e a situação socioeconômica influência diretamente em diversas famílias em situação de vulnerabilidade e que dificulta diversos indivíduos a um futuro próspero. A desestruturação familiar é situação visível na sociedade angolana e que essa realidade vem crescendo, sendo que o assento principal dessa desestruturação se dá pela fragilidade das relações humanas e das normas sociais. Essa fragilidade acaba englobando a má convivência, a desobediência entre os integrantes familiares, a fuga a paternidade, o excessivo consumo de álcool, como outros tipos de drogas que acaba prejudicando os jovens e as suas próprias famílias, a gravidez precoce e a situação da prostituição. E essa problemática várias vezes começa no seio familiar. É necessário que haja um diálogo entre os membros da famílias, em particular aos jovens e que tenha como objetivo a desincentivá-los a não realizarem atos criminosos.

Tadeu – História, trajetórias e modo de vida

Tadeu, é um jovem morador do distrito do Zango, e tem atualmente 20 anos de idade, durante a nossa conversa Tadeu abordou que a sua trajetória de vida foi muito complicada independentemente de ter cursos profissionais não exerce nenhuma atividade com as suas

formações profissionais. Atualmente a sua atividade é no mercado informal mas como um biscateiro e que começou essa atividade desde os seus 17 anos, e o que lhe levou a entrar nesse trabalho se dá pelas necessidades que tem passado, e outra coisa ele aborda que tem cursos profissionais e já a formação acadêmica para na 7° classe e que tentou dar continuidade mas por falta de quem poderia lhe ajudar aí complicou mais. Mas que para Tadeu o único problema que encara na sua vida é mesmo a falta de um emprego e que tem lhe dificultando muito em conseguir alguma coisa que necessite na hora. Mas que tem superado a cada dia que passa, procurando pessoas que têm um trabalho a fim de realizar e no final conseguir um dinheiro. Consoante pelos trabalhos que ele realiza a sua renda não é um valor fixo, depende muito do dia caso encontre alguma coisa para fazer mais que a sua renda diária está em torno de 600,00 kz a 2500,00 kz, dependendo do dia, mas que é muito raro esse valor passar e que dá para aguentar com esses valores que tem recebido. Mas tem momentos que o seu negócio é por conta própria e tem vezes que Tadeu trabalha por outras pessoas para poder se sustentar. Porque para ele ficar sem fazer nada também é complicado e não conseguiria e além dessas atividades não tem mais nenhuma. Acredita que o que ganha já dá para satisfazer as suas necessidades mas não todas.

> *Quanto às minhas dificuldades que enfrento também é que nem sempre há biscates. Em relação às minhas atividades nunca tive nenhum problema com a polícia ou com os fiscais. Eu penso em continuar com essa atividade, porque é pois dela que me fez ser a pessoa que eu sou hoje. Já procurei emprego em vários locais daqui da nossa capital e mesmo aqui no meu bairro, mas não encontro, mas vou continuar a procurar e quem saiba eu encontre um outro melhor que esse. A fim de melhorar minha condição de vida e bem aqueles próximos a mim, eu penso que a pessoa em si tinha que ter outro emprego ou sabendo uma ou mais profissões, porque velho o que eu passo você não aceitarias passar e você volta embora ao Brasil porque aqui as coisas não estão fáceis e tá tudo na merda (Tadeu, 20 anos, 3 de novembro de 2023).*

Segundo o nosso entrevistado Tadeu, em sua volta tem algumas pessoas que têm vícios e que é mais por falta de empregos, ressalta que se eles estivessem a trabalharem com certeza não ficariam nesses lugares fazendo o uso dessas coisas que acaba depois trazendo problemas a eles. E já no caso dele é que simplesmente tem vício na bebida alcoólica mas não em drogas. E que faz o consumo com muita frequência em todas as etapas da vida dele. Poderias me dizer se gostas da vida que tens? E porquê? Tadeu argumenta que gosta da vida que tem, porque é feliz mesmo não tendo tudo que ele quer. Nunca foi preso e não pretendo ir preso. Gostaria de ter uma vida estável, porque o que importa é a sua felicidade. Por fim, o conselho que deixa aos jovens é de se formarem e procurar ocupações e trabalho.

Davi – História, trajetórias e modo de vida

Davi, é morador no bairro da Estalagem e tem 25 anos, e reside com a sua família, atualmente a sua atividade consiste na confecção de alimentos, mas que também é especialista no processo de ensino ou seja em educação. Exerce a atividade de confecção de alimentos há dois anos. E uma das razões que o levou a exercer essa atividade é a falta de oportunidade de praticar ou exercer aquilo que é a sua função de professor onde é especialista, desta forma Davi diz que exerce essa atividade por ser a única oportunidade que lhe apareceu, embora praticando e gostando. De forma breve ele tem o ensino primário, e o ensino médio e que a sua formação foi em uma escola religiosa onde fez o curso de ciências humanas, após ter terminado foi lecionando e começou a lecionar na alfabetização de adultos após ter concluído na alfabetização o ano seguinte lecionou no ensino de base e foi subindo, e dois anos depois ingressou no ensino superior e formou no curso de educador de infância, na qual terminou a licenciatura em 2020. Antes de se ter o percurso do ensino universitário foi realizando alguns cursos de capacitação que é o curso de pastelaria e cozinha e o curso de língua portuguesa, empreendedorismo, e a de pedagogia, mas que atualmente exerce a prática de cozinheiro essa é a sua pouca história segundo o relato. Na verdade, além desse trabalho não tem outro e que não consegue satisfazer as suas vontades.

O nosso entrevistado afirma também que o que ganha quem depende desse mesmo dinheiro é a sua mulher e os seus dois filhos, embora diz que o seu salário é só 50.000,00 kz. E que uma das principais dificuldades que ele enfrenta são várias, uma delas é no pagamento de energia, de água, transporte, alimentação, saúde, educação. E que não são simplesmente essas que foram mencionados segundo na fala de Davi.

> *Em que caso de dificuldades no seu dia a dia, quem é que te presta ajuda? Eu fiz menção sobre as dificuldades. Ajuda eu mesmo. A mim mesmo. Eu próprio me presto ajuda neste caso. Não, nunca tive. Nem tenho tido. Contam-me um pouco das suas experiências sobretudo desse trabalho? A experiência que eu tenho para contar é como eu cheguei ao trabalho onde me encontro. Anteriormente eu lecionava ensino primário após ter terminado o meu contrato. Tive oportunidade de dar entrada do meu currículo a um site publicado por ajuda de um dos irmãos, de um dos alunos que eu lecionava, que, por sua vez, o pai achou conveniente estar a dar aulas ao domicílio, ao seu filho. Assim pedi ao seu irmão mais velho que desse entrada ao meu currículo, dias depois eu fui chamado, fui testado e castor. Essa é a minha pequena experiência. Pensas em continuar a exercer esta atividade? Na verdade, até não aparecer a atividade didática, que é a minha área de especialidade, a licenciatura que fiz, pretendo sim (Davi, 25 anos, 8 de novembro de 2023).*

A tua volta a quem tenha o vício de dependência de tabaco, álcool, e drogas? Davi na sua fala diz que em sua volta quem tem vícios de tabaco e álcool, é o seu pai. Já no caso de Davi o seu único vício é trabalhar, acha que também quando é por excesso é vício. E que trabalha muito. Com tanta frequência e depois de praticar, acaba ficando cansado. E que independentemente o que esteja passando diz que gosta da vida que tem porque se sente realizado, e se sente bem, trabalhando. O nosso entrevistado, dá um ditado que diz sobre o adágio popular, que o trabalho da dignidade é o homem, então sente-se bem trabalhando. Que conselho daria aos jovens em situação de vulnerabilidade para não caírem na delinquência? Ele acredita que, quanto a essa questão, é ser persistente naquilo que a gente faz. Acredita que a paciência e a persistência nos levariam a não cometer delitos. E fazer o bem é um bem mais precioso. Estar bem consigo mesmo. Estar bem com Deus.

Davi acredita que pensar em sair da vida de delinquência é o melhor caminho que pensas em fazer. Porque a delinquência não leva a um bem maior, não leva ninguém. Disse sempre que o caminho de um delinquente, se não for a morte, será a cadeia. Então acha que o conveniente é deixar e ter força de vontade, aceitar que a vida já tem muita coisa para dar, além daquilo que praticamos. E termina o conselho dizendo, fazer o bem a todos, e o mal a ninguém. Acredita que o delinquente, quando pensa em fazer o mal, não pensa duas vezes. Quando pensa em praticar um delito, não pensa duas vezes. Então se pensar e refletir sempre essa frase o levará se pode praticar ou não essa ação e fazer o bem a todos e o mal a ninguém. Afirma que para melhorar as condições dos jovens, devem se criar mais empregos no país e o governo angolano apostar nos jovens angolanos. Quanto a dependência das drogas para os jovens angolanos dir-lhes-ia para se focar nos estudos. E é necessário ter força de vontade para que consigam deixar e não entrar nesse mundo da delinquência por falta de emprego.

João – História, trajetórias e modo de vida

João é um jovem e morador do bairro do Zango, ele tem 22 anos, segundo o mesmo não tem uma formação profissional no papel mas que exerce uma atividade como Barman e que hoje se considera profissional na área, embora não tenha nenhum documento que lhe proporcione mais oportunidades no mercado de trabalho. E que nos trabalhos que ele faz diariamente ganha em torno de 500,00 kz a 1000,00 kz, mas que esse valor acaba servindo simplesmente para satisfazer os seus vícios para compra de cigarros, liambas e que prefere consumir essas coisas do que beber cerveja. João afirma que desde que exerce essa atividade

nunca pensou em procurar um outro emprego, mesmo sabendo que o trabalho que realiza não ganha muito. E que tem pessoas próximas que sempre têm lhe dito de algumas vagas de empregos, segundo o nosso entrevistado o que lhe faz várias vezes não procurar empregos é mais pelo fato de não ter uma formação acadêmica ou mesmo profissional que lhe possa permitir ser chamado no serviço. E uma das coisas que mais lhe preocupa é que você já na busca de emprego mais para ocupar essa vaga tem que pagar em alguém da empresa para assim serem chamados e que nem sempre isso acontece, porque tem gente que agi de má fé pega o seu dia e depois de algum tempo você já não vê. E que o trabalho que João realiza pode ser empregado em uma atividade informal, mas segundo ele tá mais para trabalhos sem carteira, e que não depende de ninguém para lhe fornecer as coisas para a sua mercadoria e nem sequer para o seu sustento.

E que diante de tudo isso João, realça que uma das principais dificuldades que ele enfrenta são as brigas existentes nesses locais, onde tem exercido o seu negócio. Diz que a sua trajetória de vida até ao período momento teve um passo enorme significativo pelo fato de antes não conseguir comprar as suas coisas e mais que hoje tem comprado os seus meios sem precisar de ajuda de ninguém. Mais que o valor que ele ganha consegue cobrir as algumas necessidades mais que não é tanto. E que durante o seu percurso de vida até hoje nunca foi fácil e que até ao momento mesmo exercendo alguma atividade não tem sido fácil e que tem buscado formas em superar todas as lacunas que lhe tem impedido a progredir, mais que objetivo é não parar. Além dos pontos abordados com o nosso entrevistado João, explanamos também sobre os casos de vícios no seio familiar ou se o nosso entrevistado tem um vício, onde lhe foi perguntado se tem um vício? E se tem qual? E também deixamos no ar que conselho o nosso entrevistado deixa para as pessoas que têm um tipo de vício ou aqueles que estão inclinados no mundo da criminalidade?

> *O conselho que deixo aqui é de que precisam frequentar a escola, deixarem de roubar e lutar, e deixarem de beberem bebidas alcoólicas, e não fumarem e também não andarem com objetos que possam ferir outras pessoas. E não andarmos com amigos que te levam nos caminhos negativos e sim deve ser com pessoas que te levam em bons caminhos. Porque eu tenho muitos vizinhos que dependem de drogas e outras substâncias químicas. E muitas das vezes nós também somos influenciados. Mas caso essas pessoas querem mudar de vida, é necessário que essas pessoas se afastem das influências negativas, e se juntarem as boas pessoas depois de se afastarem, e quando digo de boas pessoas estou falando das boas pessoas são as que têm boas práticas, boa moral, estou falando aquilo que engloba quase todas capacidades que um ser humano deve ter e depois é só procurar dar no duro, trabalhar para teres o que é teu (João, 22 anos, 14 de novembro de 2023).*

Como vemos no princípio da nossa conversa, o nosso interlocutor já ressalta sobre os vícios que tem, e nessa pergunta colocada procurou não falar mais muito sobre ele. Segundo o nosso o entrevistado João, diz que mudou muito o seu comportamento, e que durante esse tempo já foi preso três vezes, mais que a sua família até ao momento não tem conhecimento sobre essa situação que lhe passou, e que caminhava com amigos não aconselhavam-se em nenhum momento e que a única coisa no final de tudo que aconteceu foi ser induzido em práticas negativas, por esse motivo é que ele afirma que a sua trajetória de vida não foi fácil e não está sendo fácil, mesmo nos dias atuais realizando uma atividade que lhe dê o seu sustento. Foi através de suas amizades que lhe levou à prisão, mais para o nosso entrevistado nos dias de hoje já não anda com esses amigos mais que atualmente os seus novos amigos não estão inseridos em práticas ilícitas e nem sequer fazem o uso de drogas. Também frisa que embora os seus novos amigos não façam o uso de algum tipo de drogas ou tenham uns vícios ele continua consumindo mais de forma razoável e que quando consome se sente melhor e aliviado, o consumo dessas coisas segundo o João diz que lhe diminui os estresses e que naquele momento esqueci os problemas da vida.

Portanto, mapear os sentidos da ação, torna público os sentidos dos jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade na cidade de Luanda, na violência, escola e familiar. Para melhor compreendermos os valores, e as identidades dos jovens em situação de vulnerabilidade social em Luanda, permitiu, entretanto, traçar ou delinear um retrato "perfil" dos jovens luandenses. Sendo que o marco teórico, diz respeito ao tipo ideal desse grupo social, que precisamente se congrega. Diante aos resultados esperados, o nível de escolaridade dos jovens em situação de vulnerabilidade social na cidade de Luanda, encontra-se a um nível muito abaixo da média, que a complexidade socioeconômica familiar desses jovens é que os impede ou os dificulta a não darem o seguimento aos estudos, ou entrarem ao mercado de trabalho, sendo, que existe um nível reduzido de jovens nas universidades, pelas condições que os mesmos se encontram pelo fato de não terem meios de como sustentabilizar e permanecem nesses espaços, em que vê-se que o dinheiro e a política estão a um apêndice das suas preocupações, enquanto que habitação social, emprego, e a saúde se situam na linha da frente.
Em relação às análises de cada entrevista feita dos participantes no nosso estudo foram de grande relevância para entendermos os obstáculos que cada indivíduo enfrenta no seio individual, familiar, ou em grupo que está inserido. A partir das suas argumentações sobre os seus sentimentos morais no que toca à sua reconstrução na sociedade. "Na sociedade moderna, embora haja variações dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de

construção de identidades e de definição de projetos de futuro" (Novaes, 2007, p.1). É de caráter importante ressaltarmos que cada pessoa na comunidade angolana vive sua própria experiência de vida, na qual há sentimentos e valores morais distintos, mesmo que ainda imersos em uma mesma realidade.

3.2 O Papel das Famílias, Escolas na Formação dos Jovens

A família deve ser compreendida como a principal categoria de civilidade e que diante a esse contexto tem relevância em diversos fatores que possam prejudicar a integridade, independentemente da sua dinâmica social. Apontando que a própria família também pode ser má influência no desenvolvimento dos jovens, quando nos encontramos perante a uma família alargada que advém de uma de um grupo social de classe baixa, em que normalmente tem levado várias famílias em complicações futuras ou seja desamparada e desestruturada da mesma. Onde a apresenta de que os pais estão desempregados, irmãos e irmãs fora do ensino escolar e bem como no mundo da criminalidade. Salientando que a falta de bens essenciais ou econômicos tem um grande impacto na vida social dos jovens e a de todos presentes na comunidade (Ceolin, 2003; Feijó e Assis, 2004).

De acordo Augusto (2006), aborda que:

> O jovem é um ser em formação, cujo destino depende de um jogo incerto de fatores. Tanto quanto possível, a família coordena esse jogo, incubando, no presente, condições que só se configuraram no futuro. Por isso, suas expectativas, no que concerne ao jovem, se intercalam entre esses dois amplos momentos de realização pessoal, sem deixar de inculcar no imaturo uma filosofia prática de vida, cujo imperativo fundamental é: ser alguém. Percebe-se, assim, que as expectativas de retribuição, mesmo quando colocadas nesses termos, não são simplesmente deslocadas para o futuro. Apresentam, pelo contrário, a singularidade de redefinir-se nesses dois planos temporais, fazendo com que, progressivamente, um se resolva no outro (Augusto, 2005, p. 16).

Segundo Garcia (2004), em relação ao papel da família no desenvolvimento dos jovens, o autor afirma que:

> A maior participação de outros membros da família no orçamento doméstico não resulta em patamares relativamente mais elevados dos agrupamentos monoparentais femininos, se comparados aos masculinos, sugerindo a inserção mais vulnerável no mercado de trabalho por parte de seus membros. A entrada prematura dos filhos no mercado de trabalho, para garantir a manutenção do grupo familiar, implica, muitas vezes, no abandono dos estudos ou na difícil tentativa de conciliar escola e trabalho, situação que, necessariamente, diminui a qualidade da formação desses jovens e compromete sua vida profissional futura (Garcia et al, 2004, p. 10-12).

Entende-se que os jovens que moravam ao contexto de uma família monoparentais acarretavam menos chances em concluírem as suas formações, foi uma condição rara de se ver, porque muitos desses jovens não conseguiam terminar o ensino fundamental, o médio e nem sequer conseguiam ingressar no ensino superior, diferente de jovens que vieram de famílias nucleares. De acordo Merton (1970, p. 233), compreende que "a família funciona como uma correia de transmissão na difusão de padrões culturais em relação à geração seguinte, estando a criança exposta a protótipos sociais no comportamento diretamente testemunhado e nas conversações casuais dos pais". Num olhar sociológico, a família se apresenta como a base central na sociedade para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, pelo fato destes se encontrarem em união através do laço de parentesco. A definição família constitui um conjunto de posturas polissémicas e que representa especificamente a sociedade humana.

Yoba (2018), compreende que a família é a principal instituição educacional da sociedade em geral. E que a família desempenha diversas atividades no interior da sua funcionalidade existencial, sendo fornecedora de aprendizagem. E que a família nos fornece conhecimentos e experiências da dinâmica social em que esse indivíduo está inserido, ensinando assim as práticas do cotidiano ou o modo de vida. Esses ensinamentos são visíveis no seio da comunidade.

> A família ainda pode ser considerada como instituição primária de socialização, mas as mudanças ocorridas no tecido social, trouxeram transformações no contexto familiar, exigindo parcerias com outras instituições sociais, tanto públicas quanto privadas, para assegurar o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social de crianças e adolescentes (Telles et al, 2006, p.30)

Em relação a participação da família na educação dos jovens, para Silva (2017), entende que "mesmo sem projeto educativo, e de forma espontânea, a família realiza a educação dos seus membros para os tornar cidadãos úteis à sociedade". A partir da compreensão de Silva, percebe-se que a família não necessita de um projeto social para orientar os seus familiares ou membros, e que o papel da família formar os mesmos que tenham uma educação condigna a partir das normas de condutas e de princípios ensinados, com objetivo em disseminar o seu padrão comportamental. Silva (2017, p. 34) afirma que "A ação educativa que decorre na escola obedece a um currículo, a metodologias e processos didáticos assegurados por professores". Os professores têm um papel importante na formação dos cidadãos, na reorganização e controle.

Segundo Aranha (1989), é necessário que a família seja vista como um fenômeno historicamente que está situado na sociedade:

> É preciso compreender a família como um fenômeno historicamente situado, sujeito às alterações, de acordo com as mudanças das relações de produção estabelecidas entre os homens. É evidente que as funções da família vão depender do lugar que ela ocupa na organização social e na economia (Aranha, 1989, p. 75).

Carvalho (2006), compreende que a família não é a única via para que o seu membro seja socializado e que tem outros meios:

> A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo (Carvalho, 2006, p.90)

Entende-se que o papel da escola vai muito além dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, porque a escola não só ensina o indivíduo a se comportar bem na sociedade, enquanto os ensinamentos vindos da família não se baseiam-se também só a um simples acompanhamento mais que ela ultrapassa toda qualquer educação de respeito para com o outro e na preocupação da sua vestimenta, alimentação e moradia. Embora a escola e a família tenham peculiaridades diferentes, elas exercem uma tarefa de extrema importância na transformação e no desenvolvimento de qualquer membro na comunidade.

> Muitos adolescentes e jovens que hoje se encontram vivendo rua, em grande vulnerabilidade social e uso abusivo de drogas, tiveram no ambiente familiar a produção da quebra de direitos, sofrendo maus tratos, abuso sexual, falta de apoio moral e financeiro dos parentes, encaminhando-os para a delinquência (Reis, 2018, p.23).

Acredita-se que muitos desses jovens que veem se envolvendo com as práticas ilícitas, presenciaram de perto maus tratos, onde nem sequer foram acompanhados pelos pais no que tange a um acompanhamento emocional. As famílias deveriam ter mais controle dos seus membros para que depois não caíssem posteriormente aos grupos organizados. De acordo Di Santo (2006), argumenta que a família nos dias atuais tem dado todas responsabilidades para as escolas em instruírem e ensinarem os seus membros no intuito de que os professores são os responsáveis em transmitir os sentimentos morais aos seus filhos (valores morais, modelos de condutas), com justificativas que não têm tempo para acompanharem o processo dos filhos e depositando toda responsabilidade a escola. A família deve ser a principal referência de socialização dos indivíduos independentemente de como se apresenta na comunidade, tem a obrigação de complementar na educação dos cidadãos, sendo os principais responsáveis.

> A educação apresenta-se como fator coadjuvante ao processo de socialização familiar, mas o baixo índice escolar a precariedade do ensino público brasileiro, somados à vulnerabilidade social/familiar, expõem os adolescentes a situações de risco, o que pode impulsionar só seu ingresso na criminalidade urbana (Telles et al, 2006, p. 30).

Segundo Carvalho (2005), a delinquência e o desvio moral estão associados diretamente com o fator abandono, fuga de paternidade no cuidado dos filhos, sendo que o núcleo familiar é o pilar de cuidados ao seu membro e que a negligência dos pais nos cuidados dos seus filhos cria uma transgressão social, e não dando uma atenção adequada referente às necessidades primordiais das crianças, adolescentes e aos jovens para a sua permanência.

> A desigualdade social reproduz-se assim segundo uma lógica de bola de neve, transformando-se posteriormente num círculo vicioso difícil de romper: os alunos mais desfavorecidos, por possuírem um capital cultural muito baixo abandonam mais cedo a escola, sendo que, a falta de formação canaliza-os para empregos menos qualificados, logo, com um índice de remuneração mais baixo, condicionando posteriormente o investimento na educação dos seus descendentes, que acabam por entrar no mesmo círculo. Ao passo que os alunos mais favorecidos, detentores de um capital cultural muito mais elevado, deixam a escola depois de terem completado a formação, que lhes dá acesso ao mercado de trabalho qualificado e com perspectivas de evolução profissional. As dificuldades de acesso ao mercado de emprego formal levam muitos jovens a elaborarem estratégias de sobrevivência, ligadas, sobretudo ao sector informal, bem como à prática de atividades ilícitas e criminais, sendo muitas vezes referidos como “bandidos”, “criminosos”, “gatunos” (Oliveira, 2011, p.9).

A forma que esses indivíduos vivem é uma das causas que os levam a enveredar na delinquência muito cedo. E que numa família onde vivencia-se um ambiente desorganizado fica difícil em construir uma convivência de harmonia e paz. Também frisando que os jovens que vêm de famílias de baixa renda normalmente acabam apresentando elevadas dificuldades de aprendizagem, diferente de jovens que são provenientes de famílias já bem estruturadas financeiramente o impacto não é o mesmo, sendo que não passam pelas mesmas dificuldades em relação de quem vem de família sem recurso econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concernente, o estudo realizado e bem como o desenvolvimento da pesquisa foram examinados os conceitos que dizem respeito a situação dos jovens na sociedade e pela forma de como são vistos, no qual buscamos definir esses significados, de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômico, desempregados e trabalhadores informais, e casos de marginalização em Angola, em particular jovens da cidade de Luanda a fim de entendermos a partir deles o que têm vivenciados para assim compreendermos os motivos que os fez a se envolverem com essas práticas ou tarefas. E com as leituras feitas e o desdobramento da pesquisa coloca-se em pauta o levantamento do estudo de campo, a partir da compreensão dos dramas e sofrimentos dos indivíduos. Toda qualquer pesquisa carece de justificativas, onde foram diversos impasses ou desafios encontrados durante a trajetória. E que uma das dificuldades se deu propriamente primeiro em pesquisas que discutem temáticas igual ou idênticas a nossa pesquisa, isso não quer dizer que não tem, mas que são poucos autores/as nacionais que abordam sobre a temática em causa, o que fez em apoiarmos em pesquisas internacionais pela escassez de revisões bibliográficas locais. A segunda foi o pouco tempo que se teve para a elaboração e o cumprimento da pesquisa empírica, sobretudo o valor da passagem que estava saindo muito caro, mas acreditamos conseguir apresentar os dados e os resultados recolhidos, como discutida na parte metodológica e do capítulo II da investigação, onde sublinhamos detalhadamente as histórias, sentimentos e as trajetórias de vida dos sujeitos. Salientando que houve momentos que foram difíceis de conseguirmos os resultados. A falta de meios necessários para o desenvolvimento desta dissertação impossibilitaram de alguma forma a observação dos dados apresentados. E terceiro foi mais numa perspectiva de revisão bibliográfica no que toca as desigualdades sociais, raciais, e olhando a partir da diferenciação da economia angolana.

Diante do que foi discutido ao longo dessa dissertação, percebe-se que os jovens na sociedade angolana enfrentam vários desafios e que é um dos principais problemas que têm impactado a vida dos jovens em situação de vulnerabilidade social em Angola, se dá pela indisponibilidade de ofertas de emprego e causando assim a extrema pobreza na vida desses jovens e que é resultado das desigualdades sociais. A taxa de desemprego e subemprego em Angola como discutido ao longo da nossa dissertação da nossa temática percebe-se que é muito alta e sobretudo em Luanda, onde a maior parte dos bens públicos está concentrado na capital de Luanda, e pelo fato de receber vários indivíduos de diversas partes de Angola, em relação

aos jovens que se deslocam de suas províncias de origens para Luanda na procura de melhores condições de vida, e chegando por lá acabam encarando enormes desafios e dificuldades. Um dos problemas também visível na sociedade angolana é o acesso ao mercado de trabalho formal e muitos desses jovens acabam exercendo as suas atividades laborais no mercado informal, com um salário baixo e as condições do local de trabalho são precárias levando muitos desses a terem problemas gravíssimos de saúde. Salientando também que a falta de acesso a um ensino de alta qualidade se configura também como um dos fatores que colabora na carência de possibilidade em conseguir um emprego de qualidade.

Em relação aos inúmeros acontecimentos sobre a problemática da violência em Angola em particular Luanda tem se dado pela exclusão social decorrente do que vem acontecendo na sociedade angolana. Segundo Samba (2012), aborda que na cidade Luanda que o principal problema social, estão enraizados especialmente na área da educação e da saúde, em que esses sistemas acarretam tantos problemas quer seja em recursos materiais ou em quadros competentes. Frisando que todos esses impactos sociais, estão mais presentes nas zonas periféricas onde o saneamento básico é inapropriado, e sem deixarmos de fora alta taxa de desemprego nessas regiões, especificamente entre os jovens, que acabam buscando o mercado informal, ou a inserção para a delinquência como saída das desigualdades, e que tem resultado em índices elevados das desigualdades sociais. A partir dos testemunhos apresentados pelos nossos interlocutores, na sua maioria encontram-se em situação de vulnerabilidade, onde muitos encaram de perto a pobreza extrema, e enfrentam várias dificuldades, em particular a falta de oportunidades no mercado formal. E que muitos sentem-se excluídos das disparidades existentes na sociedade. Na maior parte dos jovens exercem as atividades no mercado informal, trabalhos sem reconhecimentos pelo Estado e menosprezados pela própria sociedade. E que muitos acabam consumindo bebidas alcoólicas ou outros tipos de drogas pela falta de ocupação a uma determinada atividade laboral ou escolar.

Como é observado no depoimento de cada interlocutor, o seu comprometimento com o mercado informal se estabelece como forma de persistência e pelas ânsias de suas obrigações primordiais e de seus familiares que dependem do mesmo para as suas sobrevivências. O depoimento de desgosto demonstra a fragilidade do governo angolano na implementação de políticas sociais e públicas, para responder às demandas apresentados por várias famílias em condição vulnerável, em particular os jovens que são os mais alcançados por esses desafios sociais, o que os impede no seu crescimento pessoal e profissional e possibilitando-se lhe contribuindo para a economia do país. Para Samba (2012, p. 59), “a situação do desemprego

da camada juvenil em Luanda, é tão acentuada que provoca o crescimento dos índices de atos infracionais, tal prática é usada como meio para satisfazer desejos, necessidades e garantir a própria sobrevivência". Percebe-se várias vezes que esses jovens caem nessas práticas para fugirem das desigualdades sociais, fome, pobreza, exclusão e da miséria que eles experimentam no seu cotidiano, como já abordado na pesquisa. De acordo Branco (2022), ressalta que situações como a fome e pobreza, é um dos grandes desafios que o Estado angolano tem lhe dado, e que busca formas de combate a esses fenômenos e que impede o desenvolvimento humano da população e o crescimento econômico do país. O autor, argumenta que os casos de corrupção quer seja direta ou indiretamente acabam enfraquecendo o desenvolvimento do país, apresentando como uma das causas está o desemprego que acaba afetando diretamente a população jovem, impedindo instalações de empresas de caráter internacional que tenham como foco principal em ofertas de empregos para a camada juvenil. Em relação a falta de políticas públicas eficazes e adequadas para a população, que tenha como central em combater as assimetrias existentes no seio das famílias angolanas, em particular aos jovens que sofrem ou passam diversas situações pela falta de emprego, para Samba (2012), afirma que:

> Os novos ventos de paz que o país vive exigem, do governo, esforços para a melhoria das condições de vida de sua população. Os desafios que lhe são postos, neste momento, em nossa ótica, são relacionados ao desenvolvimento de programas e ações de combate à fome e à pobreza extrema. Há também a preocupação com a questão da desminagem dos campos de cultivo. A população carece ainda de educação de qualidade, que lhe de instrumentos capazes de prepará-la para analisar de forma consciente e crítica a realidade em sua volta; para a construção e a efetivação de um verdadeiro Estado democrático de direito, com a distribuição equitativa da riqueza e da renda; para a construção de políticas sociais públicas eficazes e eficientes que alcancem os diferentes segmentos da população; para a efetivação de políticas de emprego voltadas principalmente para os jovens; e, que paulatinamente, possam superar as desigualdades, a exclusão social, a pobreza e a miséria que tanto corroem o cotidiano da maioria da população (Samba, 2012, p. 46).

Para combater ou diminuir as desigualdades sociais e as vulnerabilidades vivenciadas por jovens que é visível na sociedade angolana, é importante que sejam implementadas políticas públicas que proponham a paridade de possibilidades. Que permitam na criação de programas de qualidades em particular na educação, saúde, programas de habitação pertinente e em postos de empregos (centros profissionais), ressaltando que é necessário proporcionando a inclusão social dos jovens e bem como das famílias marginalizadas que passam por imensas dificuldades na comunidade, e garantir para que todos os indivíduos na sociedade angolana tenham as mesmas oportunidades de progresso. Segundo a UNICEF (2015), compreende-se que cerca de 40%, das crianças e jovens em Angola, vivem em situações de pobreza, apesar de se ter um

reforço e ao apoio social essa situação pode virar o quadro desde que se aplica políticas públicas de caráter estratégico no domínio da Assistência Social (AS), e que nos próximos 10 pode aumentar uns 30%, a situação das crianças e jovens em condições precárias na sociedade angolana. A aplicação de Proteção social consistente é essencial para a redução da vulnerabilidade social das famílias e das comunidades locais, é necessário que o governo forneça recursos humanos e financeiros e orientações operacionais oportuno na aplicação de políticas públicas e programas sociais fundamentais, com fim de reduzir essas assimetrias e construir uma sociedade mais coerente.

De acordo com o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância-UNICEF (2015), os últimos anos, Angola vem registrando um elevado crescimento econômico, que vem desacelerando em épocas da situação da crise que o país percorre por alguns anos, mas, que mesmo com esse crescimento rápido como se vê, ainda verifica-se que milhões de pessoas vivem em situações precárias, no qual muitas famílias angolanas encontram-se em situação de vulnerabilidade socioeconômico, em que estima-se em relação às pessoas que vivem situação de pobreza, são mais de 30%, da comunidade angolana que vivem em condições precárias, isso na condição de extrema pobreza, assim sendo, que configura em pobreza extrema. Sem projetos sociais de interesse público adequado, no qual o governo nem sequer consiga dar resposta aos problemas sociais, existente no seio da sociedade, e que esses impactos sociais e econômicos, tendem agravar a cada dia que passa, na sociedade angolana, especificamente na capital Luanda.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 5, p 25-36, maio/ago. 1997.

ABRAMO, Helena Wendel. **Juventude em construção.** Revista Onda Jovem. 2006.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e Juventudes na realidade do Brasil.** Goiânia: 2006.

ADRADOS, Isabel. **Delinquência juvenil.** Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 19, nº 3, pp. 39-45, 1967.

AFONSO, J. **Teoria da Investigação Criminal (Alguns conceitos e breves apontamentos sobre a história da investigação criminal em Portugal).** Lisboa: Edição Policopiada. ISCPSI. 2019.

AGOSTINHO, B., B. J. E. **O olhar e a percepção de jovens estudantes sobre o racismo oculto na sociedade angolana.** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde/Bahia – 2018.

AGOSTINHO, Bartolomeu José Epalanga. **Racismo estrutural e (neo)colonização:** uma análise sobre a identidade cultural em angola a partir da epistemologia afrocêntrica. Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). 2022.

AGUALUSA, José Eduardo. **Guerra e paz em Angola.** Comunicação apresentada na Festa Internacional de la Literatura de Barcelona, KOSMOPOLIS, 2004.

ALEXANDRINO, José Melo. **O Novo Constitucionalismo Angolano.** Lisboa: Editora Instituto de Ciências Jurídico-Políticas, Lisboa, 2013.

ALTMAN, Max. **Hoje na História:** 1975 - MPLA proclama a independência de Angola. 2020. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/7513/hoje-na-historia-1975-MPLA-proclama-a-independência-de-angola. Acesso em: 1 abril. 2023.

ANDRADE, Carla Coelho. **Juventude e trabalho:** alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. IPEA, Mercado de Trabalho, Brasília, v.1, n. 37, p. 25-32, 2008.

ANDRÉ, A. B. **Comércio informal, identidade e direito:** o caso das zungueiras de Luanda. 2021.

ANGOLA, Constituição da República de. **Direitos e deveres económicos, sociais e culturais.** 2010. Disponível em: https://tribunalsupremo.ao/wp-content/uploads/2018/05/constituicao-da-republica-de angola.pdf. Acesso em: 26 nov. 2023.

ANGOLA, **Diário da República.** 2019.

ANGOLA. Ministério do Planeamento e Desenvolvimento Territorial. **Plano Nacional de Desenvolvimento-2013-2017.** Luanda: MPDT, 2012. Disponível em:https://www.ucm.minfin.gov.ao/cs/groups/public/documents/document/zmlu/mdmz/~edisp/minfin033820.pdf. Acesso em: 19 mai. 2023.

ANGOLA. **Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022.**Vol. 1. 2018. Disponível em: https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/angola_pdn_2018-2022.pdf. Acesso em: 2 Abr. 2023.

ANGOLA, VOZ DA AMÉRICA. **Desagregação familiar e falta de oportunidades razões da delinquência juvenil, dizem sociólogos angolanos.** 2023. Disponível em: https://www.voaportugues.com/a/desagrega%C3%A7%C3%A3o-familiar-falta-de-oportunidades-s%C3%A3o-as-raz%C3%B5es-do-aumento-de-deliqu%C3%AAncia-juvenil-dizem-soci%C3%B3logos-angolanos/7055831.html. Acesso em: 21 fev. 2024.

ANGOP. **Perdidos no mundo das drogas.** 2022. Disponível em: https://angop.ao/noticias/grandes-reportagens/perdidos-no-mundo-das-drogas/. Acesso em: 22 fev. 2024.

ARANHA, M.L. DE A. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Moderna, 1989.

ARCOVERDE, A. C. B. **Serviço Social e questão social na globalização.** Serviço Social & Realidade, Franca, Faculdade de História, Direito e Serviço da Unesp, v. 17, n. 1. 2008.

ARRETCHE, Marta. **Trajetórias das Desigualdades.** Ed. Unesp. 2015.

ARRETCHE. Marta. **Democracia:** a via para a superação das desigualdades. Entrevista especial com Marta Arretche. 2016. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/552260-democracia-a-via-para-a-superacao-das-desigualdades-entrevista-especial-com-marta-arretche. Acesso em: 20 Out. 2022.

AUGUSTO, M. H. O. **Retomada de um legado intelectual.** Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. Novembro, 2005.

AUGUSTO, Paulo Maria. **A resiliência nos jovens desempregados.** Tesis Doctoral. Valencia (Espanha). 2015.

BASTOS, C. L; KELLER, V. **Aprendendo a aprender.** Petrópolis: Vozes, 1995.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som:** um manual prático; tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RK: Vozes, 2002.

BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social:** estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) – Vol. 11, nº 1, pp.63-76. 2007.

BONIFÁCIO, Maria. **A vitória é certa:** perspectivas histórico-discursivas de nação, produção, língua e homem novo no manual de alfabetização e guia do alfabetizador angolanos (1980), África (s) | Vol.7 | No. 13 | Ano 2020.

BORN, M. **Psicologia da Delinquência.** Lisboa: Climepsi Editores. 2005.

BOSCHETTI, I. **Supressão de direitos no capitalismo:** uma forma contemporânea de expropriação. Cortez, 2018.

BOURDIEU, Pierre (1930–2002). **A "juventude" é apenas uma palavra.** In: BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112 – 121.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004. BOURDIEU, Pierre. Homo *academicus.* Paris, Éditions *Minuit,* 1984.

BOURDIEU, Pierre. ***La misère du monde*.** 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. 2010.

BRANCO, Nair Custódio dos Santos. **Índice de desemprego como fator de frustração dos jovens angolanos:** uma análise sobre a criminalidade no município de Cazenga-Luanda (2010-2020). Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades. 2021.

BRESSER, Pereira Luiz Carlos. **Crescimento e desenvolvimento económico**. Versão de junho de 2008.

BUNGA, Cláudio Eduardo Samuel. **Pobreza, Fome e Estratégias de Combate para a sua Mitigação na Cidade do Namibe – Angola.** Dissertação de Mestrado em Gestão do Território Especialização em Ambiente e Recursos Naturais 2015.
BUSSO, G. ***El enfoque de la vulnerabilidad social en el*** **contexto latino-americano:** *situación actual, opciones y desafíos para las políticas sociales a inicios del siglo* XXI. Santiago, Chile: CEPAL. 2001.

CALEIRAS, Jorge. **Para além dos números - Experiências pessoais do desemprego:** Trajetórias de empobrecimento, experiências e políticas. Tese de Doutoramento em Sociologia. Universidade de Coimbra. 2011.

CANGUE, Justino. **Exclusão social e pobreza na qualidade de ensino:** estudo de caso no ensino primário em Angola. 2020.

CAPUCHA, Luís Manuel Antunes. **Desafios da pobreza.** Tese de Doutoramento em Sociologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. 2004.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil.** Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades/Adalberto Cardoso. – 2 ed. – Rio de Janeiro, Amazon, 2019.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **Uma Utopia Brasileira:** Vargas e a Construção do Estado de Bem-Estar numa Sociedade Estruturalmente Desigual. 2010.

CARDOSO, Cauan Braga da Silva. **Vulnerabilidade juvenil na área metropolitana de Brasília:** construção de um índice sintético. 2015.

CARVALHO, Antônio Ivo. **O mercado de trabalho e os trabalhadores em vulnerabilidade social.** Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2021.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.110, p. 143-155, jul. 2000.

CARVALHO, M. **Entre as Malhas do Desvio.** Oeiras: Celta Editora. 2003.

CARVALHO, M.E.P de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família.** 2006.
CARVALHO, M.J. (2005). **Jovens, Espaços, Trajectórias e Delinquências.** Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 49, 2005, pp.71 – 79. 2005.

CARVALHO, Paulo de. **Exclusão social em Angola:** O caso dos deficientes físicos de Luanda. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2004b.

CARVALHO, Paulo de. **Modos de vida e estratégias de sobrevivência dos deficientes físicos na cidade de Luanda.** Luanda, 2004a.

CARVALHO, Paulo. **Racismo enquanto teoria e prática Social.** In JESUS, Jaqueline de. et al. O que é racismo? Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2004. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa.** 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CASTRO, Lucia Rabello de. **Os jovens podem falar?:** sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: D. Juarez, M. I. C. Moreira & M. Stengel (Org.), Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC Minas. 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências.** Cadernos de Pesquisa, v.1 n. 116, p. 143-176, julho/ 2002.

CCLF/Gajop. **"Galeras, comportamentos violentos na adolescência"**. In: Relatório de pesquisa. 1993.

CENTENO, L. **Percursos profissionais de exclusão social.** Lisboa. 2001.

CEOLIN, L. **A construção dos vínculos afetivos e sociais do adolescente em conflito com a lei.** Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 2003.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada [recurso eletrônico:** um guia prático para análise qualitativa / Kathy Charmaz; tradução Joice Elias Costa. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHIOIA, Pedro Félix, MOREIRA, Maria Ignez Costa. **O jovem e a universidade em Angola:** a trajetória dos jovens angolanos do interior do país no curso de Psicologia da Universidade Agostinho Neto. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 235-251, ago. 2015.

COSTA, António Bruto da. **Exclusões Sociais.** Lisboa: Gradiva Publicações. 1998.

COSTA, Márcia Regina. **Juventude e violência:** a produção de subjetividades conservadoras. Margem, n. 7, Agosto, 1998.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno multidimensional.** 2002.

DAMIAO, Domingos Bombo. **Conduta Delinquente:** um estudo sobre as consequências da delinquência. Psicologia.pt, 2019, p.1-12.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Juarez. 2003.

DE SOUZA, Florival Raimundo. **Entre a vulnerabilidade e o enfrentamento:** Jovens actores na economia informal da cidade de Luanda. Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 2014.

DE SOUZA, Pedro HG Ferreira. **Uma história de desigualdade:** a concentração de renda entre os ricos, 1926-2013. Hucitec Editora, 2018.

DI SANTO, J. R. **Família e Escola: uma relação de ajuda.** 2006.

DICKLES, P., HAUSMAN, P. ***Définir et mesurer la délinquance juvenile.*** 1986.
DIETERLEN, Paulette. ***Derechos necesidades básicas y obligación institucional*** *In: ZICCARDI, Alicia (org).* Pobreza Desigualdad Social y Ciudadanía: *los Limites de Las Políticas Sociales en* America Latina. Buenos Aires. CLACSO, 2001.

DINÂMICAS DO DESENVOLVIMENTO EM ÁFRICA 2018: **Crescimento, emprego e desigualdades** © AUC/OECD 2018 Dinâmicas de crescimento, emprego e desigualdade n a África Austral. 2018.

DIÓGENES, Glória. **Imagem e narrativas:** registros afetivos. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, http://www.rbse.rg3.net, v. 1, n. 2, agosto, 2002.

DJOKIC, Aline. **Colorismo:** o que é, como funciona. 2015.

DOOLEY, D. ***Unemployment, underemployment, and mental health:*** *Conceptualizing employment status as a continuum.* 2003.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro.** Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

DUMBO, M. L. **A Delinquência Juvenil em Luanda.** Porto: Edições Ecopy, 2012.

DUNGUE, Joaquina. **O desemprego afeta 59,2% dos jovens em Angola.** 2021.

DUNGUE, Joaquina. **Taxa de desemprego em Angola fixa-se em 29,6%.** 2023.

EBERLEI, Walter. ***Poverty reduction in a political trap:*** *the PRS process and neopatrimonialism* in Zambia, Lusaka: UNZA Press. 2005.

EICHHORN, NJ. **Unemployment *needs context:*** *How societal differences between countries moderate the loss in life-satisfaction for the unemployed. Journal of Happiness Studies.* 2013.

ENGUITA, Mariano. ***Recursos y oportunidades: explotación y discriminación en el análises de la desiguald.*** Revista Internacional de Sociología, Madrid. 1999.
ESCOREL, S. **Vidas ao léu: t**rajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; Abramovay, Mirian. **Juventude, juventude:** pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Mirian; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: MEC; UNESCO, 2007.

EVANGELISTA, Horácio Manuel Nóbrega. **O impacto das políticas públicas na juventude na Província da Huíla:** o caso do município do Lubango. (2000-2019). 2022.

EVANS, Karen. ***Taking Control of their Lives?*** *Agency in Young Adult Transitions in England and New Germany.* In: Journal of Youth Studies, vol.5, nº3, pp. 245-269. 2002.

FANON, Frantz. **Pele Negra e Máscaras Brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Rio de Janeiro: EDUFBA, 2008.

FEIJÓ, M. C. & ASSIS, S. G. **O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias.** Estudos de Psicologia, nº. 9, 157-166. 2004.

FELICIANO et al. **Proteção social, economia informal e exclusão social nos PALOP.** Portugal: Principia. 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, M. A. F.; LATORRE, M. R. D. O. **Desigualdade social e os estudos epidemiológicos: uma reflexão.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 9, p. 2523-2531, 2012.

FILGUEIRA, C. H. ***Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social:*** *aproximaciones conceptuales recientes.* In: CEPAL. Seminario Vulnerabilidad. Santiago: Cepal, 2001.

FINEMAN, Martha Albertson. ***The Vulnerable Subject:*** *anchoring equality in the human condition.* Yale Journal of Law & Feminism, Yale, v. 20, n. 1, p. 1-23, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.13051/6993. Acesso em: 01 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976". In **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRYER, D. & Payne, R. ***Being Unemployed:*** *A Review of the Literature on the Psychological Experience of Unemployment. In, C. L. C. und Ivan T. Robertson (ed.). International Review of Industrial and Organizational Psychology,* Vol. 1, (pp. 235-277). London, John Wiley and Sons. 1986.

GARCIA, Lúcia Santos; RODARTE, Mário Marcos Sampaio; COSTA, Patrícia Lino. **"Emancipação feminina e novos arranjos familiares, nas regiões metropolitanas, entre as décadas de 1990 e 2000".** In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu-MG. Anais, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GONÇALVES, H. S. **Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade.** Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 207-219, 2005.

GRIFFIN, Christine (1997), ***"Representations of the Young",*** in Roche, Jeremy, *Stanley Tucker, Youth in Society,* London, Sage Publications, pp. 17-25. 1997.

GROPPO, L. A. **Juventude:** Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7 eds. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **ANGOLA "Houve independência mas não descolonização das mentes".** 2015.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Racismo em português:** O lado esquecido do colonialismo. 1o ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2017.

HESPANHA, Pedro. **Enfrentar a vulnerabilidade social:** As famílias e as políticas em passo certo? Coimbra: Centro de Estudos Sociais. 2001.

INÁCIO, M. **A intervenção da polícia angolana na prevenção da delinquência juvenil - A importância das medidas cautelares e de polícia no sistema de justiça juvenil angolano.** O caso da Província de Luanda. Dissertação final de mestrado em Ciências Policiais. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. 2013.

INE. **Censo:** Registo geral da população de Angola. Disponível em: https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas. Acesso em: 1 fev. 2023.

INE. **Indicadores de emprego e desemprego inquérito ao emprego em Angola.** 2022.
INE. **Pobreza Multidimensional nos Municípios de Angola**. 2019.

INE, Instituto Nacional de Estatística. **População e sociedade: C**aracterísticas dos jovens em Angola (IDREA 2018-29019). 2020.

ISSC, IDS e UNESCO. **"Relatório Mundial de Ciências Sociais 2016, o desafio das desigualdades:** caminhos para um mundo justo", Edições UNESCO, Paris. 2016.

ITZIGSOHN, J., & BROWN, K. L. ***The sociology of* W.E.B. Du Bois*:*** *racialized modernity and the global color line.* New York: New York University Press. 2020.

JAMBA, Sousa. **O racismo em Angola.** Seminário Angolense. 2004.

JORNAL DE ANGOLA. **Delinquência juvenil em Luanda.** 2008. Disponível em: https://www.angonoticias.com/Artigos/item/19802/delinquencia-juvenil-em-luanda-deve-se-ao-desemprego-e-pobreza-revela-estudo. Acesso em: 23 out. 2022.

JORNAL DE ANGOLA. **Políticas públicas com foco nos jovens**. 2019. Disponível em: https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/politicas-publicas-com-foco-nos-jovens/. Acesso em: 18 nov. 2022.

JUVÊNCIO, J. F. **Abordagem hegemônica e aptidão física de trabalhadores do setor informal, estudos de multicados dos fabricantes de panchas de surfe.** Tese de Doutorado em Engenharia de produção. UFSC. 2002.

KATZMAN, R. ***Vulnerabilidad, activos y exclusión social en* Argentina y Uruguay.** Santiago de Chile, OIT- Ford. 1999.

KAZTMAN, R. ***Segregacion espacial, empleo y pobreza en* Montevideo.** In: Revista de la CEPAL. 85. Santiago de Chile: CEPAL. 2005.

KINSUMBA, Ulisses Álvaro. **Crescimento económico versus desenvolvimento humano em angola.** Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 2016.

KOPPELE, B. **Crianças de rua em Angola:** caraterização das suas expressões culturais. Dissertação de mestrado em Sociologia de infância. Universidade do Minho, Instituto de Educação. 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **O vínculo ritual. Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo.** João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

LAGO, Mateus Pereira. **Cinesia Joelma – trajetórias & corporeidade da expoente do movimento calipso brasileiro.** Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês. 2019.

LALANDA, Piedade. **Sobre a metodologia qualitativa na análise sociológica – Análise Social**. 1998.

LAMY, Philippe. **A Ocupação Colonial da África.** Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial. 2020.

LEANDRO et al. **"Construção de rupturas sociais:** Pobreza e exclusão social na perspectiva das Sociologias da integração social" in Maria Engrácia Leandro (Coord.) Laços familiares e sociais. Viseu: Psicossoma, 227-248. 2011.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

LESSA, Sérgio. **Capacitação em Serviço Social e Política Social**: Reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.

LEVINE, Ross. ***Finance and Growth:*** *Theory and Evidence*. 2004.

LIMA, Redy. **De gangues a organizações de rua:** grupos de jovens armados e a construção de uma cultura de resistência. Revista periferias. s/d.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo.** 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2006. 174p.

LONGHI, Márcia Reis. **Reflexões sobre reconhecimento e insulto moral a partir de trajetórias de rapazes moradores de uma comunidade pobre do Recife.** Texto apresentado ao GT 34: Sociologia e Antropologia da Moral, da 35° Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, ANPOCS, 2011.

LOPES, Carlos Lopes. **Crescimento económico e desigualdade:** As novidades pós Consenso de Washington», Revista Crítica de Ciências Sociais, 94, 2011.

LOPES, Carlos. **África em Transformação:** Desenvolvimento económico na era da dúvida Autor: Carlos Lopes Tradução: Myriam Zaluar Revisão e composição: Tinta-da-china Capa: Tinta-da-china (P. Serpa) 1.ª edição: Março de 2020.

LOPES, Carlos. **Candongueiros e Kupapatas:** Acumulação, Risco e Sobrevivência na Economia Informal em Angola. Cascais: Princípia. 2011.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 1986.

LUSSI, Carmen. **Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio.** Psicologia USP, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 136-44, 2015ª.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica:** guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola,1994.

MARINHO, Marco Antônio Couto. **Trajetórias de Vida:** um conceito em construção. 2017.

MARGULIS, Mario. ***Juventud:*** *una aproximación conceptual.* In: BURAK, Solum Donas (org.). *Adolescência y Juventud en América Latina.* Cartago: Libro Universitária Regio nal, 2001, p. 41-56.

MARTINELLI, M. L. **Serviço social:** identidade e alienação. São Paulo: Cortez. 1991.

MARTINS, José de Souza. **Massacre dos inocentes.** A criança sem infância no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1993.

MARTINS, Regina Helena Oliveira; TELAROLLI, Teresa Cristina. **"Experiências de violência:** gangues e armas". RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 2004.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Os despossuídos.** Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2017.

MCK, Rapper. **Na fila do banco**. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fClIok11Www&ab_channel=Angolaunderground. Acesso em: 19 out. 2023.

MENDES, José Manuel. **Do ressentimento ao reconhecimento:** vozes, identidades e processos políticos nos Açores (1974-1996). Tese de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 1999.

MERTON, Robert. **Sociologia: Teoria e Estrutura.** São Paulo. 1970.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 21-65.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa:** entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTAÑO, C. **Pobreza, "questão social" e seu enfrentamento.** 2012.

MORETIN, Antônio Miguel. **As juventudes: conceitos sob as perspectivas sociológicas.** 2019.

MORIN, E. **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. In: ALMEIDA, M. C; CARVALHO, E. A. (Orgs). 3 ed. São Paulo: Cortez: p. 101, 2005.
MORIN, E. **O Problema Epistemológico da Complexidade.** Men-Martins: Europa-América. 1983.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** Usos e Sentidos. São Paulo: Ática, 1986.
MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade Etnia.** 2004.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Geografia de Angola. s/d.** Disponível em: https://mundoeducacao-uol-com br.cdn.ampproject.org/v/s/mundoeducacao.uol.com.br/amp/geografia/angola.htm. Acesso em: 11 out. 2022.

MUONDO, Daniel Luciano; OLIVEIRA, Cirlene Aparecida Hilário da Silva. **A educação pelos direitos humanos em angola e a questão étnico-racial.** 2021.

NASCIMENTO, Elimar. **Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social:** dos excluídos necessário s aos excluídos desnecessários. 1994.

NEGREIROS, J. **Delinquências Juvenis.** Trajetórias, Intervenções e Prevenção. Editorial Notícias. (1.ª ed.). Lisboa: Coleção Comportamentos. 2001.

NETO, Maria da Conceição. **De Escravos a "Serviçais", de "Serviçais" a "Contratados":** Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial. 2021.

NEVES et al. **"Subdesenvolvimento e pobreza:** A luta de Celso Furtado pelo desenvolvimento para combater a pobreza". Oficina do CES 391. Coimbra. 2012.

NEVES, João César das. **Introdução a Economia.** 10ª Ed. Lisboa: Edição Babel. 2013.

NOVAES, R. **Jogos de espelhos Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas.** 2011.

NOVAES, Regina C. R; RIBEIRO, E; SOUZA, P. L. Juventude: jogos de espelhos. In: Revista Ciência e Vida Sociologia Especial, São Paulo, p. 6 - 11, out. 2007.

OLIVEIRA, Rafael Sérgio Lima. **Interesse privado:** uma reflexão acerca da supremacia do interesse público no estado social. In: LIMA, Fernando Rister de Sousa. PORT, Otávio Henrique Martins. Oliveira, Rafael Sérgio Lima de Oliveira (Coord.). **Poder Judiciário, Direitos Sociais e Racionalidade Jurídica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA, Sílvia de. **Dinâmicas educativas da juventude angolana.** Revista Angolana de Sociologia [Online], 8 | 2011.

OLIVEIRA, Sílvia de. ***Looking at poverty in Angola. Causes, consequences and strategies for its eradic.*** 2011.

OLIVEIRA; SÍLVIA. **Olhar a pobreza em Angola:** Causas, consequência e estratégias para a sua erradicação. Publicado em 2012.

ORTIZ, Maria Elena Rodriguez. **Justiça social:** uma questão de direito. Rio de Janeiro: Fase, 2004.

OZELLA, S. Org. et col. Adolescência construída – Psicologia sócio e história. Cortz, 2003, São Paulo.

PAIS, J. M. **A Construção Sociológica da Juventude – Alguns Contributos", Análise Social.** vol. XXV (105-106), p. 139-165, 1990.

PAIS, J. M. **Traços e riscos de vida, uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis.** Ambar, Lisboa, 1999.

PAIS, J. M.; Cairns, D.; Pappámikail, L. **Jovens europeus:** retrato da diversidade. Tempo Social, 17 (2), 109-140. 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
PASTORINI, Alejandra. **A categoria "questão social em debate".** Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2004.

PAUGAM, Serge. ***La disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté.*** Paris, Presses Universitaires de France, 1991.

PAUGAM, Serge. **Pesquisa sociológica.** Ed. Vozes, 2015.

PAUGAM, Serge; COUSIN, Bruno; GIORGETTI, Camila; NAUDET, Jules. ***Ce que les riches pensent des pauvres*.** Paris, Seuil, 2017.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico.** In: São Paulo 2006, p. 12-19.

PESTANA, Nelson. **Relatório Social de Angola 2010.** Luanda: Centro de estudos e investigação – UCAN, 2011, pp. 222.

PIKETTY, Thomas. **A economia das desigualdades.** 2014.

PIKETTY, Thomas. ***Putting distribution back at the center of economics:*** *reflections on capital in the Twenty-First Century. Journal of Economic Perspectives,* v. 29, n. 1, p. 67-88, 2015.

PIMENTA, M. E. **Eventuais causas e consequências da delinquência em Angola.** Edição Calçada das Letras, 3.ª ed. Lisboa – 2012.

PINTO, João Paulo Henrique. "**A identidade nacional angolana - definição, construção e usos políticos"**. 2016.

PIRES, Álvaro P. ***Recentes L'analyse causale? Visages de la causalite em sciences sociales et em recherche qualitative. Sociologie et sociétés.*** Vol.25, n.2. 1993; p.191-2009.

POPAY, J.; ESCOREL, S.; HERNÁNDEZ, M.; JOHNSTON, H.: MATHIESON, J.; RISPEL, L. ***Understanding and Tackling Social Exclusion. Final Report to the WHO Commission on Social Determinants of Health from the Social Exclusion Knowledge Network***, 2008.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESEVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano.** 1997. Disponível em: https://www.insdip.com/wp-content/uploads/2020/10/Informe-sobre-desarrollo-humano-1997-ingles.pdf. Acesso em: 3 Abr. 2023.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais:** Do "Indizível" ao "Dizível". Editora Vértice, São Paulo, 1988.

QUIJANO, Aníbal. ***Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.*** In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.* Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAFAEL, Frederico Meco Milonga; YOBA, Carlos Pedro Cláver. **Desigualdade social, sua incidência no desenvolvimento sustentável da Lunda Sul Social.** KULONGESA – TES, ISSN 2707-353X. 2020.

RANGEL, Hélen Orlandi. **Exportar para Angola, e Agora.** 2018.

REHBEIN, Boike. ***Studying Social Inequality, Social Class and Sociocultures.*** 2021. In: **Desigualdades globais e justiça social** [livro eletrônico]: interfaces teóricas, acesso à justiça e democracia / organização Rebecca Lemos Igreja, Camilo Negri. 1. ed. Brasília, DF: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2021.

REIS, A. A. C; MALTA, D. C; & FURTADO, L. A. C. **Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE).** 2018.

RELATORIO De DESEVOLVIMENTO HUMANO-RDH. **Referente ao ano de 2010:** Disponível em: « http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/PNUD_HDR_2010.pdf». Acesso em 02 fev. 2023.

RIBAS, Rafael; GOLGHER, André. **Vulnerabilidade à pobreza no Brasil:** Medindo risco e condicionalidade a partir da função de consumo das famílias. In ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais) XV Encontro de Estudos Populacionais. Minas Gerais, Brasil 18-22 de Setembro. 2006.

RISTER, Carla Abrantkoski. **Direito ao desenvolvimento:** antecedentes, significados e consequências. Rio de Janeiro: Renovar, 2007.

ROCHA, Sonia. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho.** Caderno CRH [online], v. 21, n. 54, pp. 533-550, 2008.

ROUSSEAU, J***. l'education.*** Paris: Gallimard, 1969.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade (1754).** 2001.

SÁ, Leonardo. **A condição de 'bichão da favela' e a busca por 'consideração':** Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 2, 2011, p. 339-355.

SALES, M. A. **Visibilidade perversa:** adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SALGADO, Jorge Arzate. **Desigualdades sob o ponto de vista da Complexidade:** Rumo a uma Epistemologia Teórica regulamentos de conflito social. 2009.

SALGADO, Jorge Arzate. ***Las desigualdades desde una perspectiva de complejidad:*** *Hacia una epistemología teórico-normativa del conflicto social Revista de Paz y Conflictos,* núm. 2, 2010, pp. 44-58.

SALOMÃO, Janísio Camoto. **Angola 40 anos:** o desemprego em Angola. Academiaedu, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/15985471. Acesso em: 10 março.2024.

SAMBA, Simão João. **Significados do trabalho informal em Luanda:** luta, coragem e persistências dos jovens migrantes. Tese de Doutorado em Serviço Social-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do Tempo-para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006, p, 280-281.

SANTOS, E.F. **Aspectos da língua portuguesa em Angola.** PAPIA, 28(1), 2018, p. 25-49.

SCALON, Celi. **Desigualdade, pobreza e políticas públicas:** notas para um debate. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 1, p. 49-68.

SCHMITT, Aurélio. «**Municípios de Angola:** Censo 2014 e Estimativa de 2018». Revista Conexão Emancipacionista. 2018.

SCOTT, Juliano Beck et al. **O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil:** uma revisão sistemática da literatura. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 600-615, ago. 2018.

SEBASTIÃO, João. **Democratização do Ensino, Desigualdades Sociais e Trajetórias Escolares.** Fundação *Calouste Gulbenkian,* Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

SEN, A. **Desigualdade reexaminada.** Rio de Janeiro, Record, 2001.

SILVA, Antônio Carlos Matias da. **Angola:** história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. 2018.

SILVA, Carla Regina, e LOPES, Roseli Esquerdo. "**Adolescência e juventude:** entre conceitos e políticas públicas", Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, dezembro de 2009.

SILVA, Eugénio Alves. **Educação, Gestão Escolar e Projecto Educativo, in Educação e Desenvolvimento Local.** 1º Fórum Provincial da Educação da Huila. ECO7 Investimentos, Lda. Luanda, 2017.

SILVA, O. S. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas:** caracterizando e problematizando a realidade brasileira. Revista Katálysis, v. 13, n. 2, p. 155-163, jul./dez. 2010.

SOLOW, ROBERT, **A contribuição à teoria do crescimento económico.** *The Quarterly Journal of Economics,* v. LXX, Feb. 1956.

SOUZA, Jessé. **(Não) reconhecimento e subcidadania, ou o que é "ser gente"?** 2003.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira:** Quem é e como vive. Ed. UFMG. 2011.

SPOSITO, Marilia Pontes. **Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil:** educação, ação coletiva e cultural. Educação e Pesquisa, v. 36, n. spe, Abril, 2010, p. 95-106.

STRECHT, P. (2005). **Vontade de ser.** Lisboa: Assirio e Alvim. Strecht, P. (2003). **À margem do amor:** Notas sobre delinquência juvenil. Lisboa: Assírio e Alvim. 2005.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho.** A fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TATI, João Tibúrcio. **Restos de guerra:** Trajetórias e modos de vida dos jovens no município do Cacuaco, Luanda. Dissertação de Mestrado-Universidade de São Paulo. 2009.

TAVARES, W. **A Delinquência Juvenil em Angola. Contributo para a Caraterização do Jovem Delinquente Angolano e sua Reabilitação através da Justiça Restaurativa.** Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídico-Processuais, Universidade Autónoma de Lisboa. 2016.

TAYLOR, C. ***Sources of the self, Cambridge,*** **Cambridge University.** 1989.

TEIXEIRA, Carlos dos Santos. **Análise e avaliação das políticas públicas:** seu impacto no desenvolvimento local em Angola. 2015.

TELLES, Tiago Santos et al. **Criminalidade Juvenil:** a vulnerabilidade dos adolescentes. In: Revista de Psicologia de Unesp Vol. 5 N° 1. pp. 28-40. Assis: Unesp, 2006.

TOWNSEND, P. ***Poverty in the United Kingdom:*** *A Survey of Household Resources and Standards of Living.* Berkeley and Los Angeles. University of California Press, 1979.

UNICEF Angola. **Políticas Sociais.** 2015. Disponível em: https://www.unicef.org/angola/o-que-fazemos-em-angola. Acesso em: 10 Set. 2022.

UNICEF. **Pobreza infantil nos países ricos.** 2005. Disponível em: https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/rc6_port.pdf. Acesso em: 10 Set. 2022.

VAZ, Paulo Gomes. **As "sacoleiras" a serviço do capital:** um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadoria. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.

VELOSO, Maria da Ressurreição da Silva. **Criminalidade em Angola na era da paz, com peculiar relevância da criminalidade juvenil.** Dissertação de Mestrado-Universidade Autónoma de Lisboa. 2014.

VERONESE, J. R. P.; COSTA, M. M. M. da. **Violência doméstica:** quando vítima é criança ou adolescente - uma leitura interdisciplinar. Florianópolis: OAB, 2006.

VIANA, Hermano. **Galeras cariocas.** Rio de Janeiro, Editora da UFRJ. 1997.

VIANA, N. **A dinâmica da violência juvenil.** Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

VIEIRA, Danielli**. Histórias sobre homicídios entre jovens:** 'Mundo do crime' e comensurabilidade. Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 2, 2011, p. 281-308.

VIGNOLI, J. R. ***Vulnerabilidad*** **Demográfica en América Latina:** qué hay de nuevo? In: Seminario *Vulnerabilidad*, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência IV:** os jovens no Brasil. Brasília: UNESCO; Instituto Ayrton Senna; Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2004. p. 161-166

WICKERT, Luciana. **Fim Desemprego e juventude:** jovens em busca do primeiro emprego. Psicologia: Ciência e Profissão [online], v. 26, n. 2, pp. 258-269, 2006.

WINEFIELD, A. H. ***Unemployment, underemployment, occupational stress and psychological well-being.*** *Australian Journal of Management*, 27(Special Issue), 137-148. 2002.

WOOD, L. G; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem:** métodos, avaliação e utilização. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.

YANNICK, Afroman. **Musica realista.** 2010. Disponível em: https://genius.com/Yannick-afroman-realista-lyrics. Acesso em: 19 Out. 2023-

YASBEK, M. C. **Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento.** Serviço Social e Sociedade, n. 110, p. 228-322, 2012.

YOBA, Carlos Pedro Cláver. **Participação da família e da escola na educação dos jovens.** Revista Construção Psicopedagógico. 2018.

ZALUAR, A. **Violência e crime.** In: _____. **O que ler na Ciência Social Brasileira.** São Paulo: Sumaré, 1999. p. 13-107. v.1: Antropologia.

QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS

Bloco I – Perspectivas

1. De onde você é? (Nome, idade se possível).
2. Você poderia explicar quais são suas atividades?
3. Por favor, conte-nos há quanto tempo você realiza esta atividade.
4. Por que razão exerce esta atividade?
5. Conte-nos um pouco sobre sua jornada até agora.
6. Você vai à escola?
7. Tem algum tipo de formação profissional?
8. Descreva brevemente suas atividades. Onde você consegue os produtos que vende?
9. E quanto você ganha em média por dia?
10. Você vende uma porcentagem através de um fornecedor ou diretamente?
11. Existem outros trabalhos além deste?
12. O que você ganhas aqui atende às suas necessidades?
13. Quem mais depende do dinheiro que você ganha com as vendas?

Bloco II – Desafios

1 - Quais são os principais desafios que você enfrenta?
2 - Em caso de dificuldades no seu dia-a-dia quem é que te presta ajuda?
3 - Tem algum colega de trabalho que é seu familiar, vizinho ou da mesma região?
4 - Você costuma ter problemas com a polícia/autoridades fiscais? Por favor, conte-me sua experiência.
5 - Você pretende continuar esta atividade?
6 - Já alguma vez procurou emprego?
7 - O que você acha que pode ser feito para melhorar ou parar a situação?
Vendendo na rua?

BLCO III - Outras visões

1 – À tua volta, a quem tenha vicio de dependência de alguma coisa? Tabaco, álcool, drogas.

2 – E tu tens algum tipo de vicio? Qual?

3 – Se sim. Com que frequência consomes; e como te sentes depois de consumires?

4 – Gostas da vida que tens? Se sim, porquê (foi preso um dia, pq)? E se não que tipo de vida gostarias de ter? Porquê?

5 – Que conselho darias aos jovens para não caírem na delinquência?

6 – Que conselho darias aos jovens delinquentes que querem mudar de vida?

Bloco 4 – Livre

1 – Quer falar algum comentário ou falar algo que não constou nessa entrevista?